



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS**



**O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA
COMUNIDADE SÍTIO CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)**

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2025

ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA

**O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA
COMUNIDADE SÍTIO CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB como requisito para a obtenção do título de **Mestre em Ensino das Ciências Ambientais**.

Área de Concentração: Ambiente e Sociedade

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Joelma Carvalho Vilar

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S729o Souza, Estefany Gabriele Pereira de.
O olhar das crianças sobre as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes – Paripiranga (BA) / Estefany Gabriele Pereira de Souza; orientadora Joelma Carvalho Vilar. – São Cristóvão, SE, 2025.
161 f.; il. + material adicional.

Dissertação (mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Ciências ambientais. 2. Educação ambiental - Bahia. 3. Comunidades agrícolas. 4. Brincadeiras. 5. Percepção em crianças. 6. Percepção geográfica. 7. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Vilar, Joelma Carvalho, orient. II. Título.

CDU 502:37(813.8)

ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA

**O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA
COMUNIDADE SÍTIO CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) e aprovada pela Banca Examinadora.

Dissertação aprovada em: 26 de Junho de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **JOELMA CARVALHO VILAR**
Data: 22/08/2025 11:07:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ELIS REGINA NUNES MOTA ARAÚJO**
Data: 23/08/2025 11:52:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Elis Regina Nunes Mota Araújo
- 1^a Examinadora Externa-

Prof.^a Dr.^a Rosana de Oliveira Santos Batista
-1^a Examinadora Interna-

Documento assinado digitalmente
 **MARILENE SANTOS**
Data: 22/08/2025 16:45:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marilene Santos
-2^a Examinadora Interna-

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2025

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de **Estefany Gabriele Pereira de Souza**, referente ao Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Associada Universidade Federal de Sergipe (UFS).



Documento assinado digitalmente
JOELMA CARVALHO VILAR
Data: 22/08/2025 11:07:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais
(PROFCIAMB/UFS)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2025

É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), cessão de direitos para publicação eletrônica, empréstimo e reprodução desta Dissertação com finalidade de estudos e pesquisas científicas.

Documento assinado digitalmente
 **ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA**
Data: 22/08/2025 12:48:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Estefany Gabriele Pereira de Souza
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais
(PROFCIAMB)

Documento assinado digitalmente
 **JOELMA CARVALHO VILAR**
Data: 22/08/2025 11:07:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Programa de Pós-Graduação em Rede para Ensino das Ciências Ambientais
(PROFCIAMB)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças, sobretudo, às nordestinas, pertencentes ao campo, que mesmo diante de tantas adversidades continuam a sorrir, a brilhar, a correr, a brincar, a estudar. Essas crianças que com toda potencialidade, energia, criatividade e inteligência transformam o mundo e principalmente contagiam com alegria as realidades em que vivem. Essas crianças que, mesmo com tanta desigualdade, seguem acreditando e buscando dias melhores. Crianças, eu admiro vocês!

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata ao grandioso Deus, por ter colocado o sonho do mestrado em meu coração e por ter preparado toda estrutura para que fosse possível essa realização; por ter me fortalecido para lidar com as adversidades e por me abençoar com pessoas muito especiais. A estas agradeço.

À minha mãe, Sandra, por toda amorosidade e dedicação. Mostrou-me desde a infância que a educação é o melhor caminho a ser trilhado. Sempre acreditou na minha capacidade de vencer os desafios. Mamãe, a senhora é minha força inspiradora.

Ao meu pai, Clarival, pelo amor, zelo e proteção que direciona a mim. A todo momento se fez presente e à disposição para me ajudar. Papai, o senhor é crucial em minha vida.

Ao meu esposo, Renival, por apoiar incondicionalmente os meus sonhos, pelas doses diárias de ânimo e fé, por ser um ombro amigo nos meus dias difíceis e por estar comigo durante todo o trilhar desta pesquisa.

Às minhas irmãs, Alessandra, Greyce e Lizze, que acreditam em meu potencial e torcem por minha felicidade e conquistas. Aos meus cunhados e sobrinhos, por cada gesto de apoio.

À minha comadre Aline, à minha afilhada Maria Alícia, à Sra. Ione, ao Sr. Edisio, a Edlaine e a Júlia, por todo afeto e acolhimento, família que me recebeu em São Cristóvão, oferecendo todo suporte necessário para essa fase significativa em minha vida. O que vocês fizeram por mim é impagável.

À minha orientadora ímpar, Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar, que, com sabedoria, paciência e leveza, esteve comigo no caminhar desta pesquisa. Professora, seu acolhimento com as minhas origens, com esta pesquisa, tornou o percurso mais prazeroso.

À inesquecível Prof.^a Dr.^a Rosana Batista, por todo acolhimento e ensinamentos. Professora, você contribuiu significativamente para meu processo de transformação enquanto pessoa e pesquisadora.

À incrível Prof.^a Dr.^a Shiziele Shimada, por apoiar e direcionar. Professora, suas palavras, organização e olhar crítico foram inspiradores nessa trajetória.

À Prof.^a Dr.^a Marilene Santos e à Prof.^a Dr.^a Elis Regina Nunes Mota Araújo, por dedicarem tempo e contribuírem com os avanços desta pesquisa.

Às minhas amigas forasteiras Ani e Adriana, com as quais partilhei angústias e alegrias. Amigas, ter vocês tornou tudo mais leve e significativo.

À querida Gabriela Lima, egressa do Profciamb, por ter agido como um anjo mensageiro, mostrou que o mestrado também poderia ser uma realidade para mim.

A todos os professores e colegas do PROFCIAMB, a quem tive a honra de encontrar e vivenciar momentos de partilhas.

RESUMO

O termo comunidade remete a um conjunto de pessoas que partilham algo em comum. No caso do Sítio Correntes, trata-se de uma comunidade campestre, formada a partir de vínculos familiares e pela relação com a terra. Sabendo que a relação entre sociedade e natureza se manifesta de diversas maneiras, inclusive através da infância, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as compreensões das crianças acerca das questões socioambientais da comunidade Sítio Correntes, utilizando o brincar como atividade educativa central para promover a reflexão e valorizar a expressão infantil sobre temas socioambientais. Esta investigação almeja alcançar as relações socioambientais na comunidade Correntes sob a perspectiva infantil, valorizando as crianças como sujeitos ativos na construção do conhecimento e nas vivências no contexto da comunidade. Desse modo, a presente pesquisa é definida como de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, caráter exploratório-descritivo e base metodológica na pesquisa participante. As principais técnicas de coleta de dados utilizadas foram a observação participante, a realização de rodas de conversas e diálogos. Esses procedimentos metodológicos possibilitaram conhecer profundamente a realidade da comunidade, a partir das práticas cotidianas direcionadas para o meio ambiente, bem como analisar as manifestações das crianças acerca da realidade vivida na comunidade à qual pertencem. Assim, o contexto da comunidade foi discutido a partir das compreensões das crianças, considerando que, por serem moradoras da comunidade, conhecem a realidade e, portanto, são qualificadas a contribuir com suas visões, vozes e sua principal linguagem: o brincar. Também foram realizadas oficinas de extensão, nomeadas como Oficinas do Brincar Socioambiental, cuja concretização possibilitou a elaboração de um guia de oficinas pedagógicas sobre temáticas socioambientais. Por meio desses momentos as crianças manifestaram suas compreensões sobre a realidade local, expressando essas através de desenhos, registros escritos, falas, momentos do brincar. Logo, essa pesquisa demonstra que as crianças são sujeitos que possuem olhares críticos acerca das realidades, bem como são cidadãos interessados em participar de movimentos que visem a melhoria da sociedade.

Palavras-chave: criança; brincar; natureza; comunidade; questão socioambiental.

ABSTRACT

The term community refers to a group of people who share something in common. In the case of Sítio Correntes, it is a rural community formed by family ties and a relationship with the land. Knowing that the relationship between society and nature manifests itself in diverse ways, including through childhood, this research aims to analyze children's understanding of socio-environmental issues in the Sítio Correntes community, using play as a central educational activity to promote reflection and value children's expression on socio-environmental issues. This research aims to explore socio-environmental relationships in the Correntes community from a child's perspective, valuing children as active subjects in the construction of knowledge and experiences within the community. Thus, this research is defined as applied in nature, with a qualitative approach, exploratory-descriptive design, and a methodological basis in participatory research. The main data collection techniques used were participant observation, discussion groups, and dialogues. These methodological procedures enabled an in-depth understanding of the community's reality, based on daily practices related to the environment, as well as analyzing children's responses to the reality experienced in their community. Thus, the community context was discussed based on the children's understandings, considering that, as community residents, they are familiar with the reality and, therefore, qualified to contribute their perspectives, voices, and their primary language: play. Extension workshops, called Socio-Environmental Play Workshops, were also held, whose implementation enabled the development of a guide for pedagogical workshops on socio-environmental themes. Through these moments, the children expressed their understandings of the local reality through drawings, written records, speech, and play. Therefore, this research demonstrates that children are subjects who have critical views on realities, as well as being citizens interested in participating in movements that aim to improve society.

Keywords: child; play; nature; community; socio-environmental issue.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

EANF – Educação Ambiental Não Formal

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PP – Pesquisa Participante

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições Metodológicas.....	64
Quadro 2 – Oficinas do Brincar Socioambiental.....	72
Quadro 3 - Quadro de atividades realizadas com as crianças.....	128

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Comunidade Correntes.....	75
Figura 2 - Evento religioso na Igreja São Joaquim na comunidade Correntes.....	76
Figura 3 – Queimas na comunidade Correntes.....	76
Figura 4 – Resíduos sólidos descartados a céu aberto.....	77
Figura 5 – Crianças brincando ao ar livre na comunidade.....	84
Figura 6 – Crianças brincando no segundo encontro.....	89
Figura 7 – O encontro com tamarindos.....	93
Figura 8 – Crianças em árvore.....	94
Figura 9 – Criança brincando com gravetos.....	96
Figura 10 – Piquenique.....	97
Figura 11 – Crianças e o contato com a natureza.....	99
Figura 12 – Crianças brincando ao ar livre.....	101
Figura 13 – Ilustração realizada pela criança para representar o encontro.....	103
Figura 14 – Diálogos sobre o conceito de natureza.....	107
Figura 15 – A comunidade enquanto um laboratório natural.....	111
Figura 16 - Ilustração da criança representando natureza e poluição do ar	114
Figura 17 – Desenho que associa a comunidade ao descanso.....	115
Figura 18 – Placa de indicação Sítio Correntes e comunidades circunvizinhas.....	116
Figura 19 – O partilhar de saberes e vivências entre comunidades.....	118
Figura 20 – Horta na comunidade Cajueiro.....	119
Figura 21 – Pequeno caju nas mãos de uma criança.....	120
Figura 22 – Crianças colhendo frutos.....	121
Figura 23 – O trilhar no território da comunidade Cajueiro.....	122
Figura 24 – Crianças e o pé de feijão.....	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - A INFÂNCIA E O BRINCAR.....	22
1.1 Concepções de criança e a infância.....	22
1.2 O brincar da criança e o desenvolvimento infantil.....	30
1.3 O brincar como uma manifestação pessoal e social da criança.....	35
CAPÍTULO 2 - AS RELAÇÕES COTIDIANAS NA COMUNIDADE DO CAMPO.....	40
2.1 Elementos fundamentais da vida em comunidade.....	40
2.2 Saberes que fortalecem a comunidade.....	45
2.3 O despertar através da Educação Ambiental Crítica.....	51
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UM PASSO POR VEZ PARA O SEMEAR NO CAMPO.....	56
3.1 O desenho do caminho.....	56
3.2 Abordagem metodológica.....	57
3.3 Procedimentos e técnicas de coleta de dados	60
3.4 Sujeitos da pesquisa.....	65
3.5 Lócus da pesquisa.....	68
3.6 Oficinas: consolidar saberes e fortalecer laços.....	69
CAPÍTULO 4 - FLORESCENDO A PESQUISA NO CAMPO.....	74
4.1 Contextualização da pesquisa.....	74
4.2 A criança e o brincar.....	79
4.3 A criança e a natureza.....	90
4.4 A criança e as questões socioambientais.....	109
4.5 As compreensões e expectativas das crianças para comunidade.....	123
CAPÍTULO 5 – GUIA DE OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	130
5.1 O guia de oficinas pedagógicas como material de apoio e expressão do protagonismo infantil.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

As interações entre sociedade e natureza são indissociáveis e constituem a base dos ambientes, moldando de forma significativa as vivências nas comunidades campesinas. Nessas comunidades é possível observar a relação com a terra, a utilização dos elementos naturais, entendimentos sobre os ciclos da natureza, um modo de vida que é atrelado ao território e as riquezas naturais. Sendo assim, compreender essas relações é também aprofundar-se nas vivências construídas pelos moradores, analisando a forma como estes visualizam o ambiente e se posicionam na conjuntura sujeito e meio ambiente, de forma peculiar, esta investigação irá analisar essas relações a partir das perspectivas infantis.

As crianças estão presentes nos diversos ambientes, participam do cotidiano e constroem suas interpretações sobre o meio em que vivem. Assim, realizar uma investigação sobre as dinâmicas socioambientais de uma comunidade é uma oportunidade significativa de alcançar as compreensões e interações das crianças que, por vezes, passam despercebidas aos olhos dos adultos. Nesse contexto, é essencial reconhecer as necessidades das crianças e inserir os elementos que compõem o universo infantil, a fim de assegurar às crianças espaços que acolham a sua participação, uma escuta atenta e um olhar qualificado às diversas formas pelas quais manifestam suas experiências e compreensões (Rodrigues; Borges; Silva, 2014).

É importante construir espaços convidativos à participação das crianças, reconhecendo-as enquanto sujeitos ativos. Para Cruz (2002), é significativo a produção de conhecimentos sobre a realidade que possui como base principal as percepções desses pequenos seres. Guzczac e Marchi (2021) afirmam que as pesquisas sobre crianças é algo comum nas diversas áreas científicas, a inovação se encontra nas investigações que alcançam a participação da criança de forma ativa e valoriza as expressões infantis. Logo, é importante oportunizar a criança os momentos de acolhimento e participação enquanto cidadã e produtora de cultura, que deve ter participação nos processos de transformações (Rodrigues; Borges; Silva, 2014).

A partir desta perspectiva, o olhar infantil é o principal condutor para desvendar as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes. Ao longo do estudo, as crianças da comunidade atuam como sujeitos sociais centrais, guiando a investigação pelo território ao qual pertencem. Elas expressam livremente tanto os aspectos positivos quanto as questões que as desagradam e persistem na comunidade. Dessa forma, as crianças descrevem o que visualizam,

compartilham as práticas locais, as motivações por trás delas, oferecendo um panorama singular e valioso sobre a dinâmica socioambiental da comunidade.

A comunidade Correntes, situada no município de Paripiranga (BA), teve sua origem a partir de famílias que se estabeleceram na região e desenvolveram o próprio modo de vida. As relações construídas ao longo do tempo influenciam diretamente a maneira como os moradores percebem e interagem com os elementos da natureza. Dessa forma, o trabalho no campo, a convivência entre vizinhos e as práticas ambientais refletem os princípios, saberes e experiências que possibilitaram a formação da comunidade.

Esse modo de vida é compartilhado rotineiramente com as novas gerações, incluindo crianças e adolescentes. Embora vivam em um período histórico diferente e tenham necessidades distintas, eles continuam a receber e a adaptar os aspectos culturais de acordo com seu contexto e necessidades, são ensinamentos compartilhados entre familiares e vizinhos. Sendo importante destacar que embora a realidade vivida seja semelhante, cada sujeito terá suas compreensões (Pereira, 2013).

Ademais, a comunidade Correntes vivencia uma dinâmica complexa por ser uma realidade onde as práticas agrícolas tradicionais e os saberes ancestrais permanecem, no entanto, com o decorrer do tempo demandas capitalistas a exemplo da periurbanização, expansão do agronegócio também estão firmando-se no território e ocasionando transformações no modo de vida da comunidade. Texeira, Terra e Herrera (2018) destacam que a chegada de novos sujeitos no território, com intuito inserir novas dinâmicas acerca da terra, provoca conflitos na comunidade.

Nesta localidade, problemáticas socioambientais como as recorrentes queimadas, o descarte inadequado de resíduos, a poluição atmosférica, o desperdício de água, a progressiva implantação do agronegócio e as transformações decorrentes do processo da periurbanização são vivenciadas cotidianamente pelos moradores. Embora percebam essas questões acontecendo na comunidade, mostram-se inseguros em relação às ações que podem ser implementadas para mover-se contra os problemas. Essas inseguranças são decorrentes da ausência de formações que os instruísem sobre a defesa de seus territórios. Dessa forma, os moradores adultos duvidam da possibilidade de resolução dessas questões.

Com base nessa realidade, a pesquisa fomentou as discussões em torno desses acontecimentos na comunidade, para que as crianças manifestassem suas visões, de formas diversificadas, fortalecendo a perspectiva participativa desses sujeitos. As crianças são sujeitos ativos dentro da comunidade, exercendo sua presença cotidiana por meio do brincar e das diversas interações sociais que estabelecem. O brincar, enquanto atividade principal na

infância, não apenas estabelece uma relação com o desenvolvimento da criança, mas também representa um modo de expressão e potencializa as vivências (Queiroz; Maciel; Branco, 2006).

Em um contexto marcado por crises ambientais que afetam diretamente a vida de diversas populações e comunidades, é necessário fomentar reflexões críticas e promover ações formativas que possibilitem a identificação das vulnerabilidades socioambientais específicas das regiões mais afetadas. É importante desenvolver pesquisas que atuem em contextos marcados por desigualdades sociais e ambientais, onde comunidades enfrentam dificuldades de acesso a estratégias eficazes de defesa territorial e resistem para proteger seus modos de vida pautado no pertencimento àquele território.

Tal discussão torna-se ainda mais relevante quando realizada a partir das percepções infantis, frequentemente invisibilizadas nos debates acadêmicos e institucionais. Ao reconhecer as crianças como sujeitos capazes de interpretar, questionar e interagir com seu meio, amplia-se a compreensão sobre as dinâmicas territoriais e as formas como diferentes grupos vivenciam e atribuem sentidos à natureza. Sendo assim, o ineditismo desta pesquisa reside na escolha metodológica de investigar a realidade da comunidade a partir dos olhares das crianças, reconhecendo-as como sujeitos sociais ativos e constituintes de saberes próprios. Ao valorizar suas percepções, vivências e formas de expressão, o estudo rompe com a lógica adultocêntrica e contribui para a potencialização das vozes infantis nos processos de produção do conhecimento, sobretudo em temáticas socioambientais.

Para a pesquisadora, desenvolver uma investigação em parceria com as crianças, abordando uma temática significativa e envolvendo sujeitos tão relevantes, representou um processo de imersão em uma realidade até então desconhecida: a cultura do campo. Apesar de já possuir um vínculo prévio com a comunidade, estabelecido por meio da convivência e da proximidade com seus moradores, a pesquisadora reconhece que seu conhecimento inicial sobre o modo de vida local era limitado e superficial. Assim, a escolha por investigar as relações socioambientais na comunidade Correntes, a partir do olhar das crianças, configurou-se como uma oportunidade fundamental para aprofundar sua compreensão e desconstruir visões simplificadas, que anteriormente permeavam sua percepção.

Ademais, existe um amplo acervo de pesquisas com temáticas ambientais, essas são produzidas, majoritariamente, a partir da participação de adultos. Sendo necessário reconhecer que, no âmbito científico, as compreensões das crianças costumam ser invisibilizadas, centralizando-se frequentemente nos adultos. Dessa forma, o diferencial deste estudo está em aprofundar-se nas relações socioambientais de uma comunidade campesina com base nas perspectivas infantis. Assim, a participação das crianças não é enquanto objeto de estudo, estas

são reconhecidas enquanto sujeitos atuantes na construção da pesquisa, a partir de suas compreensões.

Para aprofundar o conhecimento acerca das produções que dialogam com a presente pesquisa, foram realizadas buscas em repositórios especializados. Foi imprescindível delimitar o foco para estudos que abordassem temáticas relacionadas às categorias investigativas deste trabalho: a criança e o brincar, a criança e a natureza, e a crianças frente às questões socioambientais. No repositório do PROFCIAMB, por meio da busca com os termos “criança e natureza”, foram identificadas, entre teses e dissertações, 1 (uma) dissertação que trata da relação da criança com o espaço natural, desenvolvida por Josiene de Carvalho Santana. E nenhum trabalho foi encontrado quando utilizados os conceitos “criança e brincar”, “criança e questões socioambientais”.

Ao realizar buscas no repositório da UFS utilizando os mesmos termos, foi possível identificar pesquisas relacionadas ao brincar enquanto instrumento educativo e de desenvolvimento infantil. Em relação à “criança e natureza”, foram encontradas produções que abordam crianças e práticas na educação infantil. No entanto, ao utilizar o termo “crianças e questões socioambientais”, não foram identificados trabalhos específicos nessa área. Os resultados da busca realizada nos repositórios evidenciam a lacuna existente em produções científicas referentes à participação das crianças nas temáticas socioambientais, o que confere a esta investigação um caráter de produção inédita na perspectiva científica.

Com o objetivo de construir uma base teórica consistente para a fundamentação da pesquisa, foram selecionados autores que dialogam com três eixos principais: a criança e o brincar; a criança e a natureza; e a criança nas questões socioambientais. Para discutir a concepção de criança e infância, bem como a importância do brincar, foram utilizados autores como Ariés (1986), Pottmeier (2020), Rousseau (1995) e Vigotski (2009). No que se refere à relação entre criança e natureza, destacam-se as contribuições de Tiriba e Profice (2019). Já para compreender as questões socioambientais e a formação de comunidade, são adotadas as reflexões de Loureiro e Layrargues (2013), Leff (2009), Bauman (2003) e Tönnies (1973).

Desse modo, este estudo fomentado pelas Ciências Ambientais almeja aprofundar-se na realidade da comunidade, gerando análises e ações significativas através da participação ativa das crianças, enquanto cidadãos de direitos, que também constituem a comunidade. No mais, as crianças são aptas a traçarem ações pautadas na Educação Ambiental, intencionando melhorias na comunidade à qual pertencem, resultantes das reflexões decorrentes da relação sociedade e natureza, identificadas durante a investigação.

No contexto atual, os ODS 2030 são pautas importantes a serem alcançadas com o intuito de uma relação equilibrada com o ecossistema, de forma que os danos sejam mínimos. Embora sejam objetivos complexos para serem alcançados, pesquisas como esta contribuem para o avanço dessas metas. Desse modo, a presente investigação está conectada ao ODS 4, o qual preza pela educação de qualidade para todos os sujeitos. Na presente pesquisa, há uma construção e partilha de saberes na perspectiva não formal, propiciando discussões pertinentes acerca das ações humanas sobre a natureza, em uma perspectiva coletiva. Logo, em um período em que as questões socioambientais são alarmantes, processos formativos contribuem para a sensibilização e aprofundamento da visão crítica acerca dos acontecimentos.

A partir das relações referentes às crianças e suas relações na comunidade, alguns questionamentos emergiram sobre esta pesquisa: **i)** Quais as brincadeiras relacionadas ao ambiente natural as crianças desenvolvem no cotidiano da comunidade Sítio Correntes? **ii)** De que forma o brincar, como ferramenta pedagógica, estimula a reflexão das crianças sobre o tema socioambiental na comunidade? **iii)** Como as brincadeiras e atividades lúdicas podem identificar as representações das crianças sobre os problemas sociais e ambientais da comunidade?

Desse modo, para direcionar o caminho a ser seguido na pesquisa, foram traçadas as seguintes finalidades. Como objetivo geral foi proposto: **analisar as compreensões das crianças acerca das questões socioambientais da comunidade Sítio Correntes, utilizando o brincar como atividade educativa central para promover a reflexão e valorizar a expressão infantil sobre temas socioambientais.**

Ademais, de forma específica objetivou-se: **a)** Identificar através de observação as brincadeiras que as crianças desenvolvem no cotidiano na comunidade relacionadas ao ambiente natural; **b)** Refletir sobre a função do brincar como ferramenta pedagógica para estimular a reflexão da criança sobre as questões socioambientais; **c)** Identificar, por meio de brincadeiras e atividades lúdicas, as representações das crianças sobre os problemas socioambientais da comunidade; **d)** Construir um guia de oficinas pedagógicas a partir das oficinas realizadas sobre as relações socioambientais.

Os objetivos direcionaram todo planejamento e ações da pesquisa. Cada etapa foi construída para que as crianças se reconhecessem como sujeitos ativos na própria realidade, manifestando suas compreensões acerca das dinâmicas socioambientais na comunidade. Nesse sentido, foram traçados procedimentos metodológicos que guiaram as ações em cada etapa do desenvolvimento do trabalho, visando ao alcance dos objetivos traçados. Esta investigação foi desenvolvida com base metodológica na Pesquisa Participante. Trata-se de um estudo de

natureza aplicada, abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo. Com foco na atuação infantil, a coleta de dados se deu através de uma combinação estratégica de observação participante, rodas de conversa, diálogos com os sujeitos.

Adota como base metodológica a pesquisa participante, uma vez que exige a inserção da pesquisadora na comunidade, estabelecendo vínculos com os sujeitos da investigação e possibilitando a observação direta das dinâmicas sociais e ambientais locais. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, pois visa gerar conhecimentos voltados à resolução de problemas concretos, contribuindo com a realidade investigada. Além disso, por considerar as vivências infantis, as construções simbólicas e a dimensão subjetiva dos fenômenos estudados, adota-se uma abordagem qualitativa, a qual possibilita a compreensão aprofundada dos sentidos e significados atribuídos pelas crianças ao seu território e à relação com a natureza. Do ponto de vista dos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, pois visa tanto compreender um fenômeno ainda pouco investigado, as dinâmicas socioambientais sob a perspectiva infantil, quanto descrever as particularidades e significados atribuídos pelas crianças à sua convivência com o meio e com a comunidade.

Ademais, a coleta de dados foi realizada por meio da observação participante na realidade investigada, possibilitando uma imersão no cotidiano da comunidade e o acompanhamento direto das interações e práticas das crianças em seu território. Também foram utilizadas rodas de conversa, com o intuito de construir o conhecimento de forma coletiva e dialógica, valorizando os saberes compartilhados no grupo. Além disso, foram promovidos diálogos abertos com as crianças, com o objetivo de estar mais próxima das suas percepções, sentimentos e compreensões sobre o meio em que vivem, respeitando suas formas próprias de expressão e participação.

A perspectiva de análise dos dados utilizada foi descritivo-interpretativa. A análise está organizada a partir de categorias temáticas construídas com base nos objetivos da pesquisa e nas definições durante o trabalho de campo, sendo elas: a criança e o brincar, a criança e a natureza e a criança e as questões socioambientais. Essas categorias possibilitam captar as múltiplas dimensões da vivência infantil no território, bem como interpretar as formas pelas quais as crianças se relacionam com o meio e atribuem significado às suas experiências.

A estrutura da dissertação foi organizada em capítulos, cada capítulo representa uma etapa do processo investigativo. O primeiro capítulo intitulado como “A infância e o brincar”, apresenta uma análise sobre a trajetória histórica que moldou a construção da infância. Em seguida, o brincar é abordado como uma atividade que promove o desenvolvimento infantil, destacando sua importância como uma manifestação essencial para a criança. O intuito

principal desse capítulo foi evidenciar historicamente como a infância tornou-se uma fase da vida associada à proteção, cuidado e desenvolvimento. Também foram evidenciadas as contribuições do brincar para o amadurecimento durante essa fase da vida e sua efetividade enquanto uma linguagem da criança.

O segundo capítulo aborda os processos que constituem uma comunidade, destacando os vínculos sociais, culturais e territoriais que sustentam sua existência. Enfatiza-se a importância dos saberes tradicionais e populares que circulam entre gerações e entre diferentes comunidades, fortalecendo a identidade coletiva e contribuindo para a resistência e adaptação diante das transformações sociais e ambientais. Além disso, o capítulo adentra nas dinâmicas que afetam os modos de vida, como as mudanças no uso da terra, os impactos ambientais e as transformações nas relações de trabalho e de pertencimento, elementos que influenciam diretamente o cotidiano e as formas de organização da comunidade.

A partir das discussões sobre as relações sociedade e natureza, os processos formativos, a exemplo da Educação Ambiental Crítica, são abordados enquanto instrumentos importantes para fortalecer a comunidade a nível reflexivo para movimentar-se contra os processos de exploração ou de práticas degradantes que podem estar ameaçando a comunidade. Ademais, a Educação Ambiental Crítica, assim como modalidades a exemplo da Educação do Campo, também é exposta a partir de princípios da vida em natureza com práticas voltadas ao cuidado com a natureza, a qual propõe pensamento crítico, sensível e responsável.

No terceiro capítulo são descritos os procedimentos metodológicos, estes constituem as escolhas feitas para alcançar os objetivos da pesquisa. A princípio, fez-se necessário delimitar a natureza da pesquisa, a abordagem, o caráter e a metodologia que melhor dialogou com a investigação. Além disso, também foram esclarecidas as técnicas utilizadas para a coleta de dados e os instrumentos utilizados. Em seguida, foi imprescindível descrever sobre o local da pesquisa e os sujeitos que contribuíram para a sua realização. A participação dos sujeitos possibilitou a realização de encontros que refletem também na construção do produto técnico, um guia de oficinas pedagógicas, um material de apoio, que oferece direcionamento para realização de oficinas com temáticas socioambientais e também manifesta as percepções das crianças.

O quarto capítulo representa uma etapa fundamental da dissertação, marcando a transição entre a fundamentação teórica e a prática investigativa desenvolvida no campo. É neste momento que a teoria encontra a realidade concreta, permitindo a análise das experiências vividas e das interações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa. A partir do trabalho de

campo, são coletados os dados que fundamentam os resultados da investigação, revelando aspectos singulares do contexto estudado.

O quinto capítulo é dedicado à apresentação do produto didático desenvolvido ao longo da pesquisa: um guia sobre oficinas pedagógicas, elaborado a partir das vivências e expressões das crianças durante as atividades realizadas. Este capítulo detalha todo o processo de planejamento, elaboração e finalização do material, evidenciando a metodologia adotada e os princípios que orientaram sua construção. Mais do que um material de apoio, o guia sobre oficinas pedagógicas representa a materialização de vivências com as crianças.

CAPÍTULO 1 - A INFÂNCIA E O BRINCAR

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano.”

(Jean Piaget)

Esta seção tem como objetivo discutir os elementos constitutivos da construção social e histórica da infância, bem como as transformações na concepção da criança, atualmente firmado enquanto sujeito de direitos e de cultura. Parte-se do entendimento de que a infância não é uma fase natural, mas uma categoria socialmente construída, marcada por contextos históricos, culturais e sociais que moldam as formas de ser e viver das crianças em diferentes épocas e sociedades. O brincar assume um papel fundamental, sendo reconhecido como uma forma de manifestação legítima da infância. Ao brincar, a criança manifesta seus modos de ser, pensar e interagir com o meio, elaborar sentidos sobre suas experiências e construir conhecimentos.

1.1 Concepções de criança e a infância

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) expõe que a criança é um sujeito de direitos, logo possui o direito de participação e expressão acerca dos aspectos que influenciam os seus contextos de vida (Brasil, 1990). A partir do que defende essa lei, esta pesquisa compreende as crianças enquanto sujeitos de opiniões, os quais possuem suas culturas e devem participar das discussões sobre processos que interferem em suas vidas, considerando que possuem necessidades decorrentes da fase de desenvolvimento e também fazem parte da sociedade. Sarmento e Pinto (1997) destacam que perceber as crianças enquanto sujeitos que agem e atribuem significados as suas ações, possibilitou o reconhecimento dessas enquanto sujeitos ativos nos espaços em que interagem. É importante considerar que as concepções de criança e infância resultam de um processo de construção social e histórica.

Em determinados períodos históricos, as crianças não eram vistas enquanto sujeitos em processo de desenvolvimento, com necessidades próprias. A criança enquanto sujeito de direito e a infância no íterim de tempo em que o sujeito deve ser cuidado, protegido e vivenciar suas culturas para um desenvolvimento integral foram concepções firmadas pelos marcos legais em meados do século XX (Siqueira, 2011). O lugar direcionado às crianças demonstra a organização social e também os valores de cada época. De acordo com Sarmento e Pinto “[...] Para além das diferenças individuais, as crianças distribuem-se na estrutura social segundo a

classe social, a etnia a que pertencem, o gênero e a cultura. Todos estes aspectos são importantes na caracterização da posição social que cada criança ocupa” (Sarmento; Pinto, 1997, p. 22).

Assim, a infância não é uma categoria natural, mas sim uma construção histórica e social (Nascimento; Brancher; Oliveira, 2008). A concepção de infância é associada à função social direcionada à criança em cada contexto histórico (Bernartt, 2009). Em contextos específicos a criança esteve integrada ao mundo dos adultos, vivendo no mesmo ritmo e costumes, incluída precocemente nas dinâmicas do trabalho. Nas palavras de Narodowski (1993, p. 26) “As crianças não se diferenciavam dos adultos nem pela roupa que usavam, nem pelos trabalhos que efetuavam e nem pelas coisas que normalmente diziam ou calavam.” Logo, as compreensões sobre criança e infância estão interligadas ao contexto vivenciado. Acerca desse caráter histórico e social da concepção de infância Bernartt afirma:

Dessa forma, a ideia de infância na atualidade não pode ser desvinculada da história, das diferentes visões em torno da criança que contribuíram para sua condição atual. Ou seja, o conceito de infância tem sido construído historicamente e reflete os valores presentes na sociedade em diferentes períodos (Bernartt, 2009, p.1).

Na Idade Média, as crianças eram vistas como sujeitos dependentes e incapazes fisicamente até uma certa idade, logo esses seriam instruídos para serem civilizados e obedientes (Bernartt, 2009). De acordo com Pottmeier *et al.* (2020, p. 21) “A “infância”, nessa perspectiva, é compreendida como a fase da vida em que será formada a moral e o caráter dos indivíduos.” Os sujeitos que se mostrassem indisciplinados eram punidos através de castigos físicos.

Dessa forma, esse discurso se consolidou ao longo dos anos subsequentes, enraizando-se a ideia no inventário sociocultural das sociedades ocidentais e colonizadas que “ensinar e cuidar dos filhos” demandava de punições físicas como modo de “formar o caráter” dos indivíduos para viver em sociedade (Pottmeier *et al.*, 2020, p. 22).

Quando as crianças se mostravam mais independentes eram consideradas aptas a trabalharem, isso porque durante o período medieval não havia uma diferenciação entre crianças e adultos. A criança era introduzida precocemente no mundo do trabalho, alcançando a idade de 7 anos, diante de tais circunstâncias não havia muito tempo livre para a criança desfrutar do brincar (Del Priori, 2010). Nesse sentido, fica evidente que não havia uma preocupação em preservar as crianças em uma perspectiva física ou mental, elas eram vistas assim como os adultos, sem distinções devido à idade.

De acordo com Almeida e Carmo (2017), as crianças estavam inseridas em contextos associados a vida adulta, a exemplo de atividades como trabalhar, festejar, dormir junto, utilizar vestimentas semelhantes aos adultos. “Além disso, eram permitidas diante delas linguagens grosseiras, ações e situações escabrosas sem nenhum pudor. As crianças estavam expostas à contação de histórias de cunho altamente imoral perante a sociedade atual, às cenas de relações sexuais entre os pais, os criados” (Almeida; Carmo, 2017, p. 115). Na sociedade medieval não havia preocupações direcionadas às especificidades do ser criança, de forma costumeira o que diferenciava as crianças dos adultos era apenas o tamanho, a criança era um “adulto em miniatura” (Ariés, 1986).

Nesse contexto, devido à inserção precoce das crianças no mundo do trabalho, poucos momentos eram dedicados ao brincar, sendo essa uma atividade considerada irrelevante na época (Ariés, 1986). Acerca das condições da vida infantil, havia um alto índice de mortalidade de crianças, situação que havia sido naturalizada na época (Sá, 2011). As circunstâncias insalubres e a ausência de cuidados específicos alcançam as causas que tornavam a vida infantil vulnerável nesse período histórico. Ariés (1986) destaca que o contato da família com a criança acontecia de forma rápida, não sendo o suficiente para a construção de um afeto profundo direcionado a criança. Quando a criança não falecia, assim que chegasse à determinada idade era afastada de seus familiares e passava a viver com outros adultos. Nas palavras de Bernartt (2009, p. 2):

Nesse sentido, percebe-se no surgimento da Idade Medieval, um aumento significativo no número de filhos gerados. No entanto poucos sobreviviam, pois a mortalidade infantil continuava alta. As crianças que sobreviviam na Idade Média eram afastadas da família logo após o nascimento, sendo criadas por amas de leite, no caso das famílias ricas, ou iniciando no mundo do trabalho muito cedo (Bernartt, 2009, p. 2).

No período medieval não havia um olhar sensível para as necessidades das crianças. Devido a sua estrutura física pequena, essas eram categorizadas enquanto frágeis e dependentes. É importante ressaltar que o fator biológico das crianças, em fase de desenvolvimento, não as torna inferiores enquanto seres humanos. No entanto, essa forma de compreender a infância é construída de maneira lenta e gradual a partir dos valores presentes em cada período histórico e suas respectivas sociedades. Nesse contexto, o historiador Philippe Ariés foi um dos primeiros estudiosos a discutir sobre as relações vivenciadas entre adultos e crianças, em torno da categoria infância. Para essa reflexão, o autor esclarece:

[...] mas muitas vezes tinham nas crianças suas protagonistas principais ou secundárias. Isso nos sugere duas idéias: primeiro, a de que na vida quotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio, ou o jogo reunia crianças e adultos; segundo, a idéia de que os pintores gostavam especialmente de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco (o gosto do pitoresco anedótico desenvolveu-se nos séculos XV e XVI e coincidiu com o sentimento da infância “engraçadinha”), e se compraziam em sublinhar a presença da criança dentro do grupo ou da multidão. Dessas duas idéias, uma nos parece arcaica: temos hoje, assim como no fim do século XIX, uma tendência a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos. A outra idéia, ao contrário, anuncia o sentimento moderno de infância (Ariés, 1986, p. 55–56).

Nessa conjuntura, Ariés (1986) explana que o sentimento de infância passou a ser delineado a partir da ressignificação social atribuída à figura da criança. Anteriormente percebidas como “adultos em miniatura”, as crianças passaram a ser vistas como sujeitos singulares, com necessidades próprias (Ariés, 1986). Essa nova forma de visualizar as crianças foi o processo inicial para a valorização da infância como uma etapa peculiar da vida, que exige cuidado, proteção e atenção.

Na Idade Média, o cristianismo moldou as condutas da sociedade, assim também gerou influências nas compreensões sobre as crianças. Pottmeier *et al.* (2020) explica que através da religião as crianças eram vistas como sujeitos que deveriam ser cuidadas e orientadas devido a sua inocência, pureza e perfil angelical. Assim, era defendido que através dos ensinamentos e processo de civilização a criança seguiria o caminho do bem, conforme era pregado pela religião (Pottmeier *et al.*, 2020). Ariés (1986) expõe que esse novo olhar sobre as crianças foi construído lentamente, a princípio direcionado aos meninos e posteriormente os cuidados e afetos também foram voltados as meninas.

A partir disso hábitos culturais como as vestimentas começaram a ser diferenciados entre crianças e adultos, assim foi determinada a necessidade de estabelecer o padrão de vestimentas apropriadas para as crianças (Ariés, 1986). Logo, é perceptível que aspectos religiosos e culturais na Idade Médica provocaram mudanças na concepção em torno desses pequenos seres. A partir da Modernidade, novos ideais em torno da criança foram fortalecidos, ela passou a ser visualizada enquanto sujeito racional, que deve passar pelo processo de moralização referente às suas ações, Porttmeier *et al.* (2020, p.22) afirma:

Nos séculos XVI e XVII modifica-se o ideal acerca do que seria a infância. O primeiro aparece na instituição familiar denominado de “papa-ricação” relacionado a brincadeira e a distração; o segundo, surge com o propósito de disciplinar, racionalizar, moldar, controlar a criança para conviver em sociedade a partir de uma educação pautada na “moralização” (Pottmeier *et al.*, 2020, p. 22).

A Idade Moderna possui uma organização social centrada na racionalidade humana e na ciência. Na idealização de construir uma sociedade justa, com valores morais e éticos através das ações humanas. Nesse sentido, as crianças são visualizadas enquanto sujeitos que devem ser instruídos para tornarem-se seres humanos virtuosos, que respeitem as normas sociais. Então a infância seria uma preparação para a vida adulta (Cunha; Gonçalves, 2015). Sendo assim, as crianças eram socializadas pela família e também pela escola com o intuito de adquirirem conhecimentos e serem civilizadas. Nas palavras de Cunha e Gonçalves:

O interesse pela infância propagado pela modernidade inaugura, num certo sentido, a preocupação com a criança e com a sua formação, em particular. Porém, a ênfase não estava propriamente na criança em si (do presente), mas sim no adulto de amanhã, no futuro. Ainda reconhecida como fase da não razão, da imaturidade, da fragilidade, da dependência, as expectativas sobre a infância propagavam um discurso na qual a criança deveria ser educada e disciplinada para o desenvolvimento pleno das suas faculdades, inclusive da razão. Estava-se, em certa medida, a olhar de fora para a criança (Cunha; Gonçalves, 2015, p. 17).

Embora a preparação da criança para a vida adulta seja um pensamento da época, no século XVIII Rousseau apresenta críticas à sociedade que subestima as crianças e que visa moldá-las crianças para a vida adulta. Na perspectiva de Rousseau, as crianças devem ser tratadas como sujeitos que estão vivenciando a infância e que nela devem se concentrar, permitindo que possuam tempo para construir suas experiências nessa fase e consequentemente alcancem o desenvolvimento pleno e saudável (Rousseau, 1995). Ele foi um defensor das vivências das crianças em sociedade, para que possam aprender a lidar com as situações cotidianas.

Em suas palavras “[...] a inaptidão que supomos as crianças quanto aos nossos exercícios é imaginária e que se não os vemos dar resultado em alguns, é porque nunca neles os exercitamos” (Rousseau, 1995, p.150). Acerca disso, Rousseau (1995) expõe na sociedade da época que o brincar é uma atividade que possibilita para as crianças o desenvolvimento e também aprendizados. Esse pensamento de Rousseau gerou uma nova forma de visualizar a criança e também o brincar a nível de sociedade.

As atividades cotidianas vivenciadas pelas crianças estavam condicionadas à classe social à qual pertenciam. Nas palavras de Ströher e Kremer (2007, p. 5), “Nas pequenas e grandes cidades, as crianças eram os trabalhadores e aprendizes que fariam o negócio crescer. Entre a nobreza, seriam as responsáveis pela perpetuação do nome da família e por incrementar seus laços familiares através de casamentos arranjados ainda no berço.”

Ströher e Kremer (2007) expõem que as crianças de famílias afortunadas eram vistas como alguém que seguiria a linhagem da família, sendo proporcionado a elas proteção, cuidados, acesso a orientações em escolas. Enquanto para as famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica as crianças representavam mão de obra adicional, para contribuir com o trabalho e aumento da renda para sustento da família. Maricato (2002) aponta que o processo de industrialização possibilitou maior incorporação de crianças e mulheres no trabalho industrial, principalmente por serem mão de obra barata. Nas palavras de Maricato:

Tudo depende de quem controla os benefícios resultantes dessa tecnologia, como de resto já lembrou Marx, no século XIX, quando se referiu aos avanços tecnológicos que acompanharam o processo de industrialização. Ao invés de liberar a força de trabalho, a mecanização, permitiu a incorporação de mulheres e crianças ao processo fabril, já que não exigia, como antes, o emprego da força bruta (Maricato, 2002, p. 133).

Esse contexto de exploração infantil, que foi intensificado com a Revolução Industrial, persiste atualmente e evidencia que cada criança possui suas experiências de vida. E embora o sentimento de infância tenha sido construído, provocando formas mais cuidadosas de conviver com as crianças, a pluralidade das infâncias são um aspecto que compõem a realidade. Enquanto algumas crianças são protegidas, outras são expostas a situações precárias. Esses cenários distintos são decorrentes da desigualdade social.

Desde 1989 que, com a aprovação pelas Nações Unidas da Convenção dos Direitos da Criança, as crianças viram consagrada de forma suficientemente clara e extensa um conjunto de direitos fundamentais, próprios e inalienáveis; no entanto, essa proclamação, a que se vieram a associar praticamente todos os países do mundo, não apenas não foi suficiente para garantir uma melhoria substancial das condições de vida das crianças, como, pelo contrário, não cessam de se intensificar factores que fazem das crianças o grupo etário onde há mais marcados indicadores de pobreza, como se têm agravado alguns sinais das crianças como o grupo etário mais sujeito a situações específicas de opressão e afectação das condições de vida (as crianças são as principais vítimas dos conflitos contemporâneos, da "guerra das cidades" da Bosnia-Herzgovina, às guerras civis ou regionais da África; há um crescimento significativo de crianças vítimas da SIDA; intensifica-se em certas regiões do globo a prostituição infantil associada ao "turismo sexual"; não apenas não foi extinto como se intensifica em alguns países o trabalho infantil; há um significativo recrudescimento em alguns países muçulmanos da excisão praticada em crianças; os "meninos de rua" em algumas cidades não apenas aumentam como são vítimas de perseguição e assassinato; recrudescem a miséria e a fome nas zonas degradadas dos subúrbios ou nas inner cities das grandes cidades, etc.) (Sarmiento; Pinto, 1997, p. 2).

Sarmiento e Pinto (1997) argumentam que marcos legais, a exemplo da Convenção dos Direitos da Criança, firmam o direito e a necessidade de as crianças serem incluídas enquanto sujeitos de Direitos, as quais devem ter uma vida digna a partir de cuidados, proteção,

participação em sociedade. No entanto, esses princípios legais não foram consagrados em todas as realidades, conseqüentemente algumas crianças são vítimas de violências, fome, exclusão social. Em 1959, foi instituída a Declaração Universal dos Direitos da Criança (ONU, 1959), que teve como finalidade estabelecer princípios éticos sobre a criança. Nesse período, a criança era vista como um sujeito vulnerável, o qual necessitaria de proteção e cuidados. Com o transcorrer do período as lutas em prol dos direitos das crianças foram alcançando novos espaços e discussões.

No cenário brasileiro, em 1988 foi promulgada a Constituição Federal Brasileira, também conhecida como Constituição Cidadã, e em seu artigo 227 é declarado que:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, art.7).

A constituição menciona que a criança deve ter seus direitos assegurados, remetendo ao estabelecimento de condições, que alcançam mais do que atos de proteção e cuidados. O documento sustenta a criança enquanto um sujeito que possui direitos e devem ser inseridos enquanto participantes da sociedade. Em 1989 aconteceu a Convenção sobre os Direitos da Criança, de modo que 196 (cento e noventa e seis) países assumiram o compromisso e responsabilidade sobre os direitos das crianças, entre eles o Brasil (ONU, 1989). Esse documento visa assegurar que as crianças serão acolhidas, protegidas, com acesso à educação, saúde, vivência em comunidade, com liberdade de expressão.

Com a intenção de fortalecer os direitos das crianças e o cumprimento desses no Brasil foi promulgado em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90. Uma legislação que determina que as crianças e adolescentes sujeitos de direito, que devem ter seus direitos atendidos de forma integral, visando às necessidades de cada sujeito conforme sua fase de desenvolvimento. O ECA reforça que em todo território nacional as crianças devem ter acesso à educação, momentos de lazer, apoio familiar e direito ao brincar, o qual é compreendido como ser o tempo por excelência do ser criança (Brasil, 1990). De acordo com o artigo 3 do ECA:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar

o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Brasil, 1990, art.3).

No artigo 16, inciso IV é exposto que entre os direitos das crianças estão “IV – brincar, praticar esportes, divertir-se” (Brasil, 1990, art.16), assegurando que a infância é o tempo do brincar, um período para conhecer ao mundo e conhecer a si mesmo. O brincar é a forma de interação da criança com o mundo, pois precisa viver em uma dinâmica que contemple suas necessidades enquanto sujeito que está em fase de descobertas constantes (Berleze, 2016). No entanto, algumas crianças encontram barreiras que as impedem de vivenciar plenamente essa fase da vida, com garantia de todos os direitos, conforme é defendido pelo ECA.

Nesse sentido, mesmo com a implementação do ECA, as desigualdades socioeconômicas persistem e se manifestam nas diferentes formas de vivenciar a infância. As crianças do campo são afetadas frequentemente, pois enfrentam dificuldades para terem acesso ao que é determinado como direito fundamental. Sofrem com processos formativos desvinculados de suas realidades, são vítimas de políticas públicas que não olham para seus contextos de vida e necessidades. Assim, suas vozes são silenciadas por uma sociedade que visa reduzir o campo, caracterizando-o como “o local do atraso”. Vieira e Côco (2024) expõem de forma pertinente que as crianças e as populações do campo devem ser respeitadas e atendidas conforme suas particularidades.

Nesse contexto, as crianças têm o direito de serem atendidas no campo, mas num campo que as veja como sujeitos, pessoas, crianças que vivem as infâncias num lugar que possui especificidades: lutas por terra, ocupações, despejos, violências e contradições. Também reconhecer que nos espaços do campo as pessoas produzem e reproduzem suas vidas pautadas numa coletividade em que é possível renascer a esperança, a justiça social e o desejo de construir bonitas histórias com as suas famílias num espaço livre da exploração da terra, das pessoas, dos bens da natureza (Vieira; Côco, 2024, p. 10).

Cada criança está inserida em uma estrutura social que condiciona as dinâmicas de sua vida cotidiana. Nesse sentido, Sarmento e Pinto (1997) apontam que há contradições que atravessam a realidade infantil, pois ainda que as legislações garantam o direito a uma vida digna, que contemple suas necessidades básicas, na prática, observa-se um número expressivo de crianças vivendo em contextos marcados pela vulnerabilidade social, pobreza e negação de direitos fundamentais. As crianças camponesas, em particular, enfrentam desigualdades decorrentes de uma estrutura social que privilegia as áreas urbanas na distribuição de recursos, colocando o meio rural a uma posição secundária (Vieira; Côco, 2024).

As crianças movimentam-se em diferentes tempos e espaços, alcançando novas circunstâncias sociais. Entre essas diferentes infâncias, está o brincar enquanto um ponto em comum. O brincar compõe o tempo, o espaço e a essência do ser criança, consequentemente através do brincar a criança interage com os próprios sentimentos, com o meio e com os seus pares (Cunha; Gonçalves, 2015). Nessa perspectiva, é importante refletir sobre as transformações ocorridas sobre a concepção da infância enquanto uma fase da vida, do ser criança e também os significados desse brincar para as crianças, ainda que de forma simbólica. Ademais, é imprescindível a identificação de problemáticas que persistem na perspectiva da infância, as quais impedem que todas as crianças vivenciem plenamente os direitos firmados.

1.2 O brincar da criança e o desenvolvimento infantil

A criança é um ser em desenvolvimento, vivenciando uma fase de descobertas e aprendizagens constantes. Schirmann *et al.* (2019) afirmam que o processo de aprendizagens das crianças está associado aos estímulos que essas receberão. “A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados” (Queiroz; Maciel; Branco, 2006, p. 172). Assim, o brincar é uma necessidade da criança, a qual possibilita que ela alcance vivências significativas (Silva, 2015). Pois, o brincar permite o contato profundo da criança com o mundo, compreender a própria realidade, interagir com outras crianças, adquirir habilidades, expressar sentimentos e opiniões. Desse modo, o brincar não é apenas uma forma de diversão, é o principal contato da criança com o mundo.

Neste sentido, o brincar é importante para o desenvolvimento infantil pela potencialidade em estimular a criança em sua totalidade, durante os momentos do brincar as crianças registram em suas memórias vivências que poderão ser utilizadas em seu cotidiano (Pereira; Silva, 2021). Na perspectiva social, o espaço de tempo dedicado ao brincar contribui para a criança socializar com as pessoas e com os lugares, compreender as funções sociais, reconhecer-se enquanto parte da sociedade, expressar seus sentimentos e visões. Sendo assim, o brincar fortalece o reconhecimento da criança sobre si mesma e sobre sua realidade (Pereira; Silva, 2021). Ainda sobre o brincar Lima e Silva (2020) afirmam que:

Através do ato de brincar, a criança se humaniza, aprendendo a conciliar a afirmação de si mesma e a criação de vínculos duradouros nos aspectos afetivos e sociais. No brincar, a criança usa a espontaneidade e a criatividade com a progressiva aceitação de regras sociais e morais. Assim, transforma a cultura ao mesmo tempo em que é transformada por ela, num processo de

interação do sujeito com o meio em que está inserido, sendo o gesto corporal o principal meio de interação da criança com o ambiente. A linguagem corporal é imprescindível para que a criança se relacione com o mundo (Lima; Silva, 2020, p. 972).

O universo do brincar é amplo e manifesta-se de diversas maneiras, a exemplo do brincar ao ar livre com elementos da natureza, criar brincadeiras a partir da imaginação, participar de jogos, usufruir de momentos com brinquedos. Esses momentos do brincar estimulam as crianças a mostrarem seus entendimentos sobre a realidade, através de vivências, interpretações e afetividade (Pereira; Silva, 2021).

No processo de maturação da criança ocorrem modificações em suas formas de brincar, porque a brincadeira é uma forma de desafio, as crianças precisam utilizar as habilidades desenvolvidas e também desejam alcançar novas aprendizagens, para chegar a novas etapas (Pereira; Silva, 2021). Conforme Vigotski (2009, p. 66) “[...] de uma forma geral, é que a criança começa a se dar conta, no decorrer do desenvolvimento, de que o lugar que costumava ocupar no mundo das relações humanas que a circunda não corresponde às suas potencialidades e se esforça para modificá-lo”.

Prestes (2016) argumenta que nas brincadeiras de “faz de conta”, as crianças entram em um contexto criado por elas, onde reproduzem princípios morais e ações que elas experienciaram, mas também constroem cenas que representam como gostariam que fosse parte de sua realidade. Logo, nesse momento do brincar as crianças mostram compreender as normas sociais e posicionam-se por meio da imaginação, criatividade e ações diante da realidade. Na perspectiva de Vigotski (2009), o ser humano é influenciado pelas interações socioculturais, logo as expressões através do brincar representam o contexto sociocultural que a criança está inserida e também a interpretação e ação da criança sobre essa realidade.

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança (Vigotski, 2009, p. 17).

O processo brincante possibilita que a criança construa o entendimento sobre qual a função de cada sujeito, a utilidade de cada objeto, a dinâmica de cada meio. Nesse sentido, o brincar contribui para a instrução acerca das regras sociais e assim a criança se reconhece como parte da sociedade e interpreta que também deve seguir as normas de convivência. Prestes (2016, p. 35) expõe:

Quando a criança toma consciência das regras sociais, está se autoeducando, está, inclusive, educando sua vontade, pois, por mais que queira fazer apenas o que deseja na brincadeira, precisa se submeter a regras, que são impostas pelos objetos, pelos parceiros da brincadeira, mas nunca pelos adultos. O desejo de ser adulto e fazer o que os adultos fazem, ou seja, participar diretamente da vida deles, faz a criança inventar a situação imaginária e brincar daquilo que gostaria de realmente fazer, mas está impedida por sua condição de infante. Na brincadeira, no entanto, ela tem que seguir as regras da vida social e, seguindo essas regras, começa a tomar consciência delas, portanto educa sua vontade (Prestes, 2016, p.35).

Na perspectiva de Berleze (2016, p. 62) “Com seu poder imaginativo e de criação, o brincar se torna uma linguagem simbólica da criança, em que ela expressa sua realidade, sentimentos, o mundo que ela (re)cria e inventa, o seu mundo ideal, mítico.” Assim, é possível compreender que o brincar é a principal linguagem utilizada para a criança aprofundar as relações e alcançar as compreensões, pois essa possui uma natureza observadora e curiosa.

Nesse contexto, a incorporação de atividades no cotidiano das crianças que abordem valores coletivos, a exemplo do cuidar da natureza, é importante por estimular a criança a se reconhecer enquanto um sujeito participante da sociedade, o qual possui o direito de opinar e realizar as próprias ações que colaborem com a realidade em que vive. Uma vez que a criança é estimulada a participar, questionar e manifestar suas ideias, haverá o desenvolvimento de uma relação socioambiental sólida e baseada em um olhar crítico e coletivo. Logo, o brincar é o ponto de partida para a criança se descobrir enquanto sujeito nessas relações.

Ao interagir com o ambiente que o cerca, a criança também descobre a si próprio, enquanto sujeito de habilidades. A teoria piagetiana defende que as compreensões e habilidades construídas pela criança são influenciadas pela fase de desenvolvimento em que essa se encontra. Ele divide as fases de desenvolvimento em quatro. O sensório-motor (0-2 anos) é a ideia de que o bebê começa a perceber os próprios movimentos e também a movimentação dos objetos (Schirmann *et al.*, 2019). É a compreensão do seu entorno através dos sentidos. Então o brincar da criança é direcionado a pegar objetos, jogar esses objetos, tocar em diferentes texturas como a água, terra, tecidos, para conseguir associar cada item a sua função.

A segunda fase é a pré-operacional (2-7 anos), é a continuidade da fase anterior, na qual a criança tende a associar a realidade a um mundo imaginário, onde se vê como centro (Schirmann *et al.*, 2019). O brincar nessa fase envolve a imaginação, interagindo com outras pessoas através da contação de histórias, brincadeiras como se esconder, a caça ao tesouro, a representação de suas compreensões através de desenhos

Sendo assim, as habilidades que vai adquirindo em uma fase contribuem para o alcance da fase posterior, assim no estágio operatório-concreto (7-11 anos) a criança já percebe a

realidade de forma concreta, diferenciando a imaginação e a realidade, compreende valores morais considerados como certo ou errado e regras sociais, também alcança a formulação de opiniões. A partir dos 11 anos, é o estágio operatório formal, no qual a criança alcança a compreensão de relações complexas e formaliza suas hipóteses a partir do que compreende (Schirmann *et al.*, 2019).

Para cada fase, a criança busca vivenciar o brincar, esse que fortalece o desenvolvimento individual e conseqüentemente a forma de manifestação do sujeito em sociedade. Ao refletir sobre o brincar é realizada correlação com brincadeiras, brinquedos, jogos, considerando que todos estão conectados ao universo infantil. Dessa forma, o desenvolvimento da criança é influenciado pelas atividades que compõem seu cotidiano. Assim, Vigotski (2009) aborda que as principais atividades vivenciadas pela criança estão atreladas ao uso de brinquedos, e esses vão além da classificação de instrumentos infantis, tornando-se a representação de pessoas e suas funções sociais. Conseqüentemente a criança inicia o processo de compreensão sobre os sujeitos da sociedade e identifica a atribuição de cada um.

A partir disso, Vannucchi (2023) reflete que as atividades lúdicas também contribuem para o estímulo da imaginação e criatividade das crianças, logo deveriam ser mais valorizadas. A ludicidade é associada a um elemento simbólico, de maneira que os sujeitos alcançam experiências conectadas a sua própria realidade e que contribuem com o processo formativo, do ensinar e aprender, na qual o sujeito irá refletir e também sentir emoções despertadas pela atividade (Mineiro; D'ávila, 2019). Assim, o lúdico pode ser compreendido enquanto momentos de acolher a criança para que ela desenvolva as competências de forma prazerosa, com respeito, diálogo, entendimento das próprias necessidades.

Os jogos infantis constituem instrumentos da ludicidade, pois abordam princípios como a ação, autoconfiança e podem estar atrelados a conteúdos específicos para incentivar a construção do conhecimento (Prado, 2023). Além disso são ferramentas que estimulam a concentração, memória, agilidade, equilíbrio. Logo, fica evidente que os jogos e brincadeiras são capazes de promover incentivos que contribuem para o desenvolvimento da criança. De acordo com Prado (2023) os jogos utilizados devem estar atrelados à fase de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram, pois assim conseguem gerar desafios para as crianças alcançarem novas composições na perspectiva da compreensão.

Cada jogo, brinquedo e brincadeira irão estimular as crianças para o desenvolvimento. Mas é preciso compreender em qual estágio do desenvolvimento a criança está para gerar os estímulos corretos conforme a fase da criança e suas necessidades. Dito isso Wallon (2007) evidencia que a criança deve ser apresentada a novos contextos em cada fase do seu

desenvolvimento, para que ocorra uma continuidade no amadurecimento dela. Acerca do desenvolvimento mental da criança, ainda em Wallon (2007) é dito que:

Para quem, pelo contrário, não separa arbitrariamente o comportamento e as condições de existência próprias de cada época do desenvolvimento, cada fase é um sistema de relações entre as capacidades da criança e do meio que faz com que eles se especifiquem reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. Ele é feito de tudo o que favorece os procedimentos de que a criança dispõe para obter a satisfação de suas necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto dos estímulos sobre os quais se exerce e se regula sua atividade. Cada etapa é a um só tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento (Wallon, 2007, p. 29).

Benetti et al. (2018) expõem que é durante a infância que acontece um significativo desenvolvimento da psicomotricidade, um conjunto de movimentos resultantes das funções cognitivas, físicas e socioafetivas. Essa integração de movimentos contribui para que a criança conheça seus limites corporais, estabeleça uma conexão com o ambiente, com outras pessoas e desfrute de habilidades sensoriais e motoras, a exemplo da noção de espaço, agilidade, equilíbrio (Benetti et al., 2018). Inúmeras brincadeiras trabalham com a psicomotricidade, a exemplo de pular corda, amarelinha, corrida de saco, andar de bicicleta. Logo, é importante compreender que a partir do desenvolvimento de habilidades a criança estará construindo seu processo de autonomia, pois irá perceber suas potencialidades e adquirir autoconfiança.

Ademais, os ambientes em que as crianças adquirem suas experiências também são importantes para o desenvolvimento integral e com qualidade. Pois esses ambientes geram estímulos, entre os mais significativos está o contato com a natureza primária, pois essa potencializa o brincar e todos os seus movimentos, representando um espaço para ser livre (Berleze, 2016). Nas palavras de Souza (2023, p.23)

Temos que escolher e preparar oportunidades maravilhosas para as crianças, por que elas merecem vivê-las e levarão tais experiências consigo. A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia, as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas, as plantas, suas folhas, sementes, trocos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores, tamanhos; e os amigos que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios, monte, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e inventadas, a serem brincadas, que nos leva ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, podemos e devemos nos religar a ela (Souza, 2023, p.23).

A infância é composta por diversas singularidades. E entre tantas características significantes, o brincar é o mais marcante, pois através das brincadeiras é possível perceber a criatividade, imaginação, simbologia, protagonismo e toda potencialidade que as crianças

possuem. O brincar é uma forma de a criança vivenciar e apresentar-se para o mundo. As brincadeiras contribuem com a construção de uma identidade para a criança. E quando o brincar acontece no ambiente livre, à criança constrói o próprio entendimento sobre a realidade pela possibilidade de viver experiências de maneira integral. Logo, brincar é essencial na infância principalmente por contribuir com o amadurecimento durante essa fase.

1.3 O brincar como uma manifestação pessoal e social da criança

O brincar é uma atividade que marca a concepção de infância na contemporaneidade. Esse brincar, abordado e compreendido como uma linguagem própria da infância, é a forma como a criança se expressa, interpreta o mundo ao seu redor e interage com os outros. “Nesse cenário, a criança está na posição de sujeito falante, o que permite que ela coloque em cena seu corpo, representando papéis, ao mesmo tempo em que investiga este mundo do adulto” (Alves; Sommerhalder, 2006, p. 126). Logo, o brincar é uma forma da criança manifestar suas ideias, desejos, associações, habilidades e atuar no meio em que vive.

Através do brincar é possível compartilhar experiências, pois a criança transfere para o mundo imaginário situações vivenciadas por ela na realidade (Alves; Sommerhalder, 2006). Essa perspectiva de a criança representar a realidade em suas brincadeiras é uma forma de assimilar acontecimentos e possíveis desejos. Ademais, por meio do brincar também é possível estabelecer conexões entre as gerações, pois algumas brincadeiras, a exemplo de esconde-esconde, jogos de tabuleiros como xadrez, jogos de cartas, dominó são transgeracionais. Acerca dessa expressão sociocultural que o brincar representa Carvalho diz:

A linguagem se apresenta nas diferentes marcas que nós, seres humanos, deixamos no mundo, sendo construída na relação com a cultura. Compreendida como linguagem, a experiência da brincadeira atua como expressão e forma de significação do mundo. Nessa interação a criança experimenta suas emoções e elabora suas experiências. O adulto é, muitas vezes, a referência, e suas ações são reproduzidas pelas crianças com um sentido próprio e essencial (Carvalho, 2009, p.40).

O brincar não é monótono, logo gera significados na vida das crianças. Em brincadeiras com perfil mais competitivo as crianças lidam com momentos de vitórias e também derrotas e são estimuladas a trabalharem as emoções para ambas as situações, bem como devem seguir as regras da brincadeira. Carvalho (2009) afirma que essas brincadeiras contribuem para que as crianças compreendam as dinâmicas sociais e culturais do tempo e espaço em que vivem. Para além disso, os sujeitos também irão se familiarizando com os diversos sentimentos, como a

alegria ao ganhar uma partida, aceitar ao perder, aplicam valores éticos como a veracidade. De acordo com Rolim; Guerra; Tassigny:

A brincadeira proporciona à criança um contato com sentimentos de alegria, sucesso, realizações de seus desejos, bem como o sentimento de frustração. Esse jogo de emoções a ajuda a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias. O brincar prepara para as futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a auto-estima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros. Colabora para que a criança trabalhe sua relação com o mundo, dividindo espaços experiências com outras pessoas (Rolim; Guerra; Tassigny; 2008, p. 177).

Através das brincadeiras com maior centralidade na imaginação, as crianças conseguem manifestar suas ideias por meio da criatividade e mundo imaginário. Para Girardello (2011) as crianças possuem a necessidade de incluir no cotidiano as construções imaginárias por intermédio das brincadeiras e aspectos culturais que compõem o cotidiano. Girardello (2011) argumenta que o contato da criança com arte e literatura são estímulos para a imaginação. É perceptível que a elaboração dos desenhos permite a manifestação das compreensões e afetividades da criança, bem como a contação de histórias colabora para elas realizarem viagens fantasiosas entre as diversas histórias, construindo reflexões subjetivas em cada sujeito. Sobre a vivência do brincar e a realidade da criança, Silva e Sodré afirmam que:

A vivência pode ser pensada como uma situação vivida de forma diferente por cada sujeito (envolvendo a experiência e a forma como a experiência o afeta), ancorada no meio (físico, social e cultural), que constrói a subjetividade de quem vivencia. Assim o brincar, visto como uma situação concreta, configura-se como vivência, está ligado ao meio e nos diz sobre esse meio no qual a criança se desenvolve: os brinquedos, as pessoas, os animais, o meio, os elementos da natureza (Silva; Sodré, 2017, p. 367).

Girardello (2011) afirma que os elementos da natureza são aspectos inspiradores para a imaginação da criança. Nas palavras da autora “Outra dimensão importante da contemplação estética é o contato com a natureza, também citado frequentemente como um fator positivo para a imaginação da criança” (Girardello, 2011, p. 76). O brincar ao ar livre, em contato com os aspectos naturais permite que a criança instigue e vivencie o processo de sensibilização em torno da natureza. Piorski (2016) expõe que o contato com os espaços naturais remete a possibilidade de descobertas.

A materialidade do brincar (água, fogo, terra, ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. Faz trabalhar uma imaginação vital. Uma

imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidades específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora (Piorski, 2016, p.12).

Fica evidente que o brincar é também uma maneira de aprender sobre os elementos do mundo natural, os quais são o fogo, terra, ar e água. A criança aprende em quais situações cada elemento é utilizado, por exemplo, entendem que ao mesmo tempo em que o fogo pode queimar, ele também é utilizado para cozinhar alimentos (Piorski, 2016). E assim vão assimilando as funções, construindo aprendizagens e aprendendo a respeitar os limites que a natureza impõe. Acerca do aprender através da natureza Tiriba expõe:

Neste contexto, o que se aprende com a natureza, em contato direto com o mundo, não se resume ao que se pode organizar racionalmente, de modo anteriormente planejado. Trata-se, então, de considerar as intervenções criativas das crianças, seus interesses presentes, pois é possível definir o que se ensina, mas jamais o que se aprende. Assim, as vivências ao ar livre, os passeios no entorno podem ser entendidos como possibilitadores de aprendizagens de corpo inteiro, em que são incluídas a atenção curiosa, a contemplação, as sensações, as emoções, as alegrias! São aprendizagens que se realizam aqui e agora, não servem apenas para confirmar o que foi trabalhado de forma sistemática, antes ou depois (Tiriba, 2005, p.10).

Tiriba e Profice (2019) diz que o desenvolvimento da criança acontece por meio das interações que essa vivencia. Essas interações devem ser compreendidas enquanto relações pessoais, mas também o contato com diferentes elementos, a exemplo do contato com a natureza. “Portanto, partimos da ideia de que as vivências das crianças na natureza fortalecem seu vínculo com o mundo natural bem como fomentam o conhecimento local acerca dos ambientes, dos seres e dos processos naturais” (Tiriba; Profice, 2019, p. 9). Esse movimento de descobertas é satisfatório para as crianças. Estas gostam de estar em movimento porque é por meio da ação e da experimentação que constroem conhecimentos sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor (Tiriba; Profice, 2019). O movimento não se restringe apenas à dimensão física; ele envolve também aspectos emocionais, sociais e cognitivos.

A partir do contexto da sociedade contemporânea é perceptível que houve um afastamento da sociedade em relação à natureza, impulsionado pelas dinâmicas das relações capitalistas, é possível observar um impacto significativo no modo de vida dos seres humanos, especialmente entre crianças e adolescentes. Louv (2016) expõe que a vida cotidiana cada vez mais concentrada em ambientes fechados, com rotinas marcadas pela ausência de contato com espaços naturais, contribui para o surgimento de diversos problemas físicos e mentais, como ansiedade, insônia e estresse. O distanciamento do ar livre e da convivência com ambientes naturais compromete o bem-estar e o desenvolvimento integral dos indivíduos, evidenciando a importância do vínculo com a natureza para a qualidade de vida (Louv, 2016).

[...] no exato momento em que o vínculo entre a juventude e o mundo natural se rompe, um escopo cada vez maior de pesquisas conecta, de modo positivo, nossa saúde mental, física e espiritual a nossa associação com a natureza. Diversos desses estudos sugerem que a exposição cuidadosa dos mais jovens ao meio ambiente pode até ser uma poderosa forma de terapia para transtornos do déficit de atenção e outras doenças. Como diz um cientista, hoje podemos supor que, assim como necessitam de uma boa alimentação e um sono adequado, as crianças também precisam de contato com a natureza (Louv, 2016, p.25).

Pensar no distanciamento da natureza leva à reflexão sobre a importância do brincar em ambientes naturais, pois esse contato promove o desenvolvimento infantil. A ausência de interação com o mundo natural gera prejuízos para a saúde. Logo, sem a natureza a humanidade adoece enquanto em contato com a natureza há uma renovação, autonomia, descobertas. O brincar é uma manifestação benéfica para as crianças e o brincar ao ar livre impulsiona ainda mais as vantagens. A obra já mencionada de Richard Louv, “A última criança na natureza”, deixa transparecer a infância voltada para tecnologias e em contrapartida uma infância ligada à natureza. Conforme é exposto abaixo, a natureza entrega-se e transforma a vida das crianças.

A natureza oferece a cura para uma criança que vive em uma família ou uma vizinhança destrutiva. Ela funciona como um papel em branco em que a criança desenha e reinterpreta suas fantasias culturais. A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado. A natureza também pode assustar, e até mesmo esse medo tem um propósito. Na natureza a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade – um lugar distante do mundo adulto, um lugar a parte (Louv, 2016, p. 29-30).

No mundo infantil, o brincar é a principal maneira de relacionar-se com o meio. E brincar ao ar livre é extremamente importante para as crianças terem contato com os pássaros, com a terra, plantações e utilizarem a criatividade e imaginação na construção dos próprios brinquedos, a exemplo do tão popular estilingue. Ademais, o brincar possibilita as crianças a construção da sensibilidade, em que esses sujeitos irão interagir com seus pares, adultos e também meio ambiente a partir de valores, a exemplo do respeito, responsabilidade, olhar crítico sobre a realidade.

Portanto, o brincar é um aspecto essencial na infância, é o principal diferencial em relação às demais fases da vida humana. A criança gosta de brincar e quer transformar tudo em brincadeira, quando o brincar está relacionado ao contato com o mundo natural o processo de descobertas e aprendizagens torna-se ainda mais significativo. Pois as brincadeiras despertam o sentimento de pertencimento e atuação enquanto um sujeito. É diante disso, que a sociedade precisa desconstruir algumas crenças adultocêntricas e compreender que a criança não deve ter

que se adaptar aos desejos dos adultos, é na verdade os adultos que precisam aprender a ouvir as crianças através de suas manifestações e perceber que essas são importantes em seus contextos sociais, culturais, ambientais, pois a função da sociedade, escola, familiares é orientar a criança para sua formação cidadã, e não querer moldá-la.

CAPÍTULO 2 – AS RELAÇÕES COTIDIANAS NA COMUNIDADE DO CAMPO

“A ancestralidade sempre ensinou que o sentido da vida é o coletivo.”

(Sônia Guajajara)

Esta seção tem como objetivo retratar as relações cotidianas que constituem a vida na comunidade do campo. Inicialmente, são discutidos os elementos fundamentais que estruturam a dinâmica comunitária, como as formas de organização social e as atividades econômicas predominantes. Em seguida, abordam-se os saberes tradicionais presentes na comunidade, destacando a importância dos conhecimentos derivados da Educação do Campo e Educação Ambiental, que contribuem para o fortalecimento da identidade e do modo de vida local, além de promover práticas voltadas ao cuidado e à responsabilidade com o ecossistema. Por fim, enfatiza-se a influência das dinâmicas externas que incidem sobre o campo, provocando transformações significativas no modo de vida da comunidade.

2.1 Elementos fundamentais da vida em comunidade

A formação de uma comunidade é resultante de um conjunto de características que unem as pessoas. Para Tönnies (1973) as relações em comunidade são construídas a partir de aspectos que alcançam o sentimento de pertencimento do sujeito a determinado grupo, podendo ser questões como o parentesco, espaço geográfico em comum ou uma união alicerçada por valores morais e experiências similares. As comunidades proporcionam identidades coletivas, logo para a sociedade as comunidades são aludidas como locais seguros em meio a um espaço global caótico (Bauman, 2003).

Nesse contexto, é importante compreender que existem diferentes tipos de comunidade. Ao considerar a comunidade investigada na presente pesquisa, faz-se necessário aprofundar-se especificamente nos elementos que estruturam a comunidade campesina. Acerca disso, Peruzzo e Volpato (2009) abordam que as comunidades possuem uma interrelação com o espaço físico, mas não necessariamente ficam limitadas a esses. Desse modo, a comunidade do campo possui como alicerce o território, esse que é um espaço de construção de saberes, práticas agrícolas e relações que expressam os modos de vida existentes na comunidade (Leff, 2000).

Severo (2024) afirma que existem diferentes concepções teóricas sobre o campesinato, e essas concepções entram em consenso sobre alguns aspectos que compõem essas comunidades. Entre esses, está o vínculo com a terra, produção de alimentos que serão direcionados as mesas das famílias, saberes tradicionais que percorrem pelo território, sentimento de pertencimento aquele espaço, bem como conflitos sociais e políticos. Sobre a formação da comunidade, Sarriera (2016, p. 107) relaciona com o sentido de comunidade, em suas palavras afirma que:

O sentido de comunidade pode ser entendido como a própria representação de comunidade. Ou seja, deve ser entendido como englobando os aspectos físicos, territoriais e simbólicos constituintes de uma comunidade. Há uma rede de crenças, comportamentos e sentidos específicos em cada comunidade constituindo de um universo simbólico local específico (Sarriera, 2016, p. 107).

Ao pensar nas comunidades do campo e no sentimento que permeiam essas comunidades, o agricultor é visualizado como figura central, que está presente no cultivo a terra das comunidades, nos movimentos sociais, nos processos de lutas e conquistas (Severo, 2024). De fato, o sujeito do campo conhece as potencialidades da terra e toda natureza, é um defensor do respeito a natureza, uma vez que essa nutre o modo de vida da comunidade. Mas, é importante reconhecer que as comunidades possuem a participação de uma diversidade de sujeitos que residem no campo. Nas palavras de Wanderley:

Em primeiro lugar, hoje há um consenso de que a população que vive nas áreas rurais brasileiras é bastante diversificada, tomando como referência as formas de ocupação do espaço, as tradições acumuladas e as identidades afirmadas. Assim, fazem do meio rural seu lugar de vida famílias que tiram seu sustento de distintas atividades, autônomas ou combinadas entre si, que as definem como pequenos ou médios agricultores, proprietários ou não das terras que trabalham; os assentados dos projetos de reforma agrária; trabalhadores assalariados que permanecem residindo no campo [...] (Wanderley, 2009, p. 40).

Para além dos sujeitos que trabalham com a terra, as comunidades são compostas por cidadãos que fazem parte da comunidade e contribuem para o fortalecimento da identidade no território. Os núcleos familiares estão nesses espaços e proporcionam uma base fundamental para o desenvolvimento das crianças, Tassinari (2015) expõe que as crianças acompanham as atividades produtivas da família e que a partir dessas experiências com o ambiente, essas constroem seus saberes. As crianças são atentas, questionadoras e que aprendem a partir de interações significativas. Nas palavras de Tassinari:

Essa aprendizagem começa por volta dos 5 anos, quando a criança passa a acompanhar os pais e irmãos na sua realização. Através da observação, da brincadeira realizada em paralelo e da tentativa de imitação, as crianças começam a se envolver na realização das atividades. Esse processo nada tem de “natural”, mas é fruto de um esforço consciente e atencioso dos adultos para que as crianças desenvolvam os hábitos que consideram saudáveis e cresçam com disposição e conhecimentos necessários para sua autonomia enquanto agricultores (Tassinari, 2015, p. 149).

As vivências em comunidade, principalmente na perspectiva laboral, são atividades extensivas que contribuem para a construção dos saberes das crianças camponesas. O fato da criança estar próximo, observando e envolvendo-se com aquele contexto de vida é um estímulo para a aprendizagem e participação do meio produtivo, para fortalecer os valores coletivos da comunidade entre as gerações mais novas (Tassinari, 2015). Essas experiências das crianças em suas realidades contribuem para uma aprendizagem significativa e para a construção do pertencimento. Para Santana e Oliveira (2019, p. 126) “A experimentação da vida cotidiana conduz a aprendizagem pela observação e pela corporalidade, cujos rituais corporais e a relação com outros domínios cósmicos constituem processos cognitivos de produção de uma memória corporal.”

Sarriera *et al.* (2016) expõem que para as crianças as relações amigáveis com os vizinhos e as vivências no ambiente físico da comunidade constroem nas crianças o sentimento de bem estar. Assim, vizinhos, familiares, líderes comunitários, comerciantes e agentes de saúde, com sua autonomia, tornam-se referências adicionais no cotidiano infantil. Pois, as experiências no espaço do campo contribuem para a construção das culturas infantis, a partir de vivências como o brincar e também através da interação com outros sujeitos sejam crianças ou adultos (Neves; Franco, 2024).

Esse processo de vivências em comunidade constrói nas crianças o sentimento de pertencimento aquele local. Possibilitando a formação dessas enquanto cidadãos ativos, justos e democráticos. Os quais estarão participando das questões da comunidade, bem como também irão sentir-se responsáveis para refletir as situações que as envolvem. Exercendo uma cidadania de forma participativa, desde a infância. Adicionalmente, a pesquisa desenvolvida na Comunidade Correntes, uma comunidade camponesa, almejou fortalecer as crianças para participação ativa e democrática em seus espaços de vivências, uma vez que é importante que essas estejam preparadas para resolução de conflitos referente a interesses coletivos. Nas palavras de Sarriera:

A identificação do nível de envolvimento dos membros de uma comunidade pode constituir-se em um importante indicador não apenas do bem-estar, mas também do capital social dessa comunidade e de sua força ou poder coletivo para fomentar seu próprio desenvolvimento e de sua comunidade como um todo (Sarriera, 2016, p. 114).

Marchi; Pinheiro e Pagani (2021) expõem que as comunidades devem ser constituídas por diálogos, participação ativa dos sujeitos e enfrentamento aos desafios para alcançar os interesses coletivos. Os autores afirmam a importância da confiança entre os sujeitos da comunidade para que de fato aconteça ações coletivas para o bem comum. Segundo esses a confiança é um aspecto imprescindível para o fortalecimento da comunidade. Logo são valores que devem ser incentivados desde a infância.

A confiança é entendida como um dos elementos-chave do capital social, responsável por facilitar a cooperação entre os indivíduos de uma comunidade que, juntos, ganham poder para interferir nos processos políticos, resolvendo problemas comuns e facilitando o controle social. Nesse sentido, a cooperação é diretamente proporcional ao nível de confiança numa comunidade, gerando um ciclo que se retroalimenta (Marchi; Pinheiro; Pagani, 2021, p. 5).

Bacheti, Loureiro e Cristóvão (2024) afirmam que ao adentrar pequenas comunidades do campo é comum deparar-se com uma exclusão de acesso as políticas públicas que afetam essas populações. Logo, a fragilidade na organização social da comunidade gera dificuldades para responder aos conflitos, em uma perspectiva de defender os interesses coletivos e alcançar o bem estar dos moradores. Assim, instruir a formação cidadã crítica é uma forma de fortalecer a população para buscar a transformação do contexto de vida (Bacheti; Loureiro; Cristóvão, 2024). Nesse contexto, processos formativos em um âmbito educacional fortalecem os sujeitos, pois esses passam a compreender seus locais com profundidade e mobilizam-se para agir em prol da melhoria.

No contexto da comunidade Correntes a construção de uma pesquisa manifesta-se enquanto um elemento motivador para refletir sobre elementos locais que precisam ser fortalecidos. Logo é uma oportunidade para as crianças serem incluídas no projeto da comunidade e também contribuir com transformações significativas para o território. O pertencimento a uma comunidade é relatado sobre diversas visões por moradores, tanto em aspectos positivos, quanto em pontos negativos, onde são expostas as problemáticas. No entanto, é preciso transparecer que a responsabilidade com as questões da comunidade não se limita apenas àqueles que lavram a terra, mas se estende a todos que a integram. Para a manutenção no espaço coletivo, é fundamental o apoio mútuo entre todos os seus membros (Bacheti; Loureiro; Cristóvão, 2024).

Um dos princípios que direcionam a comunidade é a cooperação. Conforme expõe Wanderley (2003, p. 47) “o camponês tradicional não tem propriamente uma profissão; é o seu modo de vida que articula as múltiplas dimensões de suas atividades.” O modo de vida no campo é associado a cultura do trabalho, justamente porque os agricultores e agricultoras não definiram regras conforme uma profissão. No entanto, fizeram da agricultura a atividade central do seu contexto de vida. De acordo com Wanderley (2003) os camponeses tradicionais não costumam calcular o custo da força de trabalho, na perspectiva monetária, pois suas práticas estão fundamentadas na colaboração, solidariedade e sustento da comunidade, e não na lógica lucrativa, conforme as relações capitalistas estabelecem.

Canani (2005) apresenta a expressão herança enquanto algo partilhado de uma geração para outra. Desse modo, é possível refletir o vínculo com a terra enquanto uma herança familiar, partilhada de uma geração para outra. Popularmente, o trabalho no campo é visto através do contato com o meio natural, onde o agricultor conhece o processo para preparo do solo, plantio da semente e acompanha até o momento da colheita. Mas esse processo representa, para alguns camponeses, um legado familiar. Nas palavras de Brandão:

[...] mais do que o existir em um território achado, doado, conquistado, apropriado e tido como um lugar natural e social legítimo de existência de uma comunidade de ocupação, o que qualifica uma comunidade tradicional é o fato de que ela se tomou legítima através de um trabalho coletivo de socialização da natureza. Um trabalho sem interrupções, realizado ao longo de gerações ou, no limite, através da geração presente (Brandão, 2014, p. 358).

O trabalho como herança familiar influencia na construção de saberes transmitidos de geração em geração. Nesse contexto, nas comunidades do campo, a relação com o meio ambiente se desenvolve de forma profunda e constante. Essa convivência próxima com a natureza possibilita reconhecer a sua importância como parte essencial do ecossistema, que deve ser valorizado por meio de práticas sustentáveis. Tais práticas permitem o processo de regeneração dos recursos naturais quando são utilizados para suprir as necessidades humanas.

Os saberes compartilhados são sistemas elaborados pelos sujeitos que compõem a identidade da comunidade e orientam a forma como a comunidade se reconhece, constrói suas memórias e relaciona-se com seu território (Brandão, 2015). Esses conhecimentos guiam suas ações coletivas e influenciam na forma em que as riquezas naturais são tratadas impactando significativamente na organização social, cultural e econômica local. Brandão destaca:

Linhas, vertentes e redes de relações entre categorias de homens e de mulheres cujos saberes, princípios e preceitos elaboram e transformam lentamente e ao longo do

tempo as práticas do saber: como se pesca, como se prepara o peixe como alimento, como se planta e colhe o milho e o processa para alimento de pessoas e de animais; as éticas do agir: quem, sob que condições sociais, pode pescar e que peixes em que época do ano? Como ele deve ser partilhado e consumido? E, em um plano mais talvez abrangente e abstrato, o que poderíamos chamar aqui de lógicas do pensar? (Brandão, 2015, p. 42).

Cada comunidade é constituída por aspectos culturais e sociais que representam significados para suas populações (Brandão, 2015). Logo, enquanto um território constituído através da coletividade, as dinâmicas na comunidade devem ter como base princípios como a cooperação, respeito e relações equilibradas. Em uma perspectiva de comunidade campesina, os valores ecológicos e a valorização desse modo de vida possibilita uma organização social comprometida com a qualidade de vida coletiva.

2.2 Os saberes que fortalecem a comunidade

As relações estabelecidas na comunidade campesina, são constituídas por interação entre os diferentes seres e fazem parte do processo nomeado como complexidade ambiental (Leff, 2009). Assim, as comunidades são espaços de construção e partilha de saberes, onde o conhecimento é resultante dos contextos de vida, sendo compartilhados entre gerações. Consequentemente esses saberes constituem heranças culturais que permeiam no território e entre os sujeitos, compondo a identidade e subjetividade do espaço. Nas palavras de Leff (2009, p. 22) “O ser, diverso por sua cultura, ressignifica seu saber para dar-lhe seu selo pessoal, para inscrever seu estilo cultural e reconfigurar identidades coletivas.”

Em um contexto socioambiental, as comunidades campesinas constroem saberes significativos através da relação com a natureza. Assim, Leff (2009) propõe que os diálogos se fortaleçam nos diversos territórios em prol da utilização da natureza a partir de um novo pensamento, o saber ambiental. Nas palavras do autor:

O saber ambiental se faz assim solidário de uma política do ser, da diversidade e da diferença. Tal política se funda no direito de ser diferente, no direito por autonomia, em sua defesa frente a ordem econômico-ecológica globalizada, sua unidade dominadora e sua igualdade inequitativa. É o direito a um ser próprio, que reconhece seu passado e projeta seu futuro; que restabelece seu território e reapropria sua natureza; que recupera o saber e a fala a fim de atribuir-se um lugar no mundo e dizer uma palavra nova, desde suas autonomias e diferenças, no discurso e nas estratégias da sustentabilidade (Leff, 2009, p. 19-20).

A luz da teoria de Leff (2009) os diálogos são propostos na comunidade Correntes como forma de perceber os saberes existentes no território e de instigar novas perspectivas sejam

refletidas, a exemplo do entendimento de natureza. Esta é popularmente vista naquilo que não foi criado pelo ser humano, a materialidade dessa é apontada de forma popular nas árvores, terra, pássaros, ar livre, piscinas naturais. No entanto, a desconstrução dessa visão que separa natureza das relações humanas é importante. Pois, o mundo natural puro, belíssimo que remete a aspectos independentes da ação humana é algo abstrato, que está conectado ao que Rousseau teoriza como o estado de natureza, onde havia um ambiente harmonioso, sem intervenções humanas (Batista; Conceição, 2010).

Ainda com base em Batista e Conceição (2010, p. 4) acerca do pensar de Rousseau sobre a natureza é dito que “Nas reflexões rousseauianas, o estado de natureza representa um ponto de partida. O filósofo vai separar da natureza humana o que é de origem natural e o que foi construído artificialmente no estado de sociedade.” Assim, é possível compreender que o estado de sociedade refere-se as relações entre os seres humanos e as ações que esses realizam no meio ambiente, que geram também criações, construções e transformações, as quais ficam conhecidas como a natureza artificial.

Portanto, torna-se evidente que a natureza é compreendida como uma totalidade integrada, da qual os seres humanos também fazem parte (Batista; Conceição, 2010). Nesse sentido, as comunidades do campo desenvolvem um modo de vida estreitamente vinculado à natureza, estabelecendo relações baseadas no cuidado e no uso equilibrado dos elementos naturais. Esse vínculo promove a construção de saberes tradicionais que são continuamente compartilhados entre os membros da comunidade. De acordo com Rocha e Contente:

São saberes que se traduzem na leitura diferenciada dos fenômenos, na interpretação de situações que cotidianamente exigem respostas mais imediatas e que são construídos, sobretudo, por meio das práticas socioambientais muito presentes e de valor acentuado nas comunidades tradicionais (Rocha; Contente, 2021, p. 103).

É importante salientar que os conhecimentos presentes nas comunidades campesinas, revelam uma vivência profunda e respeitosa com a natureza. Nessas comunidades, o uso das riquezas naturais ocorre de forma cautelosa, a partir de regras e valores constituídos por essas populações e que costumam passar de uma geração para outra (Pereira; Diegues, 2010). Nesse contexto, Diegues *et al.* (2000) discutem aspectos das comunidades tradicionais, abordando também características comuns às comunidades campesinas, destacando a relação respeitosa e cuidadosa que esses grupos mantêm com o meio ambiente.

Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se

tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos (Diegues, 2000, p. 21).

Esses saberes são vivenciados no dia-a-dia, compartilhados oralmente, por meio de ações. Importante perceber que esses saberes são observados pelas crianças da comunidade, as quais estão fortalecendo seu vínculo com o meio ambiente e com os costumes locais. De acordo com Pereira e Diegues (2010) os saberes constituídos por gerações anteriores são conectados ao cotidiano vivido, desse modo é uma experiência que une as crenças com as vivências, possibilitando a continuação do conhecimento. Logo, esses saberes contribuem para o fortalecimento da identidade local, sendo fundamental para a formação de novas gerações, voltando-se para a relação de cuidado e respeito com a natureza. Sendo importante compreender que a infância é uma fase da vida em que o sujeito será orientado de acordo com os valores éticos e morais característicos do local e época vivida. Profice e Santos destacam:

O estilo de infância vai ser definido a partir dos valores e funções sociais destinados às crianças em diferentes culturas, lugares e tempos, caracterizando tudo que lhes diz respeito, sua participação no coletivo, sua função na dinâmica familiar, as tarefas que lhe são atribuídas conforme sua idade e gênero, seu modo de se vestir e se comportar, sua alimentação, seu cotidiano, sua liberdade e seus interditos (Profice; Santos, 2017, p. 309).

Sendo assim, torna-se essencial reconhecer os princípios que estruturam as comunidades e guiam a construção de saberes entre as gerações. Nas sociedades indígenas o mundo natural direciona a dinâmica de vida dos sujeitos e esses povos sempre visam a proteção a natureza (Pereira; Diegues, 2010). É uma abordagem nomeada como ecocêntrica, a qual preza por uma interação respeitosa entre todos os seres vivos, valorizando a biodiversidade e reconhecendo que um ser vivo necessita do outro para possuir qualidade de vida (Profice; Santos, 2017). Costumeiramente, as crianças são orientadas a estarem em contato com o ar livre, interagindo e estabelecendo uma conexão com a natureza, reconhecendo-se também como parte dessa (Profice; Santos, 2017). É uma sociedade pautada na reciprocidade e direitos iguais, na qual as crianças aprendem, mas também partilham seus conhecimentos com os adultos.

É fundamental que as crianças do campo tenham contato com esses saberes ambientais, princípio que mobiliza está pesquisa, pois muitos de seus familiares, embora detentores de uma sabedoria ancestral, podem ainda utilizar práticas herdadas que, em determinadas situações, acabam contribuindo para a degradação ambiental, como o uso indiscriminado do fogo, o

desmatamento para ampliação de áreas de cultivo ou a utilização de produtos químicos prejudiciais ao solo e à água. Nesse cenário, a criança que possui esses conhecimentos, sob uma perspectiva crítica, pode atuar como ponte entre o saber tradicional e os saberes das ciências ambientais.

Além de práticas degradadoras, é perceptível que o campo enfrenta diversas adversidades, como a marginalização, as invasões e a apropriação indevida de suas riquezas naturais, muitas vezes promovidas por agentes externos à comunidade (Texeira; Terra; Herrera, 2018). Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como atuar de forma estratégica. É com base nesse princípio que emerge a necessidade de fortalecer os saberes da população do campo, valorizando seus conhecimentos, práticas e maneiras próprias de resistência. Nessa perspectiva, a educação do campo é um instrumento poderoso no processo formativo, cultural, identitário e social.

Desse modo Kolling, Cerioli e Caldart (2002) afirmam que a Educação do Campo é composta por um processo formativo direcionado especificamente para os sujeitos que vivem e atuam na comunidade, com o propósito de fortalecê-los para a vida no campo. Essa proposta considera tanto os aspectos positivos quanto os desafios inerentes a esse contexto, valorizando os saberes locais e promovendo uma educação comprometida com a realidade e os projetos de vida dessas populações (Kolling; Cerioli; Caldart, 2002). Em suas palavras:

A educação do campo é a intencionalidade de educar e reeducar o povo que vive no campo na sabedoria de se ver como “guardião da terra”, e não apenas como seu proprietário ou quem trabalha nela. Ver a terra como sendo de todos que podem se beneficiar dela. Aprender a cuidar da terra e apreender deste cuidado algumas lições de como cuidar do ser humano e de sua educação (Kolling; Cerioli; Caldart, 2002, p.23).

Nesse contexto, um dos entraves existentes na realidade de algumas comunidades camponesas é a ausência da Educação do Campo. Essa modalidade de ensino intenciona a construção de reflexões e práticas apropriadas ao modo de vida dos trabalhadores do campo (Caldart, 2004). Assim, em contextos de ausência da educação do campo é possível buscar processos formativos da educação não formal que possibilitem o fortalecimento dos saberes e valores locais, contribuindo para uma sensibilidade socioambiental e implementação de novas práticas na comunidade (Lopo; Garcia, 2018). Nessa construção e troca de saberes, é possível aprofundar-se em modos de produção como a agroecologia, a qual visa a sobrevivência humana e também de diversas espécies, a partir de um manejo sustentável (Nodari; Guerra, 2015).

Acerca da agroecologia, essa é uma opção de práticas sustentáveis, pois esse sistema importa-se com o meio ambiente e também com toda sociedade, compreendendo que esses estão interconectados. A produção agroecológica acontece através de estratégias que visam à produção de alimentos e ao uso das riquezas naturais sem degradação do meio ambiente ou prejuízos à biodiversidade (Nodari; Guerra, 2015). Consequentemente, gera uma melhor qualidade de vida aos sujeitos. Conforme Nodari e Guerra:

A agroecologia é um dos sistemas agrícolas mais sustentáveis sob todos os aspectos e propõe-se a resgatar a dignidade humana dos agricultores que ao longo da história domesticaram plantas e animais e mantiveram grande parte da diversidade genética utilizada pela espécie humana. Além disso, ao conservarem a agrobiodiversidade, esses agricultores promoveram práticas e inovações que são agora reconhecidas pela comunidade científica e pelos tomadores de decisões (Nodari; Guerra, 2015, p. 184).

Esse sistema de produção é uma opção para seguir com a produtividade agrícola, de forma menos agressiva (Almeida *et al.*, 2025). E também de maneira democrática, considerando que a agroecologia também possui discussões que caminham ao encontro do modo de vida de pequenos agricultores, visando ampliação e melhorias na produção (Lopo; Garcia, 2018). Para as produções não serem afetadas por substâncias agressivas, um dos princípios agroecológicos é a utilização de recursos encontrados no local, a exemplo da compostagem para a fertilização do solo. A agroecologia também defende que sejam semeadas plantas variadas para manter o solo fértil, ao invés de implantar monoculturas, essa prática contribui também para o controle de pragas nas regiões e para manter a biodiversidade (Almeida *et al.*, 2025).

A Agroecologia é uma concepção de agricultura que visa resgatar os saberes e as práticas utilizadas desde a origem das agriculturas, retomando conhecimentos agrícolas, agregando relações ecológicas e interações humanas, visando questões sociais, culturais e ambientais, partindo dos saberes, técnicas e práticas de povos e comunidades tradicionais, indígenas e camponesas (Almeida *et al.*, 2025, p. 11).

Desse modo, fica evidente que a agroecologia não se limita a um sistema de produção agrícola, mas se constitui também como um movimento de resistência ao modelo capitalista hegemônico, que promove a degradação ambiental, a exploração dos recursos naturais e a desestruturação dos modos de vida tradicionais. A agroecologia, portanto, propõe uma alternativa baseada no respeito aos ciclos da natureza, na valorização dos saberes locais e na autonomia dos povos do campo.

Embora a relação com a terra seja intrínseca ao agricultor, é fundamental compreender que essa ligação envolve dimensões complexas que vão além do simples plantar e colher. Na realidade do campo e de suas populações, essa relação abrange não apenas o solo, mas também os laços comunitários, as condições socioeconômicas e os aspectos culturais e socioambientais que moldam o cotidiano das comunidades. Os moradores do campo vivenciam, ainda, diversas situações sociais e econômicas interligadas, que frequentemente são impactadas por ações de agentes externos. Assim, “a agroecologia parte da necessidade de introduzir junto com o conhecimento científico, outras formas de conhecimento para enfrentar a crise ecológica e social que atravessa o mundo atual” (Almeida *et al.*, 2025, p. 15).

Historicamente, as comunidades em perímetro rural enfrentam alguns desafios, como a invisibilidade, o acesso limitado a serviços básicos como educação e saúde e o precário assistencialismo prestado pelo Estado às necessidades pertinentes das comunidades camponesas. Decorrente dessa realidade, algumas gerações da população do campo vivenciaram a necessidade de priorizar o trabalho para sustento da família e conseqüentemente tiveram que abdicar do acesso à escola, resultando em um índice alto de analfabetismo no contexto do campo. Silva (2020) afirma que os fatores da desigualdade no campo é um problema estrutural no Brasil, onde o campo sofre com processos excludentes, que afeta a população. Em suas palavras diz:

O Brasil é um país com ampla desigualdade social, elevado índice de pobreza, desemprego e perspectiva de qualificação/permanência pelo viés da escolarização formal em nível médio e superior. Levando em consideração esses e outros fatores sociais, o campo brasileiro sempre esteve atrelado ao local do trabalho degradante, onde os sujeitos “não precisariam estudar”, já que trabalham na roça (Silva, 2020, p. 220).

Devido às condições que dificultaram o acesso dos sujeitos à educação formal, muitos indivíduos encontram-se mais vulneráveis diante dos processos de transformação territorial, como a periurbanização e a implantação de monoculturas. A periurbanização, caracterizada pela expansão desordenada das áreas urbanas sobre o campo, gera pressões sobre os modos tradicionais de vida, provocando perda de terras produtivas, aumento do custo de vida e alteração nas dinâmicas sociais locais. Já a implantação de monoculturas, frequentemente associada a grandes produtores rurais, acarreta a redução da diversidade agrícola, degradação do solo e contaminação ambiental, comprometendo o modo de vida das comunidades rurais.

Logo, é imprescindível fortalecer os saberes já existentes nas comunidades, ao mesmo tempo em que se promove a vivência e a incorporação de novos conhecimentos no ambiente

local. Exemplos disso são a Educação do Campo, a Educação Ambiental e práticas como a agroecologia, que contribuem para o desenvolvimento sustentável, a valorização cultural e o fortalecimento dos sujeitos do campo.

2.3 O despertar através da Educação Ambiental Crítica

Ao investigar as dinâmicas entre sociedade e natureza, torna-se evidente um desequilíbrio marcante: grandes instituições exploram as riquezas naturais, a natureza é constantemente afetada por degradações e as populações em situação de vulnerabilidade são as que mais enfrentam os impactos dessa crise. Leff (2000) expõe que as relações existentes na perspectiva sociedade e natureza são construções históricas e sociais, que desencadearam crises ambientais, assim as problemáticas ambientais são causadas devido aos modos de produções e também por uma crise de racionalidade humana.

Nesse contexto, as Ciências Ambientais, enquanto campo do saber interdisciplinar, dedicam-se a compreender essas relações complexas (Philippi Jr. *et al.*, 2013). Nessa perspectiva, conduzir processos investigativos sobre as interações entre sociedade e natureza constitui uma abordagem fundamental das Ciências Ambientais, permitindo a compreensão sobre os impactos causados, mas também instigando a reflexão sobre possíveis formas de atuação, para promover melhorias nessas realidades.

Nesse contexto, a presente investigação tem como objetivo construir uma compreensão sobre a realidade de uma comunidade campestre a partir das percepções das crianças que se reconhecem como pertencentes a ela. A partir desse olhar sensível e situado, busca-se identificar as problemáticas socioambientais que afetam o território, refletindo sobre os impactos das ações humanas na natureza e nas relações sociais locais. Inserida no campo das Ciências Ambientais, essa abordagem valoriza os modos de vida da comunidade e reconhece a participação das crianças como fundamental para a construção de transformações a partir de reflexões e ações pautadas na justiça socioambiental, bem como uso equilibrado das riquezas naturais.

Olhar os problemas na perspectiva puramente ambiental não é o suficiente para compreender a conjuntura que circunda as questões socioambientais. É importante identificar os fatores que geram os desastres naturais, compreendendo também quem são os principais afetados em uma sociedade em que o sistema capitalista é vigente. Na medida em que acontecem enchentes, poluições, desmatamentos, falta d'água, queimadas uma parcela

populacional é drasticamente afetada. E esses sujeitos que mais sofrem não são os maiores causadores das problemáticas.

Essas reflexões são parte do universo acadêmico, no entanto muito pouco chega até as comunidades dessa forma. A versão que chega a esses locais são informações de que ações individuais como as queimadas prejudicam o meio ambiente. Embora as ações individuais de cuidado e conservação sejam relevantes e devam ser incentivadas, é imprescindível aprofundar esses debates, expondo que a complexidade é muito maior, uma vez que apenas as ações individuais não irão resolver os problemas socioambientais enfrentados pelo Brasil atualmente (Viégas; Guimarães, 2004).

A perspectiva da educação tradicional que vem se refletindo nas práticas de educação ambiental, centrada no indivíduo e na transformação de seu comportamento (individualista e comportamentalista), não tem sido capaz de causar transformações significativas na realidade socioambiental. Essa perspectiva foca a realização da ação educativa no resultado, compreendendo ser o indivíduo transformado, e espera que a consequência, pela lógica descrita, seja a transformação da sociedade. Essa é uma perspectiva simplista e reduzida de perceber uma realidade que é complexa (Viégas; Guimarães, 2004, p. 58).

A utilização demasiada dos elementos naturais ultrapassa a via ambiental, alcançando questões éticas e coletivas, atingindo as estruturas sociais, principalmente as partes mais vulneráveis como as crianças, idosos, animais irracionais, pessoas com baixa renda. Para explicar esse fenômeno Loureiro e Layrargues apresentam a ecologia política, que em suas palavras:

Não seria exagero dizer que a ecologia política teve a capacidade de explicitar a grande contradição da contemporaneidade, cujo sistema sustenta um adequado padrão de vida para alguns em detrimento do péssimo padrão de vida para outros, e com base no uso abusivo e intensivo da natureza (Loureiro; Layrargues, p. 56, 2013).

Desse modo, o trabalho com a Educação Ambiental Crítica em comunidades é realizado para que os sujeitos analisem de forma profunda o próprio contexto de vida e as violências que o cercam, identificando interconexões entre as questões culturais, sociais, econômicas, ambientais. E esses conhecimentos orientam os sujeitos para compreenderem o próprio modo de vida. Segundo Pelicioni (1998), a educação ambiental configura-se como um processo no qual a população é levada a refletir sobre os problemas ambientais que atravessam suas realidades, compreendendo as causas e as consequências.

Desse modo, a Educação Ambiental Crítica diferencia-se porque é direcionada a prática educativa, na qual a população irá refletir criticamente acerca das problemáticas. Loureiro e Layrargues (2013, p.67-68) afirmam sobre a Educação Ambiental Crítica:

Trata-se de incluir no debate ambiental a compreensão político-ideológica dos mecanismos da reprodução social e o entendimento de que a relação entre o ser humano e a natureza é mediada por relações socioculturais e classes historicamente construídas. Essa tendência traz então uma abordagem pedagógica que problematiza os contextos societários em sua interface com a natureza (Loureiro; Layrargues, 2013, p.67-68).

Com a Educação Ambiental Crítica sendo trabalhada na comunidade em que esta pesquisa atua, cada criança da comunidade poderá trabalhar a habilidade de estranhar, questionar, e desnaturalizar o pensamento hegemônico, positivista veiculado pelas mídias em discursos alienados e que intencionam manter a população com pensamento acrítico e conformada com o sistema de exploração.

Embora seja difícil construir uma estrutura que se movimente contra um sistema poderoso, que possui as mídias, grandes instituições e a maior parte da estrutura a seu favor, pesquisas como esta são instrumentos de luta contra a violência que destrói modos de vida. E a maior potência são as crianças, agentes sociais que possuem um olhar puro, desvinculado da ganância e estruturas de poder. Elas que prezam pelas vivências em natureza e são sujeitos que podem promover transformações nos meios em que vivem. As crianças são grupos de resistências que prezam pelo cuidado com a natureza e pelos seus modos de vida. Logo, é viável aprofundar junto a elas discussões acerca da realidade em que vivem associando os acontecimentos aos princípios e práticas da Educação Ambiental Crítica.

A Educação Ambiental Crítica apresenta-se como princípios que prezam pelo uso das riquezas naturais de maneira equilibrada, pautada na conservação e não na expropriação desenfreada. Na prática com crianças, é possível transcender a parte teórica, alcançando práticas significativas, que contribuem para a formação desses enquanto cidadãos ativos na realidade em que vivem. É preciso inserir a EAC no cotidiano da comunidade, através da educação não formal, pois contribui significativamente para a construção de ideais direcionados para humanização, coletividade e cidadania dos moradores. Quando esses princípios forem fortalecidos nas comunidades, fenômenos como o agronegócio, periurbanização, expropriação terão dificuldades para adentrar comunidades que possuem um modo de vida vinculado ao mundo natural.

A Lei 9.795/99 em seu art. 2º, inciso VI, expõe sobre a importância de a Educação Ambiental ser trabalhada na perspectiva formal e não formal. A abordagem da EA nas instituições de ensino é orientada no currículo e são oferecidas estruturas para que esse trabalho seja realizado. No entanto, mesmo sendo um processo reconhecido por lei, ainda persistem

algumas lacunas que prejudicam a EA em espaços não formais. Inicialmente não é dado o devido reconhecimento sobre a importância dessas práticas e também não há estrutura para a realização dessas atividades, sendo os recursos limitados para aqueles que buscam contribuir com essas ações, principalmente em pequenas comunidades.

No entanto, mesmo sofrendo com algumas ausências, a Educação Ambiental Não-Formal (EANF) é um instrumento com grande potencial para o fortalecimento do cidadão em relação à conservação, sensibilização com as áreas que sofrem com a degradação, uma forma de preparar-se para responder contra as violências, fortalecer o senso identitário. Conforme legislação toda sociedade deve aderir a ações voltadas para a EANF em seus meios de atuação pessoal e/ou profissional.

Independente de ser instituição público, privada, escola, comunidade, é imprescindível contribuir para o processo formativo e de sensibilização sobre as causas socioambientais, conforme é explanado no Art. 13, da lei nº 9.795/99:

Art. 13. Entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.
Parágrafo único. O Poder Público, em níveis federal, estadual e municipal, incentivará:
I - a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente;
II - a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal;
III - a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais;
IV - a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação;
V - a sensibilização ambiental das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação;
VI - a sensibilização ambiental dos agricultores;
VII - o ecoturismo.
VIII - a sensibilização da sociedade para a relevância das ações de prevenção, de mitigação e de adaptação relacionadas às mudanças do clima e aos desastres socioambientais, bem como ao estancamento da perda de biodiversidade (Brasil, 1999).

A Educação Ambiental Não Formal (EANF), sob uma perspectiva crítica, foca no diálogo sobre a realidade para gerar reflexões significativas, as quais fundamentam a ação e a subsequente análise dos resultados. É através dessas relações que a presente pesquisa intencionou despertar nas crianças discussões profundas acerca das vivências na comunidade, com ênfase nas questões socioambientais. Estimular os moradores a participarem de diálogos coletivos, sobre o local em que residem, é uma prática cidadã, sendo possível traçar medidas

estratégicas que visem à conservação para o modo de vida da população e também proteção à biodiversidade local.

Portanto, a principal intenção de trabalhar com a EANF na comunidade Correntes é instigar as crianças a conhecerem e participarem de forma significativa na realidade em que vivem. Com base nessas compreensões poderão indicar os principais problemas, apontar soluções. E assim estarão atuando com base no princípio de cidadania e sendo agentes transformadores em seus contextos sociais.

A ideia de proteção direcionada a terra não é um tema novo. É uma temática constantemente discutida, principalmente ao refletir sobre os modos de vida de comunidades tradicionais, a exemplo dos indígenas. Para os povos que moram na floresta, a natureza não é um recurso que deve ser explorado e degradado, mas sim é ciclo que permite a existência modo de vida da comunidade. Sem esses espaços, cuidados e composição biodiversa, os modos de vida dessas comunidades seriam devastados.

Ademais, a Constituição Federal, promulgada em 1988, afirma em seu art.225, que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (Brasil, 1988). Sendo assim, é dever da sociedade colaborar com a manutenção do modo de vida dessas comunidades, movimentando-se contra possíveis ameaças, a exemplo de produtores rurais ou empresários sob esses ambientes, que visam destruir os modos de vida dessas comunidades, para seguir com o acúmulo do capital. E a construção de trabalhos centrados na EANF é uma estratégia para fortalecimento da comunidade, para defenderem-se das diversas violências territoriais e também para aprofundarem os conhecimentos acerca do manejo ainda mais sustentável nas terras.

Portanto, a comunidade é formada por especificidades próprias, que proporciona a ela um caráter único enquanto um espaço coletivo. Entre os aspectos que a constituem, os saberes são primordiais para orientar a organização social, fortalecer a comunidade enquanto uma unidade e promover uma interação entre sujeitos e riquezas naturais de forma equilibrada. Ademais, a Educação Ambiental possibilita que os sujeitos possam aprofundar seus conhecimentos, visando fortalecer a identidade coletiva e compreender elementos que podem ser melhorados no espaço da comunidade, colaborando para que cada sujeito se mobilize enquanto cidadãos.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UM PASSO POR VEZ PARA O SEMEAR NO CAMPO

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”

(Cora Coralina)

Para alcançar os objetivos estabelecidos, é necessário definir o percurso, escolher a direção a ser seguida, preparar-se e iniciar a caminhada. Nesta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Inicialmente, foram definidos aspectos como a natureza, a abordagem, os objetivos, a metodologia da investigação, bem como os procedimentos para coleta e análise dos dados. Em seguida, realiza-se a descrição dos sujeitos da pesquisa e do contexto local. Por fim, são abordadas as práticas das oficinas como extensão da pesquisa, as quais constituíram momentos de troca e construção coletiva do conhecimento.

3.1 O desenho do caminho

Este estudo possui como principal anseio aprofundar os conhecimentos sobre uma comunidade, a partir dos olhares de moradores específicos: as crianças. É notável que as comunidades campesinas possuem relações socioambientais e para compreender como essas intercorrem, as crianças foram as principais reladoras. Assim, nesta pesquisa, as crianças são agentes ativos que manifestam os acontecimentos sobre o local em que vivem a partir das suas múltiplas linguagens. Elas brincam, desenharam, argumentam, apresentam expressões que evidenciam a forma como percebem o ambiente e as dinâmicas que ocorrem na comunidade.

A partir dessas considerações, este é um estudo de **natureza aplicada**, característica determinada a partir da necessidade de estar na comunidade, juntos aos sujeitos da pesquisa para investigar as relações socioambientais. De acordo com Leff (2002), a pesquisa aplicada ultrapassa o conhecer a comunidade e alcança a possibilidade de atuação no local, utilizando saberes construídos para atender às demandas apresentadas pela comunidade. A atuação do pesquisador é importante, desde que respeite os princípios éticos e os modos de vida dos moradores da localidade.

Esta pesquisa se concentrou atentamente nas manifestações, subjetividade e vivências que constituem cada criança. Paralelamente, também buscou compreender as relações

socioambientais existentes na comunidade. Assim, é uma intrínseca conexão entre a criança em seu contexto de vida. A partir dessa relação é possível perceber como as crianças contribuem no território em que vivem e a forma como também são moldadas por esse. Esse processo vinculado aos humanos e fenômenos sociais é característico da pesquisa de **abordagem qualitativa** (Neves, 1996).

Lüdke e André (2012) expõem que essa forma de contatar os sujeitos e relacionar-se com o fenômeno da pesquisa permite a realização de uma coleta de dados mais aprofundada acerca da realidade, possibilitando o alcance de informações enriquecedoras. Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa vai direcionar o pesquisador ao encontro de relatos pessoais e perspectivas subjetivas do grupo participante, logo cabe ao investigador um olhar ético e crítico para contextualizar e interpretar, com cautela para não contaminar as informações através de uma interpretação estritamente pessoal.

Compreender os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais existentes no local de pesquisa é um processo de descobertas, o qual exige uma investigação aprofundada. Sendo assim, este estudo é de caráter exploratório-descritivo, por permitir um estudo mais enraizado. Para Gil (2002) as pesquisas caracterizadas como exploratórias-descritivas são utilizadas constantemente por alcançarem e fazerem uso dos dados de maneira mais completa. **O caráter exploratório-descritivo** possibilita o aprofundamento em contextos pouco conhecidos, nesta pesquisa o conhecimento aprofundado é em relação ao território da comunidade, mas também no campo da percepção infantil, a qual ainda é minimamente valorizada no âmbito social e acadêmico.

3.2 Abordagem metodológica

Por ser uma pesquisa que objetivou o envolvimento das crianças no processo investigativo, para ser possível conhecer o contexto socioambiental através dos próprios moradores, a abordagem metodológica escolhida foi a Pesquisa Participante (PP). De acordo com Paulo e Lopes (2024) a pesquisa participante possibilita que grupos tradicionalmente invisibilizados participem ativamente, fornecendo-lhes os instrumentos necessários para compreender sua realidade e se engajar diretamente nos processos que lhes dizem respeito. Essa perspectiva reforça a participação das crianças na construção do conhecimento sobre o ambiente em que vivem. Silva (2018, p. 37) afirma que “Esse método instrumentaliza os pesquisadores/participantes a coordenar as atividades de grupos de trabalhos e decidir a respeito das metas e meios necessários para produzir um determinado produto ou serviço.” Sendo assim,

a forma como a PP estrutura-se possibilita uma atuação no local de pesquisa com momentos coletivos para a produção do conhecimento.

A Pesquisa Participante orienta a investigação a partir da realidade e necessidades dos sujeitos, dialoga com a abordagem qualitativa, a qual valoriza a subjetividade. Nesse contexto, Faermam (2014) argumenta que a atuação da pesquisa participante é oposta ao positivismo, em suas palavras:

Por isso mesmo, a pesquisa participante não se coaduna com as determinações de cientificidade fixadas pelo positivismo, pois ancorada na abordagem qualitativa, direciona-se para a realidade social dos sujeitos, suas experiências, sua cultura e seus modos de vida. Logo, prevê uma aproximação horizontal entre sujeito e objeto, tendo em vista que ambos são da mesma natureza. Nesse caso, a produção do conhecimento na pesquisa participante não se faz de modo isolado do sujeito, mas em presença e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais cotidianas (Faermam, 2014, p. 44).

A pesquisa participante estimula o envolvimento dos sujeitos para a construção do conhecimento (Faermam, 2014). É uma forma de pesquisa que defende a participação dos sujeitos e a possibilidade de contribuir com mudanças através do processo. Streck e Adams (2011) afirmam que a Pesquisa Participante é uma estratégia de prática política, social e educativa, a qual visa a perspectiva formativa e o fortalecimento dos sujeitos para atuarem em suas realidades, visando a uma relação de igualdade e respeito entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Isso vai contra a ideia positivista de um pesquisador detentor do conhecimento, que se posiciona como “superior” aos sujeitos pesquisados. Pois a pesquisa participante deve ser um processo de construção coletiva aplicável em diferentes contextos, uma ação de partilha de conhecimentos, considerando que todos os sujeitos possuem saberes adquiridos a partir de suas experiências de vida e podem contribuir para transformação de sua realidade (Paulo; Lopes, 2024).

Com o intuito de compreender as percepções, experiências e saberes das crianças, bem como valorizar o que elas têm a dizer sobre seu cotidiano e seu entorno, optou-se pela utilização da Pesquisa Participante (PP) como abordagem metodológica. A Pesquisa Participante possui um caráter de democrático entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, contribuindo para concretização de escuta ativa e possibilitando o envolvimento direto dos participantes no processo investigativo (Paulo; Lopes, 2024). Em pesquisas com crianças, a PP mostra-se significativa, pois reconhece a infância como uma etapa da vida marcada por protagonismo, atuação e formas próprias de expressar e construir conhecimento. Assim, através dessa

abordagem metodológica será possível acessar falas, modos de ver, sentir e se relacionar com o contexto em que vive. Gandhi e Leite expõem que:

[...] considerar os dizeres das crianças em temas complexos, ou que sejam tocantes a elas, implica, antes de tudo, um exercício contínuo de escuta sensível, que permita respeitar e alcançar com mais êxito o lugar de fala, as peculiaridades de expressão e de existência das crianças (Gandhy; Leite, 2020, p.13).

Piorski e Leite (2020) ressaltam que é preciso ir além do superficial, alcançando uma esfera mais profunda da criança e de suas múltiplas maneiras de se expressar. Para isso, é indispensável compreender e respeitar o universo infantil, utilizando atividades lúdicas, linguagens múltiplas e instrumentos pedagógicos que sejam acessíveis às crianças. Principalmente ao trabalhar problemáticas locais que almejam a participação delas na busca por soluções. As metodologias de pesquisa direcionadas ao estudo com esses seres devem estar atentas as expressões das crianças, Goldberg e Frota afirmam que:

É importante, nessa perspectiva de escuta, dar atenção às ações e significações das crianças dentro do contexto de suas relações, mantendo sempre a compreensão de que há uma multiplicidade de formas de agir e significar atreladas aos diferentes contextos sociais e culturais, o que certamente exige maior permanência no campo, assim como a necessidade de um cruzamento de procedimentos capazes de capturar as diferentes expressões infantis (Goldberg; Frota, 2017, p.175-176).

Segundo Goldberg e Frota (2017), é essencial utilizar metodologias que considerem as necessidades das crianças e seus contextos de vida. Nesse sentido, o processo de coleta de dados foi pautado no princípio de horizontalidade entre pesquisadora e crianças, uma vez que é imprescindível que as práticas da pesquisa em campo estejam conectadas aos princípios teóricos, que defendem um reconhecimento para criança enquanto ser de cultura, de direitos, que possuem potencialidades. Desse modo, durante o processo a atenção foi direcionada às visões e vozes das crianças, a forma como cada criança enxerga a realidade e suas formas de manifestações no contexto socioambiental em que estão inseridas. Acerca de processos investigativos com crianças Araújo, Anjos e Cordeiro expõem que:

Acreditamos que as especificidades das crianças e de suas infâncias necessitam de um olhar cuidadoso por parte de quem deseja trabalhar com elas, compreendendo-as como centro do processo de planejamento educativo, como ativas e participativas, dialogando com procedimentos educacionais que se adequem a essa perspectiva e respeitem a produção cultural desses atores sociais (Araújo; Anjos; Cordeiro, 2023, p. 19).

A condução da pesquisa, por intermédio dessa abordagem metodológica, possibilitou alcançar as manifestações das crianças de forma profunda, com interação e valorização ao pensamento infantil. O processo investigativo foi realizado por meio da pesquisa em campo, a qual foi concretizada com base nas etapas de observação participante, roda de conversas e diálogos. Também foram realizadas oficinas, como extensão da pesquisa. O conjunto dessas ações contribuiu para obtenção de respostas direcionadas aos objetivos.

O desenvolvimento da pesquisa com essa abordagem metodológica possibilita o reconhecimento da criança enquanto participante em todo o processo investigativo. Conforme destaca Barbosa (2014), em pesquisas nas quais as crianças participam ativamente do início ao fim, elas assumem a função co-pesquisadoras. Essa participação vai além da coleta de dados, alcançando a construção do conhecimento de maneira coletiva, conferindo legitimidade e valorizando suas percepções, de forma ética.

Esta pesquisa propõe um olhar alternativo sobre a criança, não como um ser em processo de maturação que representa o futuro, mas sob uma nova ótica que valoriza sua existência no presente. É um o olhar direcionado aos sentimentos, pensamentos, imaginação e falas das crianças (Kramer, 2002). É fundamental refletir sobre o fato de que as crianças são sujeitos plenos, capazes de expressar suas opiniões e participar ativamente dos contextos em que estão inseridas, respeitando suas singularidades.

3.3 Procedimentos e técnicas de coleta de dados

Para a realização da presente pesquisa, a primeira etapa equivaleu ao aprofundamento da literatura que aborda os conceitos de infância, criança, natureza, brincar, comunidade e relações socioambientais. Desse modo, alguns autores foram fundamentais para a construção de uma base teórica sólida. A infância enquanto uma construção social, que emergiu na modernidade, foi fundamentada por Philippe Ariés (1986). No que se refere à criança, Corsaro (2011) firmou a ideia da criança que forma as próprias compreensões através da interação social.

A natureza foi pensada a partir das relações estabelecidas por Léa Tiriba (2010) e Piorski (2016), esses defendem que as crianças precisam estar em contato com os elementos naturais, para se reconhecerem enquanto parte da sociedade. Lev Vigotski (2009) e Wallon (2007), por sua vez, referem-se ao brincar enquanto aspecto importante para o desenvolvimento infantil, e analisam as fases de desenvolvimento do ser criança. A discussão sobre comunidade é fundamentada por Ferdinand Tönnies (1973) e Jorge Sarriera (2016), que abordam os aspectos

que moldam essas dinâmicas. Leff (2009), Loureiro e Layrargues (2013) discutem acerca dos desafios que permeiam as relações socioambientais.

Para a realização da pesquisa de campo, foi necessário submeter o projeto à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual estabelece que toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser previamente analisada por um comitê de ética. Nessa etapa, são avaliadas as atividades que envolvem a participação dos sujeitos, bem como as questões éticas relacionadas ao estudo. Ao final do processo, é emitido um parecer, que pode ser de aprovação ou reprovação. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em 23 de setembro de 2024.

O contato preexistente da pesquisadora com a comunidade e as crianças contribuiu para uma comunicação mais próxima com o grupo. A princípio, foram realizados diálogos informais na comunidade com as crianças e com os familiares para explicar o processo da pesquisa e convidar as crianças para participarem, tendo como critério estar dentro da faixa-etária (entre 5 e 11 anos) e residir na comunidade Correntes. Nesse momento, ainda não havia a formalização da assinatura do termo, apenas a conversa sobre todo processo da pesquisa. Diante disso, aconteceu a manifestação verbal das crianças que iriam participar, junto ao consentimento verbal do responsável familiar. Logo, ficou combinado entre a pesquisadora, as crianças e seus familiares que posteriormente, em momento oportuno, iria acontecer a formalização da pesquisa através da assinatura dos termos legais pertinentes.

A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2024 a março de 2025, na Comunidade Correntes, situada no município de Paripiranga, estado da Bahia. O estudo contou com a participação aproximada de 15 crianças. O processo inicial da pesquisa de campo ocorreu através da **Observação Participante**, uma técnica que permitiu interagir e compreender a realidade dos sujeitos no ambiente investigado. Segundo Correia (2009) a observação participante é uma técnica que exige a presença do pesquisador na comunidade junto aos sujeitos investigados, em contato constante e duradouro. A autora ainda ressalta que a utilização da observação participante vai além de visualizar, compreender e descrever. É a formação de reflexões acerca da dinâmica que compõe aquela realidade. No processo de observação, a pesquisadora utilizou o diário de campo como o principal instrumento para registrar os acontecimentos. Desse modo, a observação participante aconteceu durante toda pesquisa, mas, principalmente, em dois encontros, no ambiente da comunidade Correntes, com base em momentos do brincar vivenciados pelas crianças, onde a pesquisadora optou por não interferir.

O foco da observação tende a ir transformando-se no decorrer da pesquisa, inicialmente o observar é conduzido a partir de alguns objetivos iniciais que vão sendo ajustados durante o

percurso (Correia, 2009). Porque inicialmente é realizada uma observação global da realidade que está sob investigação, mas durante o processo do conhecer, esse olhar vai sendo direcionado para situações mais específicas.

Esse processo é explicado por Correia (2009, p. 32) e em suas palavras acontece da seguinte forma:

A observação vai evoluindo de uma fase mais descritiva no início, em que o investigador procura obter uma perspectiva geral dos aspectos sociais, das interações e do que acontece em campo, a que se seguirão momentos de observação focalizada, após a análise dos dados anteriormente recolhidos, em que começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos. Por último, a observação selectiva, depois de repetidas observações em campo, já no decurso da elaboração do relatório. São o “refinar” da observação, implicando regressar ao campo, na procura de diferenças entre categorias específicas já identificadas (Correia, 2009, p.32).

As rodas de conversas foram escolhidas como técnica de coleta de dados por sua capacidade de fomentar discussões, de maneira adequada e acolhedora ao universo infantil, uma vez que a pesquisa com crianças exige uma comunicação, reflexões e ações que respeitem as particularidades e necessidades desses sujeitos. Portanto, através das rodas de conversas foi possível ter acesso as manifestações das crianças e também fortalecer a participação desses sujeitos em discussões sobre a comunidade em que vivem, considerando que vivenciar discussões, sobre os fenômenos pertinentes, de forma coletiva é um exercício de cidadania. Nas palavras de Moura e Lima (2014):

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. A conversa saiu dos alpendres e chegou à escola como uma estratégia de ensino, e como caminho natural, alcançou as pesquisas educacionais. Assim, a roda de conversa não é algo novo, a ousadia é empregá-la como meio de produzir dados para a pesquisa qualitativa (Moura; Lima, 2014, p. 100).

As rodas de conversa aconteceram em diversos momentos ao longo da pesquisa. As temáticas discutidas permitiram a utilização desse recurso para manifestar e aprofundar os conhecimentos, promovendo uma rica troca de saberes. Cada momento em roda de conversa oportunizou o acesso ao conhecimento prévio e também a valorização desses conhecimentos. Foram momentos em que as crianças estavam como protagonistas principais.

O principal intuito da pesquisa é alcançar as visões das crianças, desse modo também houve a utilização dos diálogos para coleta de dados. De acordo com Mariotti (2001) os

diálogos possibilitam a interação entre os sujeitos sem uma análise imediata. Assim, essa técnica não se assemelha ao imediatismo, ideia objetiva da concordância ou discordância ou simplificação dos aspectos que são analisados. “Destas observações, pode-se deduzir a principal utilidade do método dialógico: perceber e pensar as mesmas questões de modo diferente, a fim de que daí possam emergir ideias novas” (Mariotti, 2001, p. 2).

Para compreender as percepções das crianças, foi necessário proporcionar estímulos que as fizessem sentir-se à vontade para se expressarem livremente. Nesse sentido, as interações foram realizadas em forma de diálogos, favorecendo uma escuta mais espontânea e significativa. Participaram desses diálogos 15 (quinze) crianças, que compartilharam suas vivências na comunidade, como as brincadeiras que realizam, os principais problemas que identificam no local onde vivem, bem como as ações que gostariam de ver implementadas em seu território.

Sobre essa perspectiva da sabedoria infantil, o educador Paulo Freire expõe, a partir de experiências e tomando como cenário principal as suas vivências na infância, que as crianças buscam compreender o mundo em que vivem, trabalhando inicialmente a compreensão da realidade particular, entendendo o que cada objeto e acontecimento significa. Como Freire afirma:

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (Freire, p.11, 1989).

O nível enriquecedor de conhecimento que as crianças possuem, antes mesmo de serem alfabetizadas, é o que potencializa pesquisas como essa. Posto isso, é imprescindível a participação das crianças como sujeitos ativos, pessoas que possam expor suas vivências, opiniões e ideias, tornando inviável que esses sujeitos ocupem somente o espaço de objeto de estudo. A principal intenção é que as crianças sejam ouvidas e que o trabalho resulte na representação das ideias e ações construídas coletivamente pelas crianças da comunidade Correntes.

Para sistematizar a coleta de dados, foram utilizados alguns **instrumentos**, os quais possibilitaram o registro das relações, compreensões e ideias expressas pelas crianças. O diário de campo e gravações de áudio fez-se presente no processo da pesquisa de campo, pois são instrumentos utilizados pelo pesquisador para registrar observações, falas e situações ocorridas nos momentos de investigação. Os registros em desenho produzidos pelas crianças constituem

também instrumentos de grande potencial, pois expressam seus pensamentos por meio da linguagem não verbal. Eles revelam ideias e sentimentos que a fala pode não ter comunicado, oferecendo um acesso valioso ao universo infantil.

Ademais, os registros fotográficos foram utilizados, porque as fotos destacam aspectos que não foram descritos textualmente e também permitem que o leitor visualize alguns dos momentos vivenciados no decorrer da pesquisa, visualizando de forma breve partes do ambiente, os sujeitos que estavam presentes. As fotos também são utilizadas como um instrumento que aborda em sua composição características da comunidade em foco, transmitindo de forma ilustrativa aspectos que representam algumas situações na comunidade.

As vivências observadas em campo foram organizadas em 3 (três) categorias: criança e o brincar; criança e natureza; e, criança e questões socioambientais. As análises dos dados foram realizadas através dessas categorias. A abordagem da análise foi descritiva-interpretativa, onde os acontecimentos em campo foram descritos e interpretados a partir da categoria de análise. Essas interpretações constituem um conjunto de respostas acerca da investigação.

Portanto, todas as etapas desta pesquisa foram planejadas com base na participação ativa das crianças e na concepção de proteção, respeito e acessibilidade para esses sujeitos e a fase de desenvolvimento em que estão, de maneira a reconhecer que cada criança é constituída por suas características enquanto sujeitos e também pela realidade em que vivem, valorizando a diversidade que compõe cada um. As definições metodológicas, organizadas de forma concisa no quadro 1, foram selecionadas para guiarem a análise sobre os significados, manifestações e interpretações oriundas da percepção infantil e das relações socioambientais que constituem a comunidade Correntes.

Quadro 1 – Definições Metodológicas

DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	
Aspecto	Descrição
Natureza da Pesquisa	Aplicada
Abordagem	Qualitativa
Caráter da Pesquisa	Exploratório-Descritivo
Tipo de Pesquisa	Pesquisa Participante
Local da Pesquisa	Comunidade Correntes, Paripiranga (BA)
Sujeitos da pesquisa	Crianças
Técnicas de Coleta de Dados	Observação participante, rodas de conversa e diálogos
Instrumentos	Diário de campo, registros fotográficos, desenhos.
Análise dos Dados	Organizados em categorias, análise descritiva-interpretativa.

3.4 Sujeitos da pesquisa

A decisão de priorizar a participação das crianças nesta pesquisa, foi fundamentada em alguns princípios. De início houve a curiosidade em conhecer as vivências da criança no campo. Mas para além disso, a escolha de realizar a pesquisa com as crianças aconteceu por admirar e reconhecer a inteligência, curiosidade e vitalidade desses sujeitos. Estar com as crianças atribuiu uma beleza peculiar a esta pesquisa, bem como contribuiu para o fortalecimento dessas crianças, enquanto cidadãos, através das Ciências Ambientais.

As crianças, moradoras do povoado Correntes, possuem uma natureza curiosa e participativa quanto às questões da comunidade. Cada criança demonstra o quanto gosta e possui interesse em participar de eventos e decisões na comunidade. Acompanham os eventos festivos, torcem para o time de futsal local, buscam cuidar do ambiente em que vivem. Em períodos festivos envolvem-se na decoração e partilha de ideias que tornam os eventos ainda mais alegres e cheios de vivacidade. Ao chegar à comunidade as ruas estão alegres com a energia contagiante das crianças brincando. Elas correm livremente, pedalam em suas bicicletas, jogam bola, sobem em árvores e brincam na terra.

O universo da presente pesquisa é composto por aproximadamente 30 crianças que vivem na comunidade Correntes, situada em uma área periurbana. Essas crianças têm entre 4 e 12 anos de idade e estão regularmente matriculadas na rede pública de ensino local. Sua faixa etária contempla um período importante do desenvolvimento infantil, no qual as vivências cotidianas e as interações com o território têm papel central na construção de saberes e percepções sobre a realidade. Do ponto de vista científico, é fundamental selecionar uma amostra que alcance a efetivação da pesquisa de forma coerente e representativa em relação aos dados.

Desse modo, o critério de inclusão na pesquisa foi: Ter faixa etária entre 5 e 12 anos, ser moradora da comunidade Correntes e atender às questões éticas em relação à vontade de participar e autorização dos responsáveis. Logo, a amostra é constituída por 15 crianças (6 meninas e 9 meninos), moradoras da comunidade Correntes, de idade entre 5 e 11 anos de idade. Essa amostragem permitiu acompanhar as percepções de crianças, com diferentes idades e, conseqüentemente, diferentes fases de desenvolvimento. Por conseguinte, o critério de exclusão foi estabelecido a partir de crianças que residem em locais diferentes na comunidade Correntes e que possuem uma faixa etária menor que 5 anos ou maior que 11 anos.

As crianças participantes da pesquisa são matriculadas no ensino regular, escola pública do município de Paripiranga/BA. Considerando que não existe escola na comunidade em que

moram, essas crianças deslocam-se, por meio do transporte público escolar, para a zona urbana diariamente para frequentar as aulas. As crianças aceitaram participar da pesquisa e foram devidamente autorizadas pelos responsáveis legais, de modo que todos os termos foram assinados conforme exigências legais.

Os responsáveis legais pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também o Termo de autorização para uso de imagem e depoimento. As crianças assinaram o Termo de assentimento infantil, o qual possui uma linguagem acessível para elas, com explicações sobre a pesquisa, a exemplo de quem são os pesquisadores, sujeitos, temática da pesquisa, atividades planejadas e na última página há o campo de assinatura: “quero participar da pesquisa” ou “não quero participar da pesquisa” para a criança manifestar a própria decisão. Essas ações são imprescindíveis, pois de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990 as crianças possuem o direito de manifestarem suas opiniões sobre acontecimentos referentes à vida delas.

Portanto, as crianças e seus familiares receberam toda explicação necessária para compreenderem cada etapa da pesquisa, os dias, horários e locais em que aconteceriam, as atividades planejadas, estando cientes dos benefícios e também dos riscos ao participarem do processo investigativo.

O artigo 227 da Constituição Federal de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, estabelece que as crianças e adolescentes devem ser prioridades e terem seus direitos garantidos (BRASIL, 1988). Nesse sentido, a educação é um direito inquestionável nessa etapa de desenvolvimento. Um instrumento poderoso de transformação social, principalmente no contexto do campo, onde muitos moradores foram impedidos de frequentar a escola, devido à necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento da família.

Sendo a educação uma área importante em todas as fases da vida e que pode ser trabalhada em todos os ambientes, nesse processo de pesquisa, as crianças foram escolhidas para serem os principais sujeitos da pesquisa. O intuito era trabalhar de forma significativa a compreensão desses sujeitos sobre a comunidade em que vivem, em seus aspectos socioambientais. É importante reforçar que cada criança é vista como um sujeito que está contribuindo ativamente na construção da pesquisa, na qual suas opiniões e comportamentos são refletidos, indo na contramão das pesquisas que utilizam as crianças como um objeto de estudo.

Essas crianças e seus familiares enfrentam adversidades diárias, principalmente no aspecto financeiro. Seus pais sofrem com a baixa-renda e o desemprego. Para alguns, o trabalho

na roça é a principal atividade que gera fonte de renda, para além da assistência que recebem por meio de programas como o Bolsa Família. Sendo assim, as crianças entendem as dificuldades que estão presentes em seu lar. Então, está pesquisa surge também como uma atividade que possibilita vivências significativas na natureza, promovendo experiências enriquecedoras e estimulando as potencialidades de cada criança. A proposta demonstra que é possível enfrentar desafios e contribuir com a melhoria da comunidade, por meio da participação ativa e do fortalecimento dos vínculos com o meio em que vivem.

Em conformidade com os preceitos éticos, as crianças serão identificadas por meio da abreviação de seus nomes. A fim de contextualizar a fase do desenvolvimento em que se encontram, será indicada a respectiva idade de cada uma. Essa decisão foi tomada em conformidade com as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que preserva o sigilo quanto à identidade das crianças participantes. Ao mesmo tempo, mantém a autenticidade dos dados, pois as siglas utilizadas correspondem a indivíduos reais, garantindo a representatividade das crianças que contribuíram para a construção da presente pesquisa.

Para construir uma pesquisa junto com as crianças, foi imprescindível conhecer a realidade dessas. A princípio, identificar a faixa etária, uma vez que o desenvolvimento infantil ocorre em fases distintas, influenciando diretamente a forma como a criança interage, compreende e se expressa no contexto da pesquisa. A análise da idade foi essencial para selecionar instrumentos metodológicos adequados, capazes de dialogar com as especificidades de cada criança. Ademais, buscou-se intencionalmente compor um grupo diverso de crianças, de modo a garantir a representatividade e a pluralidade de experiências no processo investigativo. Nesse sentido, participaram da pesquisa 9 meninos e 6 meninas, todos manifestaram o desejo de integrar o estudo. A diversidade do grupo de participantes se revelou em múltiplas dimensões, abrangendo diferentes faixas etárias, sexos e também aspectos étnico-raciais, contendo crianças brancas, pardas e pretas.

Nesse contexto, as crianças participantes residem na comunidade Correntes e são estudantes da rede pública municipal de ensino fundamental. Elas fazem parte de famílias formadas por pai, mãe e irmãos, em sua maioria. A rotina delas é composta por atividades vinculadas a escola, ajudar em casa nas tarefas domésticas e pelos momentos do brincar. Diferente de gerações anteriores, essas crianças não estão inseridas no trabalho do campo, mas observam essas dinâmicas na comunidade, através do trabalho que seus familiares realizam. A principal fonte de sustento desses grupos familiares é a agricultura, da qual dependem para garantir a renda mensal necessária à satisfação das necessidades básicas, especialmente a alimentação. Essas famílias acessam serviços essenciais, como educação, saúde e assistência

social, por meio da oferta pública municipal, concentrada na área urbana. A infraestrutura essencial da comunidade abrange o fornecimento regular de água por meio da rede pública, a presença de iluminação nas vias públicas, com acesso a transporte escolar público.

3.5 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na comunidade Sítio Correntes, situada no município de Paripiranga (BA). Por integrar o Território de Identidade Semiárido Nordeste II, esse município enfrenta questões socioambientais amplamente debatidas, especialmente em relação aos aspectos climáticos que afetam o ciclo da agricultura, a principal atividade econômica local. Nessa região, o trabalho agrícola também constitui um elemento da identidade local. O modo de vida dos moradores está profundamente enraizado nas práticas agrícolas, que vão além da simples produção de alimentos: elas carregam saberes tradicionais, vínculos familiares, formas de organização em comunidade e relações simbólicas com a terra.

Dessa forma, a comunidade Correntes também tem na agricultura sua memória coletiva, uma atividade socioeconômica, com destaque para o cultivo de milho, feijão e abóbora. No entanto, por ser uma comunidade próxima à zona urbana, com uma distância de 3 km, é considerada uma área de expansão, a qual está sendo transformada pela periurbanização, pois a dinâmica urbana segue em direção ao povoado. A comunidade Sítio Correntes foi escolhida como local de pesquisa por possuir aspectos formativos e relações significativas na perspectiva das Ciências Ambientais. Além de possuir um vínculo preexistente com a pesquisadora. Antes do contato com a pesquisa, moradores da comunidade já apontavam diálogos abertamente sobre aspectos socioambientais que estariam os incomodando. Logo, a pesquisa surge em momento propício para a realidade que a comunidade enfrenta.

Por estar situada no Semiárido nordestino, a região apresenta clima quente e seco, com índices pluviométricos baixos e chuvas irregulares ao longo do ano. É uma comunidade que apesar dessas limitações, tem se destacado pela presença e cultivo de diversas espécies frutíferas, muitas das quais adaptadas às condições do Semiárido. Entre elas, destacam-se culturas como o caju, a goiaba, o coqueiro e a manga, que conseguem se desenvolver mesmo em condições climáticas adversas, especialmente quando manejadas com técnicas apropriadas.

Assim, é imprescindível transparecer que mesmo passando pelo processo de periurbanização, o Sítio Correntes possui características de uma comunidade, esses aspectos podem ser vistos através da sua formação que ocorreu por meio de vínculos familiares, bem como a existência de relações interpessoais, hábitos coletivos e por meio do contato com o

mundo natural. Também possuem no quesito religioso, o catolicismo como representação da identidade, à qual é manifestada na comunidade através da Igreja São Joaquim, uma construção coletiva, que convida a comunidade para partilhar da fé cristã na localidade.

Ademais, a situação socioeconômica da comunidade é de baixa renda, com um alto índice de analfabetismo, alta taxa de natalidade e consequentemente com um público infanto-juvenil crescente. A ausência de formação educacional contribui para que os moradores não atuem a partir das situações que cerceiam o modo de vida da comunidade ou até mesmo suas riquezas naturais. Então problemáticas presentes na comunidade como as queimadas, descarte incorreto dos resíduos sólidos e desperdício de água persistem justamente porque parte dos moradores subestima os prejuízos causados quando ocorre a degradação ambiental.

Desse modo, os diálogos e ações dentro da comunidade, com o intuito de compreender a realidade vivenciada, pensar em estratégias para ampliar a qualidade de vida na comunidade, sensibilizar sobre as potencialidades das crianças e falar sobre a grandeza da própria comunidade enquanto meio social é uma forma de contribuir para que os moradores saibam conservar o próprio modo de vida e se preparem para lidar com os desafios advindos do capitalismo. Os resultados não são obtidos imediatamente, pois a pesquisa é um passo inicial em meio a todo um processo. A transformação de hábitos vai acontecendo gradualmente. Pois, não cabe ao pesquisador impor, mas sim semear novas ideias, apresentar outras possibilidades, além das que já acontecem na comunidade. E aos moradores fica a competência de refletirem sobre as escolhas que acreditam ser o melhor para a própria realidade.

3.6 Oficinas: consolidar saberes e fortalecer laços

No desenvolvimento desta pesquisa, foi realizada a coleta de dados, com o intuito de adquirir informações acerca da comunidade e sobre a forma como as crianças visualizam-na mesma. Além disso, foram realizadas oficinas, com caráter extensionista, para aprofundar a análise das percepções e comportamentos das crianças em relação às questões socioambientais, tanto em sua realidade quanto em outros contextos. Esses momentos interativos foram realizados como espaços de escuta, onde a atenção foi direcionada às expressões das crianças e à construção coletiva de saberes. Assim, foi possível refletir e construir ações mobilizadoras acerca da sensibilização socioambiental. Foram oportunidades de perceber a criança enquanto um sujeito que conhece e se posiciona diante de situações democráticas e pertinentes à realidade delas. Logo a criança participa da construção de estratégias para a melhoria da organização social.

De acordo com Spikin e Menegon (2014) as oficinas proporcionam momentos discursivos enriquecedores, pois conseguem sensibilizar as pessoas acerca de determinados temas. As oficinas, denominadas pelo grupo como "Oficinas do Brincar Socioambiental", foram realizadas com o objetivo de vivenciar momentos práticos com as crianças, observando suas interações através do brincar e alcançando suas compreensões acerca das questões que envolvem a sociedade e a relação com a natureza. O processo de sensibilização e o aprofundamento do conhecimento culminaram em elaborações criativas de produtos que representam as discussões realizadas.

Essas oficinas foram constituídas pela participação das crianças moradoras na comunidade. Cada criança contribuiu com suas opiniões acerca do local em que moram, com suas interpretações sobre a degradações ambientais. As sugestões de soluções para as problemáticas, apresentadas por cada criança, demonstrou um engajamento e enriqueceu significativamente cada momento, comprovando o potencial transformador que compõe cada criança.

Desse modo, esta pesquisa segue um caminho contrário a visão tradicional que trata a criança apenas como receptora de conhecimento, comprovando que as crianças também carregam um grande potencial de sabedoria, com habilidades de contribuir com a transformação das realidades em que vivem. Ao vivenciar e interpretar sobre situações como lutas coletivas, participação cidadã e pensamentos voltados para o uso equilibrado das riquezas naturais, as crianças conseguem levar suas aprendizagens para seus locais de convivência, a exemplo da casa dos familiares, escola, contato com a vizinhança, o que evidencia que também disseminam ideias no universo adulto.

As crianças além de aprenderem, também aplicam seus conhecimentos no cotidiano, demonstrando senso crítico ao perceber as ações incoerentes realizadas pelos adultos e consequentemente expressarem a incoerência e orientarem sobre a ação correta. Essa capacidade de discernimento faz parte da natureza delas, não é algo adquirido propriamente da educação formal, mas sim da leitura que ela vai realizando do local e vivências que a circundam bem como as interpretações que realiza.

Essas oficinas produziram variados materiais (desenhos, textos, relatos e imagens) que deram origem a um guia pedagógico destinado a educadores, familiares e lideranças comunitárias interessados em práticas pedagógicas ativas, centradas na relação da criança com a natureza.

O guia é um instrumento de apoio para educadores e comunidade, fundamentado nas experiências sensíveis e significativas das crianças, que valoriza a participação ativa e a relação

entre infância, cultura e meio ambiente. Cada oficina no guia reflete o olhar único de cada criança e fortalece o sentimento de pertencimento à comunidade, ao valorizar suas vivências e reconhecer seu papel ativo na construção do espaço coletivo. As oficinas constituíram momentos significativos com as crianças, nos quais foi possível integrar ideias, pensamentos e teorias abordados em contextos práticos. Esses momentos tiveram como propósito compreender as ideias das crianças por meio de suas múltiplas formas de manifestação, incluindo a linguagem oral, o desenho e a escrita. Além disso, constituiu uma oportunidade para que a criança experienciasse, de forma prática, os conceitos trabalhados.

As oficinas do Brincar Socioambiental foram organizadas em diferentes encontros, cada um com temáticas específicas voltadas à observação das práticas infantis. A primeira oficina teve como foco a criança e o brincar livre, com o objetivo de estimular as crianças a explorarem o brincar cotidiano, vivenciando de forma espontânea e criativa as múltiplas possibilidades que o ambiente em que vivem oferece. Realizada em um ambiente ao ar livre, com 15 crianças, foram momentos em que elas brincaram livremente. A partir desses momentos foi possível observar as brincadeiras vivenciadas por essas, o universo cultural que elas são parte e a forma como se relacionam com o local em que vivem. Também vivenciaram o brincar em um ambiente natural distinto do que elas vivem, com o intuito de conhecer e se relacionar com os diversos ambientes.

A segunda oficina teve como foco atividades significativas para as crianças refletirem sobre o contexto socioambiental e cuidados que devem ser direcionados ao espaço natural, bem como fortalecer seus princípios cidadãos em relação à natureza. Nesse encontro foi organizada uma roda de conversa que resultou na confecção de um cartaz coletivo, no qual os participantes puderam expressar seus conhecimentos sobre a natureza. Foi um momento marcado pela colaboração, desde o planejamento até a escolha das cores, com o objetivo de transmitir a mensagem de forma clara, criativa e significativa. A atividade ofereceu uma valiosa oportunidade para exercitar a criatividade, fortalecer o trabalho em equipe e refletir, por meio das palavras e das imagens, sobre o conceito de natureza. Foram utilizados materiais, como cartolina e lápis de cor. Além disso, foi utilizada uma música que provocou reflexões sobre as ações humanas sobre a natureza, a qual provocou uma discussão significativa.

A terceira oficina teve como foco aprofundar o olhar das crianças sobre a própria comunidade. A atividade proporcionou as crianças um momento dedicado a observar a comunidade em que vivem e cada aspecto natural que compõe a mesma. Foi uma oportunidade de desenvolver o olhar sensível e crítico, observando elementos do cotidiano que muitas vezes passam despercebidos. Através das lentes, as crianças puderam expressar suas percepções e

fortalecer o vínculo com o território em que vivem, que contou com a participação de 11 crianças. A fotografia foi uma aliada importante no registro dos elementos apontados pelas crianças.

A quarta oficina, teve como principal objetivo ampliar as perspectivas de realidade das crianças, promovendo o contato com diferentes aspectos sociais, culturais e ambientais, além de proporcionar o conhecimento sobre outro território. A atividade permitiu vivenciar, de forma direta, a diversidade presente na comunidade vizinha, conhecida como Povoado Cajueiro, fortalecendo a percepção das crianças sobre o território em que vivem e sua relação com o entorno. Foi uma oportunidade rica para observar, dialogar e refletir sobre modos de vida diferentes, desenvolvendo olhar mais aprofundado diante da diversidade de realidades.

Quadro 2 – Oficinas do Brincar Socioambiental

OFICINAS DO BRINCAR SOCIOAMBIENTAL			
DATA DA OFICINA	NOME DA OFICINA	ATIVIDADES	RESULTADOS
26/10/2024	O brincar Livre	Roda de conversa Piquenique Momentos do brincar livre (Comunidade Roça Nova)	Vivências em contato com a natureza primária; Vivências do brincar de forma autêntica e livre.
21/12/2024	Vivências na Natureza	Roda de Conversa Elaboração de cartaz sobre o conceito de natureza	Manifestação da criatividade; Olhar sensível sobre a natureza.
11/01/2025	Olhares sobre a comunidade	Roda de Conversa Caminhada na comunidade	Sensibilidade e do olhar atento; Fortalecimento do vínculo no território.

		Elaboração de ilustrações sobre a comunidade	
15/03/2025	Percurso de Vivências no Campo	Visita na Comunidade Cajueiro	Experiência direta e enriquecedora de contato com o povoado vizinho; Compreensão da diversidade presente no território.

Fonte: autora (2025)

CAPÍTULO 4 - FLORESCENDO A PESQUISA NO CAMPO

“Você nunca sabe quais resultados virão da sua ação.
Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”

(Mahatma Gandhi)

Nesta seção, desenvolve-se a contextualização central da pesquisa a partir das vivências observadas no campo. A organização dos resultados segue quatro eixos temáticos principais: a criança e o brincar na comunidade, a criança e a natureza, a criança e as questões socioambientais, e, por fim, as compreensões e expectativas das crianças em relação à sua comunidade. Cada temática é abordada por meio das experiências e percepções das crianças, oferecendo uma leitura sensível e crítica do modo de vida em comunidade a partir do olhar infantil.

4.1 Contextualização da pesquisa

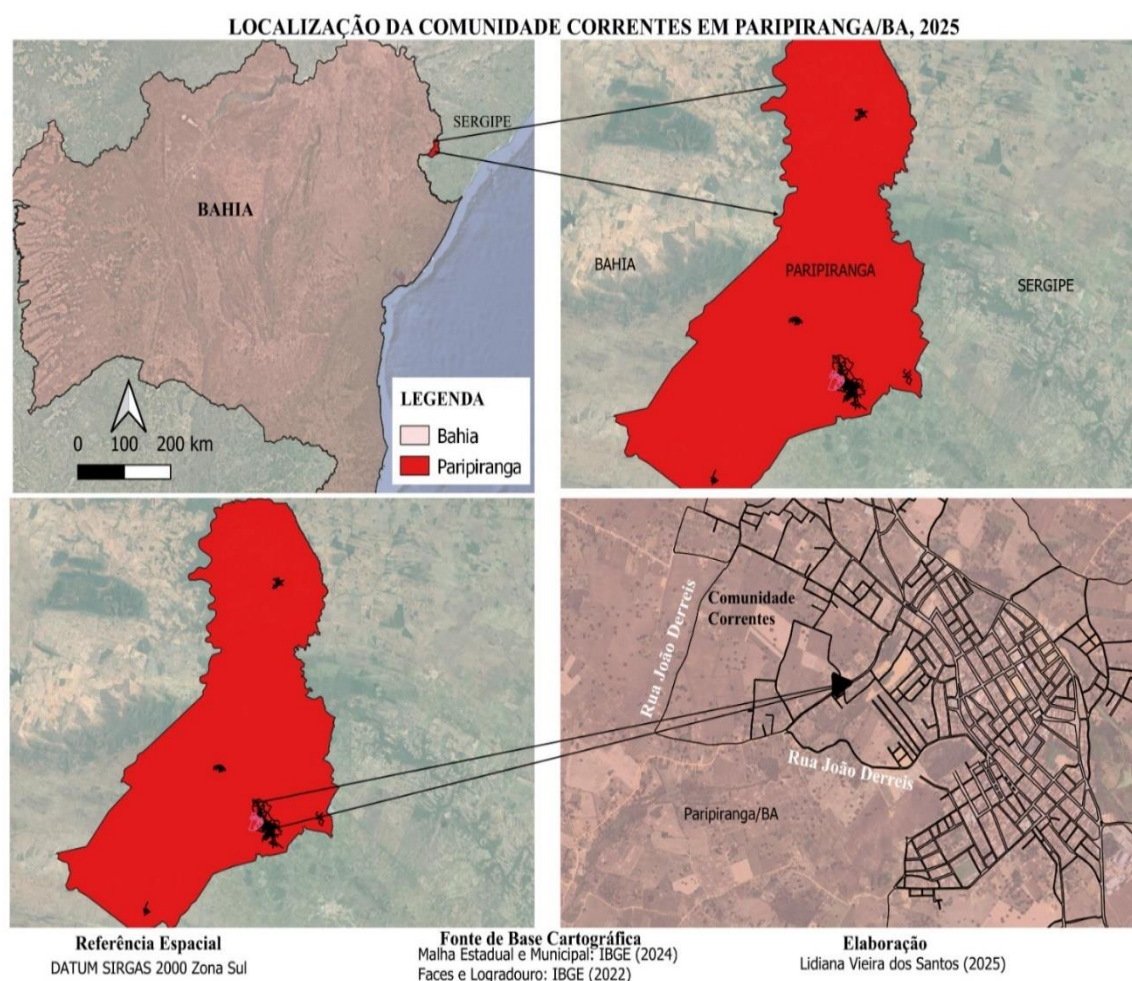
Esta pesquisa foi constituída por meio das etapas de revisão da literatura, definições metodológicas, aplicação das técnicas para coletas de dados, escolhas de instrumentos e análises de dados. Através dessas tornou-se possível alcançar os resultados. Consequentemente, os achados no chão da comunidade são analisados à luz das literaturas. Além disso, os resultados também representam a dimensão alcançada pela investigação e as contribuições dessa para a sociedade, principalmente no contexto da comunidade Correntes. Logo, é importante compreender que embora exista o embasamento na literatura e os procedimentos metodológicos guiando cada etapa, os resultados da pesquisa são imprevisíveis.

Esta pesquisa teve como aspecto central a compreensão das crianças sobre as questões socioambientais na Comunidade Correntes. A ideia é que os resultados ofereçam um panorama das perspectivas infantis, aprofundem o conhecimento sobre a comunidade e funcionem como um processo coletivo de sensibilização acerca da interação equilibrada entre ser humanos e o ecossistema. Além disso, busca-se fortalecer o respeito ao modo de vida da comunidade e conquistar espaços democráticos para as crianças expressarem livremente seus pensamentos, críticas e anseios, exercendo plenamente seu direito de manifestação.

Localizada a uma média de 3 km da sede do município de Paripiranga (figura 1), a comunidade Correntes possui um solo fértil, tem como principais plantações milho, feijão e

abóbora. É uma comunidade que tem como atividade econômica central a agricultura. Embora, a população se autodeclare agricultores, lavradores, campesinos, existe um movimento que classifica a área enquanto uma zona de expansão com características periurbana, com o intuito de deixar os aspectos rurais a margem, centrando-se na urbanização, situação que gera conflitos na comunidade.

Figura 1 – Localização da Comunidade Correntes



Fonte: Autora (2025)

Sobre o modo de vida em comunidade, os moradores partilham de momentos significativos na comunidade, reúnem-se no fim de tarde para partilharem conversas e frutas colhidas por eles mesmos, a exemplo de jaca, manga e laranja. Formam torcidas para o time de futsal local, o qual faz menção ao nome da comunidade Correntes Futsal Club. Vivenciam eventos na comunidade, a exemplo de novenas, leilão solidário e festas juninas. As crianças por

sua vez, acompanham de perto essa dinâmica interativa, por vezes brincando nas proximidades e em outros momentos observando a movimentação dos adultos na comunidade.

Figura 2 – Evento religioso na Igreja São Joaquim, Comunidade Correntes.



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

Para além das terras férteis, das conexões familiares, do patrimônio cultural, como festas religiosas, saberes transmitidos entre gerações e do processo contínuo de expansão territorial, a comunidade também enfrenta problemáticas significativas, como a degradação ambiental gerada de forma imperceptível pela própria comunidade, por concepções culturais que duvidam dos possíveis prejuízos que podem atingir a comunidade. Um exemplo de prática degradante que costuma acontecer são as queimadas, conforme é exposto na figura 3 a seguir:

Figura 3 – Queimadas na comunidade Corrente



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

As queimadas referem-se a uma técnica utilizada para realizar a limpeza do terreno e também exterminar os resíduos sólidos da comunidade (Fernandes; Araujo; Silva, 2017). Embora haja reconhecimento quanto aos incômodos e consequências dessa prática, uma parcela populacional acredita que é uma ação isolada, rápida e que não gera prejuízos a longo prazo. Sendo assim, a luta contra as queimadas é com o intuito de proteger o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. Acerca disso Fernandes; Araujo; Silva (2017, p. 435) dizem “A terra sofre os efeitos da ação do homem, padecendo com as transformações, ações, alterações paisagísticas, reduzindo a vida da flora e fauna, poluindo a atmosfera, além de fazer mal a sua própria espécie.”

Diante desse contexto, fica evidente que alguns problemas socioambientais estão interligados. Porque o descarte de resíduos sólidos de forma incorreta prejudica o ecossistema. E para acabar com esses resíduos inservíveis que estão acumulados, a comunidade recorre às queimadas, visualizando essas como uma solução. “Esta maneira de se dá um “fim” aos resíduos sólidos, muitos dos quais de origem industrial, tem como consequência uma série de impactos ambientais adversos, tais como a liberação de substâncias tóxicas que ao serem inaladas, causam sérios problemas de saúde.” (Almeida; Almeida Junior, 2017).

Consequentemente, ao analisar de forma socioambiental, um problema desencadeou em outro e que acarretam graves consequências à população e à biodiversidade local. O descarte incorreto dos resíduos sólidos na comunidade é originado de hábitos inadequados por parte da população. Essa problemática deveria ser inexistente nessa localidade, uma vez que é uma área onde há o serviço da coleta municipal. Ainda assim, algumas localidades são contaminadas pelo excesso de materiais descartados em locais inadequados.

Figura 4 – Resíduos sólidos descartados a céu aberto



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

Desse modo, os diálogos e ações dentro da comunidade, com o intuito de compreender a realidade vivenciada, pensar em estratégias para ampliar a qualidade de vida na comunidade, sensibilizar sobre as potencialidades das crianças e falar sobre a grandeza da própria comunidade enquanto meio social é uma forma de contribuir para que os moradores saibam conservar o próprio modo de vida e se preparem para lidar com os desafios originados das dinâmicas capitalistas. Os resultados não são obtidos imediatamente, pois a pesquisa é um passo inicial em meio a todo um processo. A transformação de hábitos vai acontecendo gradualmente. Pois, não cabe ao pesquisador impor, mas sim semear novas ideias, apresentar outras possibilidades, além das que já acontecem na comunidade. E aos moradores fica a competência de refletirem sobre as escolhas que acreditam ser o melhor para a própria realidade.

Nesse contexto, a pesquisadora foi ao encontro das crianças e de seus responsáveis para falar sobre a pesquisa científica, convidar as crianças a participarem e questionar se os responsáveis autorizariam. Uma vez que os diálogos e esclarecimentos foram realizados, a pesquisadora informou que alguns termos teriam que ser assinados pelas crianças e também pelos pais, como forma de comprovar o desejo da criança de participar e autorização dos responsáveis. Esse momento inicial aconteceu verbalmente, mantendo o compromisso entre as partes, de posteriormente formalizar a parte burocrática de assinatura dos termos. No processo de coleta e análise de dados, as crianças participantes foram identificadas de forma a preservar sua privacidade e confidencialidade. Para isso, foi realizada a abreviação de seus nomes combinada com a expressão de sua idade.

Para desvendar os contextos sociais, considerando as subjetividades e comportamentos humanos, foi importante a utilização das técnicas de coleta de dados observação participante, roda de conversas e diálogos. E como uma forma de aprofundamento, foram realizadas oficinas, de caráter extensionista, que contribuíram para visualizar compreensões e também comportamentos das crianças em relação ao meio ambiente. Por ser uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa, é importante descrever os acontecimentos, com riqueza de detalhes, e interpretar, de forma que reflita fidedignamente as manifestações dos sujeitos da pesquisa (Gibbs, 2009). Assim, as análises foram organizadas com base na descrição-interpretação do contexto social analisado a partir das percepções dos sujeitos, sendo esses as crianças.

Estas possuem seus contextos de vida e a partir desses se relacionam com seus meios, assim, possuem o direito de relatarem sobre a realidade vivida. Os 2 (dois) primeiros encontros na pesquisa em campo foram reservados para observação das crianças em suas realidades. Nessa etapa, um desafio enfrentado pela pesquisadora foi o fato de já possuir uma convivência

familiar preexistente na localidade, sendo imprescindível desconstruir o olhar de naturalidade, para instigar um novo olhar, posicionando-se como pesquisadora.

Em uma outra perspectiva, o fato de já conviver na comunidade possibilitou uma aproximação mais profunda com as crianças no campo de pesquisa. A relação de proximidade com os sujeitos possibilita a utilização da observação participante como uma técnica de coleta de dados, pois permite visualizar e ouvir as crianças em suas linguagens, de forma direta e genuína (Guczak; Marchi, 2021).

4.2 A criança e o brincar

Essa etapa inicial representou o processo de aprofundamento na realidade das crianças, identificar as abundâncias e também as ausências que compõem o contexto em que vivem. Porque viver no sertão, semiárido do Nordeste, interior da Bahia é compreender que há muita fartura quando se fala de amor, acolhimento, empatia, sonhos, inteligência e força de vontade, mas também existem desigualdades, geradas pelo sistema capitalista. A comunidade Correntes, é localizada no município de Paripiranga (BA), região do Semiárido Nordeste II, também conhecido como Território de Identidade II, uma demarcação territorial associada, pelas mídias, a seca e pobreza. De fato, conforme expõe Teixeira:

O termo semiárido envolve uma referência climática, que marca uma característica do ecossistema desta região, que é o índice de pluviosidade baixa, isto é, menor de 800mm ao ano. O período de chuva também se restringe a três ou quatro meses durante o ano. Além disso, existe um índice de insolação grande, tendo sol quase todos os dias do ano. A temperatura varia entre 23°C e 27°C². O solo desta região é rochoso, arenoso e raso, que somado ao clima da região é apontado por estudiosos como propenso à desertificação³. O ecossistema dessa área tem características particulares (Teixeira, 2016, p. 773).

O semiárido possui como característica baixos índices de chuva em seu território e a ausência de chuvas prejudica o ciclo de produção. No entanto, é importante não reduzir o território a esses aspectos. Nessa perspectiva, Teixeira (2016) discute que o termo Sertão é composto por significados mais profundos, que superam a questão climática, alcançando uma relação sociocultural que estrutura a organização do território e caracteriza o modo de vida. Um modo de vida caracterizado por relações com a natureza, vínculos familiares, religiosidade e tradições culturais. Dessa forma, sendo a comunidade Correntes uma parte desse território, suas características locais correspondem à agricultura familiar enquanto atividade econômica, uma comunidade povoada através de laços familiares, fiéis à igreja católica, onde há celebrações

religiosas, festejos juninos e um modo de vida característico do campo, com potencialidades e dificuldades.

Consequentemente, em meio às faturas e à escassez é que esta pesquisa visa entender como a criança compreende os acontecimentos no meio ambiente, e o quanto esses afetam os contextos em que estão inseridos. É a análise do cotidiano, esse cotidiano que é, para Carvalho (2013, p. 13), “A noção de cotidianidade adentra como uma relação temporal do ser com seu espaço, com seu envolvimento com os acontecimentos da realidade mais imediata.”

O primeiro momento foi a formalização dos termos de assentimento infantil impressos, que foram entregues a cada criança. Foi realizada uma leitura em voz alta, explicando o significado da pesquisa, cada etapa, as atividades a serem desenvolvidas. Nesse dia, os familiares presentes na comunidade também receberam os termos para assinarem autorizando a participação da criança na pesquisa e autorizando o uso de imagens e depoimentos conforme é exigido na pesquisa científica.

A centralidade foi direcionada às crianças e não aos adultos, por ser uma pesquisa com crianças. Então elas, sujeitos de direito, precisariam compreender a proposta para decidirem se iriam participar ou não. Conforme Guçzaki e Marchi (2021), é preciso refletir na forma metodológica de realizar a pesquisa, as questões éticas, expondo que as crianças são sujeitos e não meros objetos de pesquisa. Desse modo, toda comunicação e atividade foi realizada com cuidado e atenção para transmitir a essência da pesquisa que é uma relação horizontal com a criança. Reconhece-se que esta é capaz de tomar decisões, de compreender cenários e de posicionar-se sobre a realidade em que vive, contribuindo para melhorias na sociedade.

Desse modo, essa primeira etapa baseou-se nas relações da criança e o brincar. Uma relação, sujeito e espaço, que está presente na comunidade Correntes. Essas crianças possuem o hábito de brincarem principalmente ao ar livre, em ruas ou quintais. Gostam de brincar com maior interação, na companhia dos irmãos, primos e vizinhos. Essa dinâmica na comunidade é uma característica marcante, pois as brincadeiras propostas pelas crianças são instrumentos que manifestam as compreensões, habilidades, preferências e vivências desses sujeitos. Cada momento do brincar possui significados para essas crianças, logo esse brincar livre é uma prática que possui a permissão dos familiares, na condição de que elas se mantenham próximos de suas casas.

Nesse sentido, as observações participantes aconteceram com maior centralidade, nesses 2 (dois) encontros, realizados no mês de outubro/2024, no turno da tarde. Foi realizada a observação participante com interação direta junto às crianças em seus territórios de vivência, permitindo uma escuta atenta a criança e o acompanhamento atento de suas experiências

cotidianas. Assim, foram encontradas 10 crianças reunidas, pelo propósito do brincar, no turno da tarde. Esse horário foi escolhido por ter uma maior concentração de crianças brincando ao ar livre.

A pesquisadora aproximava-se para realizar observações e, quando oportuno, estabelecia interações com as crianças.

A menina I. (5 anos), perguntou: - “tia, você veio brincar com também?”

A pesquisadora respondeu: - “Por enquanto estou observando vocês brincarem, mas daqui a pouco eu brinco também. Mas e vocês, estão brincando de que”

A menina I. (5 anos) respondeu: - “Brincando de bola, pra ver quem faz mais gol” (Registro do diário de campo).

As crianças brincavam de bola e discutiam entre si para decidir quem seria o jogador mais habilidoso. O processo investigativo voltou-se para a observação das brincadeiras e dos modos de vida infantis, com o objetivo de compreender a base social de cada criança. Em determinados momentos, ocorreram conversas informais que evidenciaram os sentimentos das crianças em relação ao ato de brincar na comunidade onde vivem. Durante um diálogo estabelecido entre a pesquisadora e a menina I. (5 anos), tornou-se evidente que as crianças apreciam as brincadeiras coletivas, tanto com outras crianças quanto com adultos. O acolhimento ficou perceptível quando a menina, de forma indireta, convidou a pesquisadora para participar da brincadeira. Logo, as ações das crianças são intencionais; não se tratam de gestos insignificantes. Por meio de suas atitudes, elas buscam se comunicar, brincar, interagir ou até mesmo responder a alguma necessidade concreta que estejam vivenciando.

Goldberg e Frota (2017) expõem que socialmente, as crianças costumam ser definidas à sua idade cronológica e caracterizadas como sujeitos imaturos, por estarem em fase de desenvolvimento. No entanto, são indivíduos com perspectivas próprias, construídas por meio de suas vivências e subjetividades. Por isso, devem ser ouvidas e reconhecidas como sujeitos com percepções importantes para a sociedade.

O menino C. (6 anos), sentou-se ao lado da pesquisadora em silêncio.

A pesquisadora questionou ao C. (6 anos): “- Você gosta de morar aqui na Comunidade Correntes?”

C. (6 anos) respondeu imediatamente: “- Gosto porque aqui eu tenho meus amigos e posso brincar à vontade”.

A pesquisadora perguntou: “- Vocês costumam brincar de que?”

C. (6 anos) respondeu: “- De bola, de pega-pega, esconde-esconde, carrinho, boca de forno.”

A pesquisadora seguiu o diálogo e apresentou um outro questionamento: “- E além de brincar, quais são as outras coisas que você também faz?”

C. (6 anos) pensou um pouco mais e respondeu: “-Eu fico com minha família, meu pai e minha mãe, vou na casa dos meus tios e de minha vó, vejo meus primos. Quando tem aula também vou pra escola de manhã, mas minha escola fica um pouco mais longe.” (Registro do diário de campo)

Com esse posicionamento, o menino manifestou que a comunidade é o local em que ele mora, mas é também o lugar de interações, proximidades e que remete à afetividade. Ele se sente pertencente ao local. Nesse contexto, o brincar também é representado enquanto um vínculo da criança com o território. A criança relatou brincar frequentemente de brincadeiras como bola, pega-pega, esconde-esconde, boca de forno, brincadeiras tradicionais que são passadas de geração em geração. Porque de fato o brincar é uma atividade essencial na infância, que permite a criança representar seu cotidiano e também vivenciar o que deseja naqueles momentos de curiosidade, imaginação e liberdade (Tonucci, 2020).

E brincar significa esculpir um pedaço deste mundo o tempo todo: uma peça que incluirá um amigo, objetos, regras, um espaço para ocupar, um tempo a ser administrado, riscos a tomar e com total liberdade, porque o que você não pode fazer, você pode inventar. Com uma liberdade substancial em relação às restrições e limitações da realidade: o que não existe pode ser imaginado, o que não é possível pode ser inventado (Tonucci, 2020, p. 241).

O brincar na comunidade representa, para as crianças, um espaço de vivência em liberdade. Enquanto a realidade cotidiana é marcada por regras impostas por autoridades adultas, o momento imaginativo e criativo do brincar oferece às crianças a oportunidade de experimentar um mundo onde elas mesmas são as protagonistas. No “faz de conta”, elas inventam cenários, criam regras e redefinem os significados dos espaços e das relações (Tonucci, 2020). Durante o brincar, as crianças exercem autonomia e assumem o papel de autoridade, construindo uma realidade própria que contrasta com a rigidez do mundo adulto. A criança molda a própria realidade através do olhar da infância naquele tempo e espaço.

A natureza, com sua diversidade e imprevisibilidade, potencializa esse processo, oferecendo um território fértil para a liberdade, a imaginação e a construção de sentidos próprios. Esses sujeitos possuem a necessidade e atração para estarem em contato com o mundo natural, principalmente através do brincar. “[...] concebemos as crianças como seres da natureza e simultaneamente da cultura” (Tiriba e Profice, 2019, p. 7). A cultura infantil é formada através do brincar e das brincadeiras. Essa é a principal maneira que a criança utiliza para manifestar suas ideias. Na rotina do brincar e imersa no ambiente, a criança constrói novas relações com o meio e com toda biodiversidade. A convivência com as plantas, o respeito pelos animais, o cuidado com a natureza e o vínculo com a família fazem parte desse universo

formativo. Por exemplo, ao brincar no quintal e observar um familiar colhendo ervas para preparar um chá, a criança tende a se aproximar, questionar e aprender sobre o nome da planta, seus usos e os saberes tradicionais que a cercam. A criança aprende e também contribui com novas formas de se relacionar com o sistema biodiverso.

Observa-se que o enfoque na dimensão comunitária no bem estar pessoal está relacionada à satisfação positiva nos relacionamentos entre crianças e adultos em suas vizinhanças, assim como a utilização autônoma do ambiente físico das comunidades pelas crianças. Caso esse ambiente seja constituído de aspectos naturais, haveria a potencialização ainda maior do bem estar nas crianças. Isso é importante, porque essas relações próximas entre crianças e vizinhas/vizinhos, assim como o ambiente físico das comunidades, podem criar um ciclo virtuoso de preditores do bem estar na infância. Dessa maneira, a dimensão comunitária é uma importante área capaz de contribuir para elaboração de considerações sobre o bem estar na infância (Sarriera *et al.* 2016, p. 108-109).

De fato, durante essa jornada, algumas crianças demonstraram o quanto gostam de brincar na comunidade em que vivem e de forma coletiva, sempre que possuem um tempo livre buscam seus pares para brincar e manifestam ânimo ao vivenciar esses momentos. As brincadeiras vivenciadas por elas são ao ar livre, a exemplo de pega-pega, esconde-esconde, balê, futsal, estátua, boca de forno e subir em árvores para colher frutos na comunidade, essas mantêm o hábito de estarem em contato com a natureza. Por outro lado, uma parte das crianças manifesta preferência por permanecer dentro de casa, envolvida com tecnologias como celular, videogame e televisão. Essa escolha se reflete no cotidiano: frequentemente, durante as conversas, algumas crianças comentam que determinada colega “não sai de casa” porque prefere usar o celular em seu tempo livre.

As tecnologias estão presentes no cotidiano infantil da comunidade, acompanhando as gerações reconhecidas como nativas digitais. Seu uso pode representar oportunidades para o desenvolvimento de novas habilidades, mas também traz desafios, especialmente quando ocorre de forma excessiva. Santos *et al.* (2024) destacam a importância de observar atentamente o envolvimento de cada criança com a cultura digital, de modo que essa interação não prejudique seu desenvolvimento nem impeça vivências fundamentais, como o brincar ao ar livre e a interação com os pares.

Sarriera *et al.* (2016) expõem que para as crianças estarem bem, é preciso que essas se sintam pertencentes à comunidade em que vivem. E esse sentimento de pertencimento está relacionado a se sentirem seguras, possuírem vínculos interpessoais significativos para elas e o sentimento de satisfação em brincar e participar daquele cotidiano. Logo, o sentimento de

pertencimento vai além da ideia de estar fisicamente no território, significa ter relações sociais, afetivas e participação cidadã.

Figura 5 – Crianças brincando ao ar livre na comunidade



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

A figura 5, localizada acima, representa esse brincar livre na comunidade Correntes, o qual permite que a criança se relacione com o ambiente em que vive. A companhia dos vizinhos, o brincar na “rua de casa”, a possibilidade de estar com os pés no chão, são momentos em que as crianças estão conectadas com o meio social e natural. Construindo conhecimentos sobre o local que vivem, adquirindo habilidades e explorando as emoções, é o processo de conhecer o ambiente com todo o corpo. Nesse momento do brincar, registrado na fotografia, as crianças estavam aguardando outras crianças chegarem, para combinar as regras do jogo, a brincadeira do momento era futsal, a qual teria como objetivo a disputa para ver quem conseguiria fazer mais gols, em um espaço demarcado pelas próprias crianças. Lira *et al.* (2024) destacam que o brincar coletivo fortalece os vínculos entre as crianças da comunidade, promovendo a compreensão de si e do outro. Essa vivência contribui para saltos no desenvolvimento infantil, ampliando saberes e favorecendo a construção de culturas do brincar enraizadas no contexto socio comunitário.

Um momento que demonstra a aptidão das crianças pelo futsal, o qual é uma cultura marcante na comunidade, devido ao time local. Esse gosto e valorização é algo que marca tanto as meninas quanto os meninos, como uma caracterização da identidade local e do pertencer. As

crianças se sentem pertencentes à localidade, identificam-se com a cultura e apoiam, demonstrando admiração e desejo de seguir a trajetória do futsal, associada ao time formado pelos moradores adultos da comunidade.

Esses processos de convivências são importantes para as crianças e contribuem para a construção de ideias que elas aplicam na própria vida. É por meio desses que as crianças constroem suas realidades. É o que Corsaro (2011, p. 16) nomeia como reprodução interpretativa, ao dizer que “[...] As crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com as próprias e exclusivas preocupações.”. Nessa perspectiva, Corsaro (2011) expõe ainda que as crianças aprendem com os adultos através das interações e das próprias interpretações. Logo, o pensamento da criança não é uma imposição do adulto, mas um processo interpretativo, construído com convivências e experiências, pela própria criança.

Ao observar os momentos de brincar na comunidade, nota-se que as crianças, na maior parte do tempo, estão acompanhadas por seus pares. Elas espontaneamente chamam irmãos, primos e vizinhos para compartilhar o brincar. Essa preferência evidencia o valor que atribuem à convivência coletiva, demonstrando que as brincadeiras em grupo são mais significativas para elas do que as atividades realizadas de forma solitária. Corsaro (2011) destaca que as crianças são agentes ativos, que constroem e expressam suas ideias, sentimentos e opiniões por meio do brincar com seus pares.

Esse aspecto reflete a formação da comunidade que se estruturou também através dos vínculos familiares. Desse modo, as atividades coletivas fortalecem o sentido de comunidade, para a percepção das crianças. De acordo com o sociólogo alemão Tönnies (1973) a existência de uma comunidade ocorre a partir de aspectos como o parentesco, a divisão espacial, a religião e principalmente através do encontro de pensamentos e ideias, que seriam vontades em comum.

Em diálogo com o menino R. (11 anos), ele comentou que o brincar ao ar livre é uma atividade diária para as crianças que moram próximo.

Em consequência a pesquisadora questionou: - E você gosta de brincar?

O menino R. (11 anos) respondeu: - Eu gosto de brincar.

É quando eu deixo pra lá as brigas de casa.

A pesquisadora perguntou: - Qual a brincadeira que você mais gosta?

O menino R. (11 anos) respondeu: - Gosto de brincar de bola, montar quebra-cabeça, jogar baralho, dominó. (Registro do diário de campo)

Esse relato deixou evidente que na comunidade há uma relação entre as crianças que moram próximo, sendo o brincar a principal atividade que as unem. A criança também mostra que através dos momentos do brincar, é possível viver um momento de distração, amenizando

por determinado momento os conflitos existentes em sua realidade. Sendo assim, o brincar, apresenta-se como uma forma da criança expor as compreensões seja reproduzindo o acontecimento ou manifestando ideias de como gostaria que fosse a própria realidade. Conforme Rolim, Guerra e Tassigny (2008) através do brincar a criança cria o mundo da forma que ela gostaria que fosse, através de sua imaginação e fantasias.

Posterior a esses momentos de diálogos informais, foi o momento em que a pesquisadora se envolveu nas brincadeiras, considerando que as crianças a convidaram. Assim, foram vivenciadas brincadeiras propostas pelas crianças. Sendo possível observar as brincadeiras que elas vivenciam no cotidiano, a exemplo de “boca de forno”, “estatua”, “toquinho”. Em todas as atividades as crianças demonstraram afeto e respeito pelo ambiente em que vivem. Além disso, as crianças mostraram-se receptivas, convidando a pesquisadora e outros adultos da vizinhança a brincar também, demonstrando que gostam da interação com os adultos durante os momentos do brincar. O brincar possui significado e ao interagir com os adultos, as crianças ampliam suas experiências e aprendizagens na relação com os adultos.

Esta imersão inicial no campo, aconteceu pautada no objetivo de conhecer os aspectos gerais que circundam a rotina das crianças na comunidade. Assim, foi possível perceber que as crianças possuem um cotidiano na qual vão à escola, ao retornarem ficam entre familiares em suas casas, sendo parte do seu cotidiano os momentos de brincar ao ar livre na comunidade. No entanto, devido à ausência de praças, as crianças geralmente brincam na rua ou nos quintais de parentes e vizinhos. A respeito desse contato com a comunidade, Marques e Araújo (2016) afirma que:

O trabalho de campo e a convivência com os sujeitos pesquisados são processos decisivos para o desenvolvimento das ideias a respeito da realidade social estudada. Ainda que o pesquisador não consiga apresentar um relato totalmente completo, é a partir da interação com essa realidade que o pesquisador percebe a emergência de certos padrões no grupo estudado (Marques; Araújo, 2016, p. 271).

É importante entender as brincadeiras, a forma como os espaços são utilizados as opiniões que possuem acerca do local em que vivem. Foi uma análise panorâmica do ambiente, seus sujeitos e as respectivas interações, para ser possível traçar um esboço do cotidiano na comunidade. Um cotidiano marcado por interações constantes com o ambiente da comunidade e relações próximas de vizinhanças. Essa relação ativa em comunidade é uma prática de gerações passadas que são compartilhadas com as crianças. Assim, o espaço livre da comunidade é um ponto de encontro entre a vizinhança para conversar, um sistema sociocultural que contribui para a partilha de valores entre os moradores. Desse modo, a partir

das vivências cotidianas construídas socialmente, as crianças recriam por meio de suas interpretações, construindo assim culturas infantis.

No desenvolvimento de um trabalho de campo conhecer o contexto de vida do sujeito é primordial. É importante não ocultar aspectos da vida das pessoas, principalmente tratando-se de crianças. Kramer (2002, p. 43) afirma que “[...]Tratar das populações infantis em abstrato, sem levar em conta condições de vida, é dissimular a significação social da infância. Ao fazer essa dissimulação, despreza-se a desigualdade social real existente entre as populações, inclusive as infantis.” É preciso evidenciar que as crianças brincam e relaciona-se com seu local de vivência, mas também sofrem com aspectos locais, a exemplo das condições socioeconômicas.

No segundo dia de observação participante, 10 crianças brincavam, mas uma estava isolada, demonstrando estar chateada. A pesquisadora aproximou-se e perguntou porque a criança estava triste, ainda cabisbaixa respondeu:

A menina G. (10 anos) disse: - “Amanhã eu queria ir de tênis pra escola, mas eu não tenho um tênis, mãe e pai não tem dinheiro pra comprar, minhas amigas que moram na rua vão de tênis e eu não” (Registro do diário de campo).

A partir da fala da menina, a pesquisadora buscou conhecer sua realidade diretamente de quem a vivenciava. Posteriormente, ela dialogou com a criança sobre a desigualdade social, deixando claro como a carência de bens materiais e a ausência de acesso ao básico impactam profundamente diversas famílias. A menina é a segunda filha, de um total de seis crianças. Relatou que seu pai trabalha como moto táxi, também tira jaca para revender e sua mãe é dona de casa, diante da situação a família recebe assistencialismo do programa Bolsa Família.

Esse acontecimento evidencia que a desigualdade social está presente na comunidade, a vulnerabilidade socioeconômica proporcionada pelo capitalismo gera impacto também na vida das crianças que se veem privadas do acesso ao básico. A desigualdade não é um acontecimento natural, mas são condições elaboradas pela economia e por ideologias sociais, que determinam a quem serão direcionadas as melhores condições. São disparidades que estão presentes em locais segregados pela sociedade.

A palavra rua é citada para representar uma parte urbana do município, enquanto, habitualmente utilizam *mata*, *povoado* ou *comunidade* para referirem às áreas rurais. São expressões socioculturais utilizadas pelas pessoas da comunidade para indicarem a localidade que se referem. Importante compreender que são termos que associam o local a suas características. O termo *mata* é associado à natureza, o *povoado* refere-se a um agrupamento de

peessoas que povoaram a área, logo a forma de mencionar a localidade é associada a características pertencentes ao território, enquanto a *rua* é a relação de um local urbanizado, com dinâmica da cidade.

É necessário movimentar-se contra o ciclo de exclusão que permeia a realidade, principalmente privando as crianças do acesso ao básico. É preciso promover oportunidades para amenizar a pobreza extrema e promover ações e políticas públicas onde as crianças possam acesso ao que necessitam, a exemplo do uniforme escolar completo. Madeira afirma:

Os grupos minoritários, são muito frequentemente sujeitos aos efeitos do poder de diferenciação desigual pela sociedade dominante. É no interior das comunidades de base territorial que as crianças dos meios mais desfavorecidos se encontram mais expostas à distinção arbitrária entre os que cabem na categoria “nós” contra “eles” ou “os outros”. A negação do reconhecimento social das crianças como membros da comunidade afeta drasticamente as suas condições e disposições para participar no espaço público (Madeira, 2015, p. 155).

Embora a principal técnica utilizada nesse encontro seja a observação participante, a pesquisadora também vivenciou momentos de diálogos informais e interações significativas com as crianças, a exemplo desse, para explicar à menina G. (11 anos) que a desigualdade social é uma condição estimulada pelo sistema. A conversa sobre bens materiais se aprofundou com o intuito de mostrar a criança que a desigualdade afeta uma parcela significativa da população brasileira. No diálogo a pesquisadora reforçou que estudar, participar de pesquisas, exercer a cidadania é uma forma de movimentar-se contra esse sistema, que classifica as pessoas a partir do ter. Mesmo triste a criança demonstrou estar menos chateada com a situação.

G. (10 anos) falou: - obrigada tia e foi brincar com as outras crianças. (Registro do diário de campo)

Esse momento da observação participante foi angustiante para a pesquisadora. É difícil ver crianças sofrendo com as ausências. Mas também evidenciou desafios que são vivenciados não apenas no campo, mas em todos os lugares marginalizados pelo sistema. Conforme expõem Sánchez, Pelacani e Accioly (2020, p. 2) “É destas regiões que emergem os movimentos de resistência e luta pelo direito à terra, à água, ao meio ambiente equilibrado, à saúde e educação. Em síntese, é destas periferias pulsantes que vibra o clamor pelo direito à vida, como grito de sobrevivência.”.

Esse encontro, com uma criança triste e isolada, enquanto as outras brincavam ao ar livre, evidenciou que trabalhar as compreensões das crianças acerca das questões socioambientais é importante, mas também se fez imprescindível estimular o fortalecimento

dessas crianças no local em que elas moram e na posição socioeconômica em que se encontram. É importante evidenciar que elas representam grandes potenciais e sujeitos importantes na sociedade.

Figura 6 – Crianças brincando no segundo encontro.



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

A figura 6, localizada acima, manifesta o perfil das crianças na comunidade Correntes. As crianças aprofundam suas vivências e fortalecem sua conexão com o ambiente por meio do brincar. A Figura 6 ilustra uma das brincadeiras frequentemente praticadas na comunidade, conhecida como “estátua”, que desafia a habilidade de permanecer imóvel pelo maior tempo possível. Durante essa brincadeira, as crianças avaliam suas próprias capacidades, competem amistosamente com seus pares e interagem de forma intensa com o espaço em que estão inseridas, promovendo aprendizagens significativas. Essa atividade essencial provoca interações vitais entre as crianças e seu meio, com os adultos e com seus pares. São crianças que genuinamente gostam de brincar umas com as outras, mostrando-se receptivas ao diálogo, essas são convidativas a convivência com os adultos, buscam conversar, manifestar ideias, partilhar experiências. Essas características foram observadas através da interação com as crianças e também ao observar as vivências dessas em comunidade. Em um momento específico da observação participante, os adultos estavam interagindo, logo chegaram dois meninos com uma bola:

O menino R. (9 anos) falou: “- Tio, quero te mostrar uma coisa que aprendi no treino.”

O tio manifestou estar atento ao que o menino R. (9 anos) iria fazer com a bola.

O menino realizou uma manobra com a bola. Posteriormente o menino expressou o desejo de brincar de bola, não apenas com o colega que estaria com ele, mas também com o adulto e falou para o adulto:

R. (9 anos) “- Vamos brincar nós 3 de golzinho?”

(Registro do diário de campo)

O brincar é uma parte intrínseca e multifacetada da infância. Para as crianças, a experiência de brincar na comunidade vai além da simples diversão, é um espaço para novas descobertas e a superação de desafios. Por meio das brincadeiras, as crianças atuam ativamente em seu entorno, Tiriba (2010) destaca que através dessas interações e compreensões das crianças é possível construir novas formas de relações, um sistema social que vise ao equilíbrio em seus contextos de vida, uma vez que a criança também é produtora de cultura.

Elas não apenas se conectam umas com as outras, mas também vivenciam e compreendem as características da comunidade de forma livre e espontânea. De acordo com Lira et. al (2024, p. 5), “O brincar é uma prática social capaz de contribuir para aproximar e fortalecer vínculos afetivos e sociais, de modo a amenizar as barreiras linguísticas e culturais.” É nesse contexto que o brincar se torna uma poderosa ferramenta de interação social, aprendizado e desenvolvimento. Berleze (2016) argumenta que as crianças manifestam a sensibilidade e a forma de compreender a realidade, expondo as emoções mais sinceras.

4.3 A criança e a natureza

Posterior a dois encontros, pautados na observação participante, foi o momento de reunir crianças e os familiares que se dispuseram, para vivenciar e dialogar acerca da relação com a natureza. Sendo assim, esse encontro aconteceu, no dia 26 de outubro de 2024, com 15 crianças. Na comunidade Roça Nova, localizada a uma distância de 12 km do Povoado Correntes, uma área classificada como Unidade de Proteção Integral, a qual se fundamenta na Lei nº 9.985/2000 (Brasil, 2000). É uma área para uso indireto, de estar no ambiente sem provocar extrações ou danos. Essa área de reserva foi definida com o objetivo de proteger o ecossistema subterrâneo, devido a existência de cavernas na localidade. Desse modo, também é um espaço pouco modificado pelos seres humanos. Um ambiente que possibilitou o contato com a natureza primária. Com a visita a esse local com características singulares, também foi possível dialogar sobre as Ciências Ambientais na perspectiva da conservação, do respeito à biodiversidade.

As crianças tiveram a oportunidade de conhecer um espaço natural protegido, cuja função social difere daquela exercida pela comunidade campesina, na qual a terra é cultivada e o ambiente sofre modificações constantes decorrentes da ação humana.

*A menina A. (10 anos) questionou: “- Por que nesse espaço não tem casa?”
A pesquisadora explicou: “- É um espaço de preservação, porque o subsolo são cavernas, então a construção de casas não pode acontecer nesse espaço. Mas a sociedade ainda assim precisa cuidar daquele local, porque ele possui uma importância socioambiental” (Registro do diário de campo).*

Essa vivência, mediada pelos conceitos de preservação e conservação, contribuiu para que compreendam que cada tipo de área possui funções sociais específicas, bem como limites para a intervenção humana. Assim, as crianças constroem conexões e até mesmo percebem as diferenças entre o local que vivem e a outra comunidade. Fortalecendo o pertencer e a própria identidade, assim a criança concretiza a ideia que existem outros lugares, com diferentes modos de vidas, aprendendo a respeitar a pluralidade. Mas também vivenciando a sensação de liberdade transmitida pelo espaço, através do correr sem sentir perigos de carro ou moto, com um espaço amplo e diverso. Com base no viver livremente em contato com o mundo natural, esse encontro foi estruturado a partir da relação criança e natureza. Antes da realização da visita as crianças entraram em diálogo:

*A menina K. (10 anos) relatou: - “Eu estou muito ansiosa, não consegui dormir porque fiquei pensando no passeio” (Registro do diário de campo).
O menino N. (7 anos), imediatamente falou: - “Eu quero entrar na caverna que tem nesse lugar, lá tem morcegos?” (Registro do diário de campo).*

Essa pergunta, relacionada aos morcegos, mostra que é uma criança que se interessa pelos aspectos naturais e pela biodiversidade. A pesquisadora logo explicou que todos poderiam ter acesso à frente da caverna, mas que essa estaria fechada para visita, que seria um momento de diálogo, lanche coletivo e muitas brincadeiras ao ar livre, em uma área aberta, próximo à gruta. O menino N. (7 anos) fez uma expressão triste por não ter gostado de saber que a caverna estaria fechada. O desejo de entrar na caverna seria para conhecer, visualizar as características, suprir a curiosidade que faz parte da natureza humana e principalmente na infância, a qual é repleta de descobertas. É uma criança que gosta de viver experiências mais aventureiras, ficou perceptível pelo diálogo seguinte:

*A pesquisadora falou: “- Você tem coragem de entrar na caverna?”
O menino N. (7 anos) respondeu:
“- Sim, quando eu crescer vou ser um homem que vai entrar nas*

cavernas para achar ossos dos animais, de pessoas. Assisto na televisão um programa que mostra um trabalho assim.” (Registro do diário de campo)

O deslocamento aconteceu através de um ônibus, de forma calorosa, com cantorias. Ao chegarem ao local, as crianças mantiveram o perfil livre de correr, escalar árvores, colher frutos e alimentar saguins. Ficou evidente o quanto o brincar para eles também é uma forma de investigação, para conhecer melhor aquele ambiente, pois as crianças brincavam e interagiam com o ambiente sempre buscando compreender características, observando os insetos, frutas, árvores que compõem aquele ambiente, diferente do que elas vivem. De acordo com Araújo; Escórcio e Souza (2021) o brincar ao ar livre é imprescindível por possibilitar que as crianças experienciem suas potencialidades e também identifiquem suas limitações, para através do brincar também associarem suas aprendizagens.

As meninas K. (10 anos), L. (11 anos) e G. (11 anos) logo ficaram entusiasmada e falaram: - *“Tia, encontramos tamarindo, olhe só. Estamos pegando aqui no chão.”*

A menina K. questionou: *“Por que aqui tem pé de tamarindo e lá onde a gente mora não tem? Eu vou levar o caroço pra plantar.”*

A menino G. (11 anos) respondeu: *“É que às vezes a terra de lá das Correntes não foi o suficiente para nascer pé de tamarindo. Às vezes não choveu ou não teve sol que ele precisava. Se é que alguém já tentou plantar pé de tamarindo lá né”*
(Registro do diário de campo).

Tanto a pergunta, quanto a resposta abordam reflexões importantes que envolvem a biodiversidade das comunidades. Fica evidente que a menina percebeu a diferença entre a comunidade em que ela vive e o local recém-conhecido, ficando inquieta por não ter aquela frutífera na comunidade. E ela desejou muito resolver aquilo que identificou como uma ausência no local em que ela reside. Já a resposta da outra menina, de forma direta trabalhou aspectos como o solo, o clima e as necessidades que aquele tipo de frutífera possui para desenvolver-se. E ainda foi questionadora ao refletir se alguém já realizou a tentativa de plantar um tamarindeiro na comunidade Correntes.

Figura 7 – O encontro com tamarindos



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

As crianças estavam atentas a cada detalhe naquele local, desde as árvores com os saguins que estavam nelas, nos tamarindos que estavam nas árvores e também no chão, até o chão repleto de folhas e gravetos. Elas sentiam a necessidade de tocar, sentir as texturas, os sabores, aromas. Esse foi o primeiro contato das crianças no local. Mesmo sendo em uma localidade diferente da comunidade em que residem, esse contato é importante para as compreensões das crianças, pois permitem que elas conheçam realidades distintas. Elas demonstraram afeto e curiosidade pela natureza daquele local e na mesma frequência mostraram-se atentas ao que compõem a comunidade onde moram. Tiriba e Profice relataram que:

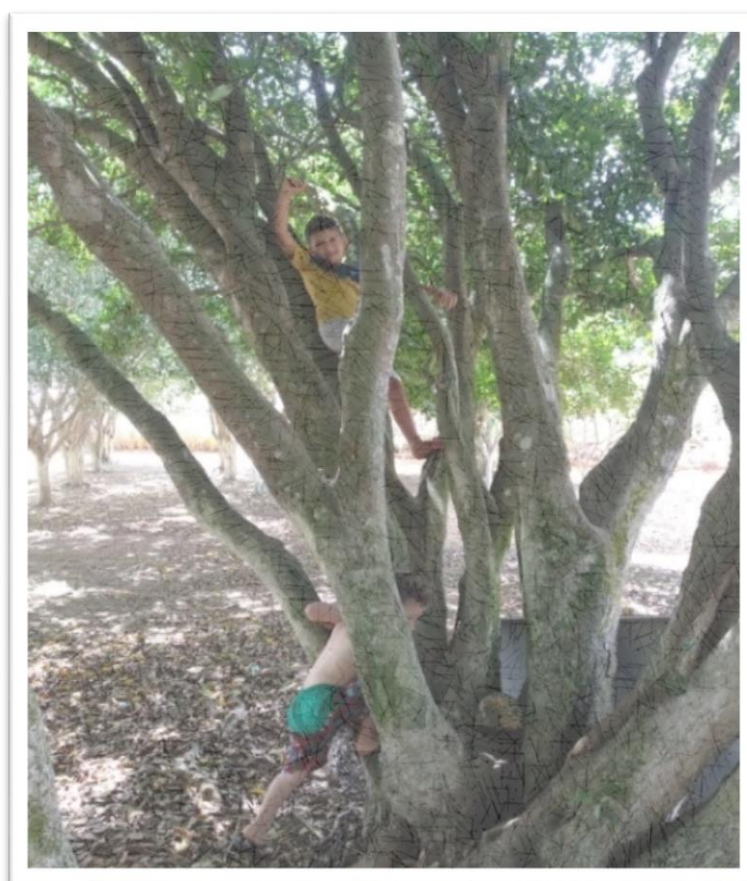
A vivência se dá no encontro, na situação vivida e no modo de se afetar por ela. Portanto, partimos da ideia de que as vivências das crianças na natureza fortalecem seu vínculo com o mundo natural bem como fomentam o conhecimento local acerca dos ambientes, dos seres e dos processos naturais (Tiriba; Profice, 2019, p. 9).

Tiriba e Profice (2019) defendem ainda o contato da criança na natureza, afirmando que ao estar em contato com essa, há um fortalecimento no vínculo, assim como aprofundam seus conhecimentos. Assis e Mazzarino (2015) afirmam que as vivências na natureza também são uma forma de reconectar o ser humano ao meio ambiente, com o intuito de sensibilizar sobre a realidade socioambiental, a partir da Educação Ambiental, complementando ainda que:

A Educação Ambiental vivencial baseia-se no estímulo ao contato direto com a natureza, buscando a reintegração do ser humano ao meio natural, tendo como objetivo uma consciência crítica e transformadora. Esse contato deve ser planejado objetivando despertar o reencantamento do ser humano pelo ambiente, promovendo assim uma mudança no comportamento dos envolvidos (Assis; Mazzarino, 2015, p. 63).

Desse modo, fica evidente que essas vivências da criança com a natureza estão relacionadas a um ponto de partida para práticas da Educação Ambiental, uma vez que propõe a conexão da criança na natureza, a fim de compreender a visão que essas possuem acerca das relações socioambientais. A presente investigação é sobre a comunidade Correntes e a forma como as relações socioambientais acontecem nessa região. Mas a forma como a criança se relaciona com a natureza pode ser acompanhada em diversos ambientes. Como exemplo é possível mencionar as crianças subindo em árvore, retratado na figura 8 abaixo, pois o subir em árvores não é um hábito novo para essas crianças que já vivenciam essas atividades na comunidade, comprovando uma familiaridade com a estrutura apresentada pela árvore, a firmeza dos galhos e as habilidades corporais para subir.

Figura 8 – Crianças em árvore



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

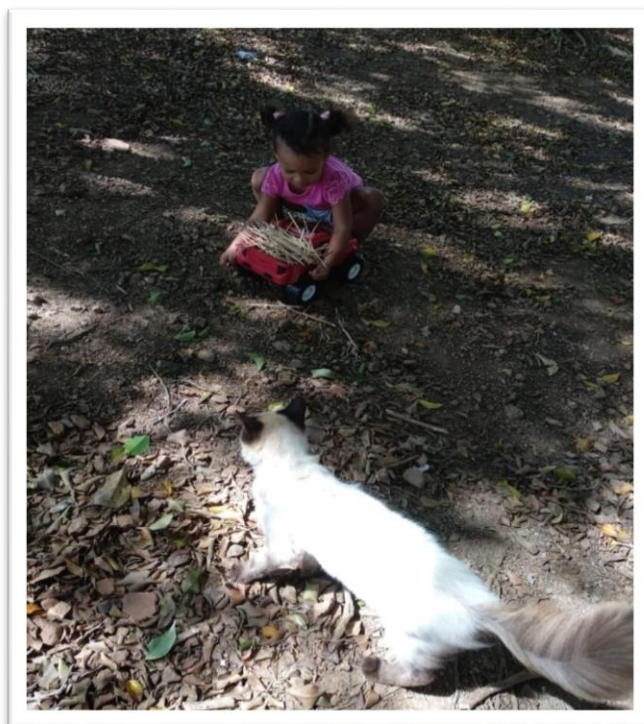
Os diversos tipos de interação entre as crianças e a natureza são uma forma de identificar a relação que essas crianças possuem sobre a natureza. As crianças estiveram no ambiente com

postura respeitosa, buscando respeitar os animais presentes no espaço, alimentando os saguins com banana, estavam atentas para não descartar incorretamente os resíduos ou realizar alguma ação que poderia gerar prejuízos a biodiversidade. Para as crianças essas vivências possuem sentidos, na imagem abaixo, há uma representação da criança brincando com gravetos encontrados no chão, sobre a sombra das árvores e em proximidade com um gato. Os gravetos com o imaginário e criatividade da criança são transformados em outras representações, a exemplo de lenhas que os familiares costumam extrair da mata para utilizar no fogão a lenha, também tem os capins que extraem para alimentar os animais.

A convivência harmoniosa com outros animais mostra o respeito pelo direito do outro estar naquele espaço. Em um determinado momento uma criança estava brincando no chão com elementos da natureza, e um gato aproximou-se do local em que ela estava, ela continuou a brincar, respeitando a presença do gato, uma vez que aquele ambiente é do convívio constante dele. Assim, o brincar livre da criança na natureza evidenciou o respeito que cada criança direciona ao meio em que está e na mesma proporção estimula os sujeitos a estarem mais conectados com mundo natural, visando à ética ambiental. Tiriba (2010) afirma que a natureza se manifesta em todos os seres, incluindo as crianças, que também são expressões da própria natureza. Nesse sentido, elas estabelecem vínculos profundos com os elementos naturais.

Estar coletivamente em um ambiente, para contribuir com uma pesquisa, também mostra o quão comprometidas estão essas crianças com o mundo em que vivem, interessadas em contribuir com a melhoria da sociedade, através de suas ideias e aspectos culturais. Esses momentos foram fundamentais para que as crianças aprofundassem suas interações com a natureza, manifestando respeito ao meio ambiente e expressando a vontade de atuar ativamente para um melhor desenvolvimento da comunidade. O objetivo desses momentos não foi o de ensinar as crianças, mas sim de acompanhar as mesmas florescendo através de suas emoções, questionamentos e opiniões acerca da natureza e seus aspectos.

Figura 9 – Criança brincando com gravetos



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

Foi realizado um piquenique com alimentos saudáveis, como uma forma de celebrar aquele momento de partilhas. Seriam partilhas de momentos, conhecimentos e a construção de memórias afetuosas entre as crianças da comunidade. A ideia do piquenique surgiu, porque em dias anteriores, ao dialogar sobre o planejamento da próxima atividade da pesquisa, as crianças relataram que elas gostariam de realizar um piquenique, semelhante às cenas de piquenique que já visualizaram em diversos filmes. As características que as crianças apresentaram para o piquenique foi uma toalha xadrez, na natureza, próximo a árvores. Logo, esse momento foi preparado para as crianças com todo carinho, para que elas pudessem vivenciar algo semelhante ao que imaginaram. Assim, todas as crianças sentaram-se na toalha, alimentaram-se, conversaram livremente, foram diálogos sobre as frutas que eles mais gostam, observações que estavam fazendo sobre o espaço, naquele momento, recém-conhecido por eles, eles identificaram saguins saltando nas árvores, havia uma mãe saguim, com seu filhote nas costas.

Logo o menino J. (9 anos) comentou: “- Olha uma mãe saguim com um bebê nas costas”

A pesquisadora explicou: “- Que assim, como estavam todos reunidos se alimentando os saguins também estavam querendo um alimento, a exemplo de banana.”

O menino J. (9 anos) disse: “- Podemos colocar uma banana descasca ali para eles pegarem né? Não merecem sentir fome.”

A pesquisadora provocou uma reflexão: “- Os saguins vivem na natureza, nas árvores, mas agora sofrem cada vez mais com a fome, devido aos desmatamentos, ausência de frutíferas.”

A menina E. (10 anos) complementou: “- São os seres humanos que estão fazendo isso, não se preocupam com os bichinhos. Sempre que aparece em casa também alimento” (Registro do diário de campo).

É fundamental que as crianças sejam estimuladas a observar e reconhecer a presença da biodiversidade ao seu redor, compreendendo que os animais, assim como os seres humanos, possuem o direito à vida e ao seu próprio espaço no ambiente natural. Ainda que, na prática, esses direitos nem sempre sejam respeitados, é por meio desse processo de conscientização que se forma uma base ética e afetiva para o cuidado com os outros seres vivos e com o planeta como um todo. As crianças demonstraram através da fala entender a problemática bem como manifestaram o quanto gostariam de ajudar os animais e resolver esse problema.

Figura 10 – Piquenique



Fonte: Pesquisa de campo (2024)

Na roda de conversa, as crianças refletiram sobre a importância de estar em ambientes naturais e demonstraram sensibilização quanto ao cuidado necessário nesses espaços, e principalmente sobre o cuidado com os animais e as ações humanas que geram prejuízos. Elas entenderam que aproveitar a natureza envolve respeitá-la, evitando a degradação e o descarte de resíduos. Em uma conversa iniciada pelas crianças foi dito:

*Durante a atividade, a menina L. (11 anos) comentou:
 “– Se a gente cuidar desse espaço, não jogar lixo no chão,
 não machucar os animais, vamos poder voltar aqui outras vezes.”*

*Na sequência, o menino R. (9 anos) compartilhou sua atitude:
 “– Eu já coloquei o lixo na sacola
 pra quando eu for levar e colocar no lixeiro lá em casa.”*

*A pesquisadora falou: “– É importante ter esses cuidados, ainda que não resolva
 todos os problemas da sociedade, mas é um começo. Por isso devemos sempre
 estudar para entender as situações relacionadas ao meio ambiente”*
 (Registro do diário de campo)

Esse diálogo fortaleceu as compreensões sobre a responsabilidade que a sociedade deve ter sobre os cuidados com a natureza, promovendo atitudes responsáveis e sustentáveis. Leff (2009) expõe que através das reflexões e práticas articuladas com o saber ambiental, é possível construir relações mais sustentáveis entre sociedade e natureza. Leff (2009) apresenta o saber ambiental como uma ruptura com as formas tradicionais de conceber as relações entre sociedade e natureza, propondo a construção de um pensamento pautado na complexidade, na crítica, na valorização da diversidade cultural e na sustentabilidade ecológica.

Após as atividades planejadas terem sido realizadas, o tempo disponível foi utilizado para as crianças brincarem livremente no ambiente. Estas estavam ansiosas para correr, brincar em grupo, subir em árvores, conhecer cada detalhe do ambiente. Houve um momento que cada criança tomou um direcionamento, um foi olhar a entrada da caverna, outros subiram nas árvores, foram colher frutos no chão. E em outros momentos juntaram-se para brincar coletivamente.

A pesquisadora e adultos que também estavam envolveram-se nas brincadeiras. Entre esses momentos foi marcante quando uma criança descartou um entulho no chão e inesperadamente o menino A. 8 anos, parou de brincar e foi sinalizar de que aquela atitude estava errada, pegando o material e colocando-o em uma sacola plástica junto a outros resíduos. Assim, o menino demonstrou uma relação de cuidado com o meio ambiente, em uma ação acerca do descarte de resíduos, manifestando uma responsabilidade ambiental e comprovando que as crianças são sujeitos ativos, seguindo a ideia de Rodrigues, Borges e Silva:

[...] construirmos uma nova cultura em nossa sociedade baseada no reconhecimento de que as crianças são sujeitos que precisam ser ouvidos para além do direito que possuem de se expressar, uma vez que têm muito a nos dizer e a colaborar a respeito de questões que lhes afetam cotidianamente (Rodrigues; Borges; Silva, 2014, p. 279).

Retomando a vivência do brincar entre todos, crianças e adultos, as brincadeiras foram futsal, aparadinha, passa anel, morto-vivo, boca de forno e estátua. Todas essas brincadeiras foram sugeridas pelas próprias crianças. Essas que constantemente mostraram-se disponíveis para estabelecer os comandos nas brincadeiras. Quando era boca de forno, sempre tinham as crianças que queriam ditar. Na brincadeira passa o anel, as crianças que desejavam esconder o objeto, essa postura das crianças mostrou o quanto ativas e produtoras culturais essas são, cheias de energia e interesse em liderar. Para seguir a linha democrática do trabalho cada criança teve sua vez de estar à frente das brincadeiras, orientando os demais sobre as regras.

Figura 11 – Crianças e o contato com a natureza



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

A energia das crianças mostrou-se inesgotável, elas corriam, pulavam, divertiam-se e pediam mais brincadeiras, mais movimentos. Esse contato da criança com a natureza renovou a ideia de infância e criança que brinca. Estavam todos, exceto os adultos, distantes de celulares, televisão e vídeo game. O que eles tinham eram os elementos naturais, e eles demonstraram gostar daqueles momentos livres e sem interferências, vivido com suas orientações e participação ativa. É isso que Tiriba (2010) discute a partir da biofilia, a ideia do amor ao que é vivo, expondo que a criança necessita da natureza, porque também são natureza. Em suas palavras complementa:

Assim, cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural de que são parte. Se o nosso compromisso é com a sua integridade e com a preservação da vida no planeta, Sol, ar puro, água, terra, barro, areia são elementos/condições que devem estar presentes no dia a dia (Tiriba, 2010, p. 7).

Esse encontro foi um encanto a nível de acolhimento e partilhas. Foi possível observar a afetuosidade e proximidade que as crianças possuem em relação à natureza, a convivência harmoniosa que possuem entre si, sujeitos de faixa-etária próxima. As crianças demonstraram grande interesse em seguir com o processo de pesquisa, participar das atividades, experimentar novos ambientes. Uma das crianças relatou inclusive que aquele momento para ela era diferente, era o contato com a natureza, porque embora resida em um povoado, quando está em sua casa fica a maior parte do tempo assistindo e jogando vídeo game.

Ainda nesse dia, a pesquisadora questionou: “- Quais suas brincadeiras preferidas ao ar livre?”

O menino A.L.(11 anos) falou: “- Eu fico mais dentro de casa, assistindo, jogando vídeo game e jogos no celular. Quase não saio”

A pesquisadora questionou: “- Por que você não brinca com as crianças que moram próximo a sua casa?”

O menino A.L. (11 anos) falou: “-Minha mãe trabalha o dia todo, eu vou pro trabalho dela e depois pra escola. Quando chego em casa não saio, fico no celular ou no vídeo game” (Registro do diário de campo)

Para essa criança o cotidiano é marcado por passar mais tempo dentro de casa, a qual remete a ideia de Louv (2016) sobre o afastamento da natureza, a qual é causada pelo excesso de tecnologias digitais e também da rotina corrida que a urbanização gerou para as famílias. As demais crianças relataram e também ficou evidente ao observar a rotina delas na comunidade, que costumam brincar frequentemente na comunidade com outras crianças. Ainda assim, demonstraram contentamento ao conhecer e vivenciar o novo espaço, algumas crianças questionaram quando poderiam retornar ao ambiente, realizar novas atividades no local. Esses aspectos evidenciam que, embora morem na mesma comunidade, as crianças compartilham experiências distintas em seu dia a dia.

Ademais, essa situação evidencia o afastamento de uma criança do contato com o mundo natural, mas que ainda assim, decidiu participar da pesquisa. Logo, é perceptível que esta pesquisa começou proporcionando diferentes atividades para as crianças, repletas de vivências significativas e contato direto com a natureza primária, longe das telas. A pesquisadora visualizou essa etapa como um avanço e uma contribuição na formação socioambiental das crianças.

Figura 12 – Crianças brincando ao ar livre



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

A figura 12 mostra as crianças em movimento. Cada ser indo na direção que deseja para alcançar algo que lhe interessa, energizados pelo sentimento de liberdade, interagindo com os seus pares. E mesmo com todo esse movimento, eles respeitaram a biodiversidade, mostrando sensibilidade com os animais, a exemplo dos saguins e gato que estavam no espaço, a atividade deles era movimentar-se pelo brincar na comunidade, sem causar degradações. Compreendendo que embora não estivesse sendo dito pelos adultos naquele momento, existem limites a serem respeitados quando se está no território de vida que também pertence a outros seres. Acerca desse modelo de atividade, Tiriba diz que:

É fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos (Tiriba, 2010, p. 7).

Esse encontro representou a essência da pesquisa. Cada momento esteve conectado aos objetivos traçados. Buscar as opiniões das crianças sobre questões que interferem em suas

vidas, a exemplo da participação na pesquisa. Possibilitar que elas se manifestem através da linguagem da infância, que é o brincar. E proporcionar o contato delas com o meio que potencializa seus conhecimentos e interações, ou seja, a natureza. Tiriba e Profice (2023) afirmam que manter as crianças em ambientes emparedados é o estímulo para manter essas crianças silenciadas. Pois as crianças precisam de liberdade para ser, para falar, para construir-se, uma vez que “A educação de pessoas criativas só se materializa em corpos que se movimentam em estado de liberdade” (Tiriba; Profice, 2023, p. 96). Ao serem questionadas sobre o que é o brincar na natureza, algumas crianças manifestaram-se:

- R. (9 anos) comentou: “- Viver momentos divertidos fora de casa.”
 - L. (11 anos) opinou: “- São momentos que a gente também aprende e descobre algumas coisas.”
 - I. (5 anos): “É quando a gente fica perto de nossos amigos”
- (Registro do diário de campo).

Cada fala dessas crianças manifesta um tipo de compreensão. O brincar enquanto momentos de lazer e distração, um processo de descobertas e aprendizagens e também como uma forma de interação entre os pares. São reflexões primordiais para a formação humana, as quais conectam o brincar ao entretenimento, a processos de aprendizagens e também conexões sociais. Tiriba (2008) argumenta que o conhecimento da criança é construído através das experiências vivenciadas, das dinâmicas que ela observa e da forma como ela interpreta cada acontecimento. Assim, estabelecer interações com a natureza é fundamental para construir o senso de também ser parte dela, bem como a responsabilidade enquanto cidadão.

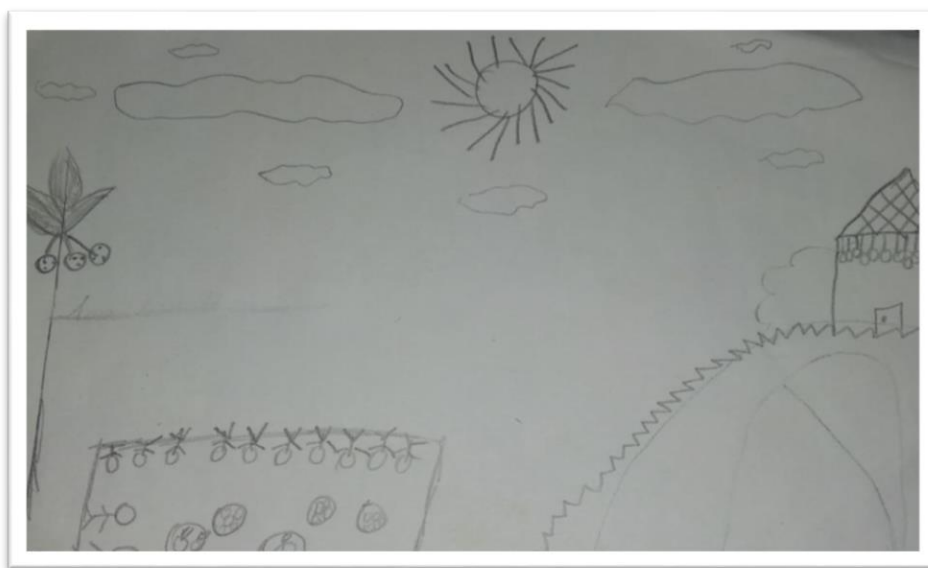
Em meio a esses momentos as crianças vão se percebendo enquanto sujeitos que atuam no ambiente e interagem com pessoas.

Ao finalizar o encontro, foi solicitado às crianças, que elaborassem uma ilustração representando o encontro e momentos que elas consideraram importantes. As crianças realizaram desenhos, os quais representaram paisagens expondo a grama, o céu, a referência das grutas. Uma criança colocou um detalhe diferente na foto, pois além da paisagem também retratou as pessoas reunidas, rememorando os momentos vivenciados. Na figura 13, a criança retratou os momentos em grupo vividos no local, destacando os elementos naturais e também as pessoas reunidas. É possível observar que a criança retratou, com sensibilidade e intencionalidade, uma cena que combina elementos naturais, como árvores, flores, sol, nuvens, com a presença de pessoas reunidas em um mesmo espaço.

Essa representação revela a percepção da criança sobre o ambiente e também suas vivências afetivas no coletivo. O desenho expressa uma dimensão relacional com a natureza,

onde os seres humanos não estão separados do meio, mas sim inseridos nele de forma harmoniosa. O desenho é uma expressão singular da criança. Goldberg e Frota (2017, p. 176) afirmam que “A criança que desenha geralmente se conta no espaço do papel, narra visualmente suas vivências e experiências, dando forma e conteúdo ao seu existir no mundo.”. Esses mesmos desenhos que são menosprezados pela sociedade são constituídos de visões, falas e sentimentos que a criança possui e a riqueza de dados estão nesses aspectos.

Figura 13 – Ilustração realizada pela criança para representar o encontro



Fonte: K. (10 anos)

As experiências na comunidade Roça Nova foram significativas para as crianças. Elas mencionaram o quanto gostaram de estar naquele local, vivenciando a natureza e o brincar de forma livre, e conhecendo um espaço com uma função social diferente da comunidade onde vivem. As falas das crianças se assemelham ao expressar o quanto a vivência foi significativa e divertida. Um questionamento recorrente entre elas é: “*Quando vamos lá de novo?*” s frase que se repete com entusiasmo e expectativa. Esse desejo unânime de retorno revela não apenas a alegria do momento vivido, mas também o vínculo afetivo construído com o lugar, com o grupo e com a experiência compartilhada.

Após essas vivências, foi imprescindível organizar um momento para dar continuidade ao diálogo sobre as relações com a natureza. O objetivo era ouvir as crianças e acessar as compreensões que elas possuem acerca da natureza, além de identificar como percebem a

relação sociedade e natureza existente no local em que vivem. Esse encontro foi realizado em 21 de dezembro de 2024 e dividido em acolhimento inicial e roda de conversa.

Esse encontro foi realizado na comunidade estudada, em um cômodo, com paredes, a céu aberto, pertencente a um morador. No primeiro momento foi trabalhado com as crianças a conexão com a natureza através da percepção auditiva. Elas foram orientadas a sentarem sobre um tapete, fecharem os olhos e se conectarem com a música que estava passando referente aos sons da natureza. Durante esse momento, algumas crianças mostraram-se estar imersas na proposta, no entanto duas crianças, de 5 e 6 anos, mostraram-se mais inquietas. Essa inquietude é influenciada pela fase de desenvolvimento que esses vivenciam, pois possuem dificuldades de permanecer em atividades que exijam maior concentração. Freire (1970) destaca que as crianças possuem uma inquietude enquanto sujeitos de curiosidade e necessidade de constante movimento para estar em contato com o mundo.

Quando a música foi concluída, elas abriram os olhos e foram convidadas a falarem o que sentiram durante aquele momento de concentração.

No momento de falar as sensações, as crianças de forma enérgica mencionaram:

- *“Parecia que eu estava no paraíso”*;
- *“Senti uma paz”*;
- *“Felicidade”*;
- *“Pertinho da natureza”*;
- *“Senti o vento mais forte”*;
- *“Parecia que eu nem estava aqui, estava mais longe”* (Registro do diário de campo).

Com essas falas foi possível perceber que as crianças gostam de vivências sensoriais associadas aos elementos da natureza, a exemplo dos sons, ventos. Mesmo em silêncio, as expressões corporais e faciais revelavam tranquilidade, concentração e bem-estar. Na perspectiva de Vigotski (2009), as expressões e movimentos também constituem a comunicação infantil

Nesse sentido, aproveitou-se o diálogo para questionar o que é a natureza para cada uma delas.

E as crianças de forma imediata responderam: - “as flores, as árvores, o céu, o sol, as plantas, os animais” (Registro do diário de campo).

Em seguida, foi dialogado com as crianças que as respostas apresentadas condizem com exemplos da natureza. Mas que alguns outros aspectos também podem ser mencionados como natureza, pois em um ecossistema todos estão conectados, os animais, as vegetações e os seres

humanos. Ao dialogar sobre o significado de natureza, as crianças mencionaram diversos elementos, mas não mencionaram o ser humano enquanto parte dela.

Ficou expresso que a ideia de natureza com que as crianças estavam conectadas era associada à visão tradicional de uma natureza harmoniosa, composta por diversos elementos, exceto o ser humano. No entanto com essa atividade foi discutido que a natureza é um conjunto de interrelações, que afetam os elementos naturais e também as condições de vida dos seres vivos. Tiriba (2010) expõe a importância de a criança associar as interconexões existentes entre as vegetações, animais e seres humanos. Pois, estudar cada ente de forma isolada é recorrer ao simplismo.

As crianças logo associaram a ideia de natureza de forma mais completa. Antes da roda de conversa, associavam a natureza apenas aos elementos mais concretos, posterior a roda de conversa manifestaram através dos registros no cartaz que haviam passado pelo processo de aprofundamento do conhecimento, compreendendo que a natureza compõe todo o ecossistema. E coletivamente elaboraram um painel exemplificando com palavras uma compreensão mais profunda acerca do significado de natureza, desde a natureza primária, sem interferência humana até os elementos que foram transformados pelos seres humanos. As palavras escritas pelas crianças nesse painel foram *árvores, flores, animais, borboletas, pessoas, amor, jaca, galinha, floresta, tapete e papel*. Para as crianças esses elementos compõem a natureza.

Além da escrita, cada uma explicou o porquê da escolha daquela palavra. Uma das crianças expressou-se profundamente a respeito da natureza, mostrando sua compreensão.

A menina E. (10 anos) disse: “- Eu escrevi a palavra Tapete. Porque o tapete é natureza também. Ele é feito do algodão. O algodão é uma plantação. Então é uma natureza que foi modificada pelas pessoas. E que elas vão poder vender para ter dinheiro” (Registro do diário de campo).

O posicionamento da menina E. (10 anos) foi conciso e cheio de significados. Ela conseguiu alcançar temáticas como a extração de matérias primas, transformação da matéria em mercadorias que posteriormente serão comercializadas, resultando nas ações humanas sobre as riquezas naturais. E nesse momento é preciso estimular as crianças a compreensão de que a mesma árvore que proporciona a sombra para brincar poderá ser extraída para aquele território ser ocupado por atividades lucrativas, a exemplo do agronegócio que invade esses espaços e afeta os modos de vida.

O menino C. (6 anos) falou: “- A natureza é bem grande. Tem muita coisa. Mas ainda as pessoas conseguem destruir com o fogo, os lixos, acabando com o lugar que todos nós vivemos” (Registro do diário de campo).

A linguagem da criança está diretamente relacionada às suas percepções sobre o mundo. Em muitos momentos, essas percepções são expressas de forma mais geral, pois a criança ainda não teve acesso à complexidade das situações. No entanto, essas reflexões iniciais são valiosas, pois tendem a se aprofundar ao longo das vivências e do processo formativo que ela tiver como base. Assim, contribuem para a construção de sujeitos críticos, sensíveis e participativos. Outra fala marcante foi a explicação que a menina L. (11 anos) manifestou ao falar que o amor também é um elemento da natureza. Sua explicação foi:

L. (11anos) – “O amor também é natureza porque ele faz parte de nós seres humanos, dos animais que protegem seus filhotes, ele permite a vida continuar” (Registro do diário de campo).

Esse exemplo do amor como um elemento da natureza é diferente, mas na mesma proporção é algo intrínseco nas relações naturais porque é parte dos seres humanos, influenciando em suas relações. Então, a contribuição da menina, foi diferente, inesperada, mas composta por uma racionalidade sobre a dinâmica da vida, que ocorre entre algumas espécies através da proteção e cuidado direcionado uns aos outros, o amor enquanto um elemento de sobrevivência para algumas espécies. Pois, o amor é um sentimento genuinamente humano. Por meio dele, a criança evidencia a inserção do ser humano na natureza, revelando vínculos afetivos que aproximam os sujeitos dos elementos naturais.

De início, o intuito da acolhida foi estimular a criança a estar em contato com a natureza, de forma tranquila para ser possível compreender e em seguida manifestarem a forma em que sentiram essa natureza. Pois, para falar sobre as questões socioambientais é preciso compreender-se como participante desses processos que atingem o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. Pautas como coletividade, bem-estar, responsabilidade e cidadania precisam ser discutidas. A construção do painel foi preenchida pelas crianças durante a roda de conversa sobre o conceito de natureza. Elas registraram no material as compreensões dela através de palavras-chave, uma forma de a criança associar o conhecimento de maneira concreta através da escrita. Uma forma de avaliar qual o entendimento que as crianças passariam a ter a partir das discussões. Algumas crianças apresentaram dificuldades no momento de escrever o elemento pensado, mas tiveram o suporte da pesquisadora e demais participantes, que incentivou a escrita e soletrou a palavra.

Esses momentos, em que as crianças refletem sobre a natureza em sua realidade, propriamente sobre as questões socioambientais, contribuem para o fortalecimento dessas crianças enquanto sujeitos de direitos e cidadãos. Freire (1970) expõe a importância do sujeito participar ativamente, pois é um direito de todos, inclusive das crianças. Principalmente, porque essas crianças são parte da comunidade, logo possuem o direito de atuar sobre essas questões na comunidade, uma vez que os impactos socioambientais, também afetam o universo infantil. É preciso desconstruir essa ideia de criança incapaz e possibilitar que as crianças participem e envolvam-se nos diálogos que também interferem em suas vidas. Sobre isso, Marques e Araújo (2016, p. 10) falam que “Considerando a criança um ser construtor, ativo e participativo, seu envolvimento com questões que lhe dizem respeito em suas comunidades pode ser entendido como uma experiência de gestão social.”.

Nesse sentido, a criança deve ser incluída, ter momentos direcionados à escuta atenta de suas compreensões, os momentos de diálogos e decisões devem ser preparados para ouvir também as ideias apresentadas pelas crianças. Conforme é exposto por Marques e Araújo (2016), a participação da criança não significa que ela terá o poder de decisão, mas que essa terá o direito de participar e contribuir manifestando suas opiniões.

Figura 14 – Diálogos sobre o conceito de natureza



Fonte: Pesquisa em campo (2024)

Além da discussão sobre o conceito de natureza, também surgiram alguns comentários a respeito das ações humanas sobre o meio ambiente e as principais consequências que afetam toda biodiversidade. As crianças manifestaram suas compreensões sobre as relações sociedade e natureza que permeiam os contextos de vida.

A menina G. (11 anos) comentou: “-Eu entendo que o mundo é de todos, mas tem pessoas que se acham donas de tudo, destroem a natureza, matam os animais e todo mundo paga por isso” (Registro do diário de campo).

Essa fala evidencia a capacidade das crianças de compreenderem os impactos coletivos das ações humanas sobre o meio ambiente, demonstrando o entendimento de que as riquezas naturais não deveriam ser degradadas e o quanto algumas pessoas e instituições são mais responsáveis que outras. Sua reflexão mostra que, mesmo na infância, há um olhar sensível e crítico sobre as problemáticas socioambientais.

Nesse sentido, depois das discussões sobre o sentido de natureza para as crianças, foi proposta a escuta atenta da música ‘Xote Ecológico’, de Luiz Gonzaga, que as crianças relataram não conhecer até aquele momento. Essa música aborda a temática socioambiental, manifestando as degradações ambientais e o quanto essas são impactantes.

Foi explicado para elas que essa música chegou até a população em meados da década de 90, na qual Luiz Gonzaga já denunciava através da música a degradação ambiental que estava acontecendo. Também foi contada a história de Chico Mendes, enquanto ativista das questões ambientais. As crianças mencionaram partes da música que elas compreenderam, comparando situações poluidoras que persistem na sociedade atual.

Trabalhar a temática em diferentes formatos é um mecanismo importante para a construção do repertório socio cultural das crianças. Kramer (2002) destaca que o trabalho com diferentes materiais possibilita o aprofundamento na leitura de uma determinada temática. Ao considerar a criança como sujeito de cultura, é fundamental garantir o acesso a essa diversidade de linguagens e recursos, pois ela favorece a construção de sentidos, a memória das experiências vividas e a compreensão mais ampla dos processos pelos quais a criança passa.

A princípio porque a diversidade metodológica atrai o interesse das crianças para o processo de construção do conhecimento coletivamente, valorizando as particularidades de cada sujeito. Freire (1970) aborda a reflexão de que a construção do conhecimento é um ato político, logo é preciso utilizar atividades que provoquem o direcionamento para as ações e também reflexões. Assim, a música é utilizada enquanto um estímulo à reflexão, pois algumas crianças aprofundam seus conhecimentos de diversas formas, através da escuta de histórias,

outras por meio de recursos audiovisuais. Nesse sentido, a metodologia diversificada acolhe as diferentes necessidades do grupo e estimula a discussão coletiva, conforme aconteceu.

O menino L.R. (9 anos) falou: “-Tia, eu entendi porque ele disse que não pode respirar, é porque as pessoas tão tocando fogo nos lugares e a fumaça deixa a gente sem respirar direito, igual acontece aqui nas Correntes” (Registro do diário de campo)

O menino C. (6 anos) que estava ao lado, complementou: “-assim fica fácil entender, então também não dá pra nadar porque estão jogando lixo no rio, na praia. Igual fizeram com a pequena fonte aqui perto” (Registro do diário de campo).

Esses comentários foram acolhidos, mostrando às crianças que cada fala possui seu significado em meio a uma natureza que está sendo degradada e afetando a vida das pessoas. A criança é repleta de conhecimentos, mostrando o quanto percebe criticamente o que acontece na própria realidade e associa com outros contextos. Desse modo, na perspectiva criança e natureza, os sujeitos posicionaram-se como cidadãos que também possuem responsabilidades com o meio ambiente, pensando acerca de questões como o descarte dos resíduos, as queimadas, o desperdício de água. Logo, essas crianças se percebem enquanto sujeitos que também compõem a realidade. Reconhecendo também que alguns grupos de seres humanos estão causando degradações ambientais impactantes, as quais afetam todo ecossistema.

Cada fala carrega sentidos profundos e múltiplos, revelando como as crianças não apenas compreendem, mas também vivenciam de forma sensível os impactos da degradação ambiental em suas realidades. Ao relacionarem a queima e a poluição dos corpos d’água às dificuldades de se viver com dignidade e saúde, elas não apenas denunciam os efeitos diretos desses processos, mas também tornam visível uma experiência concreta que acontece em seus territórios. Suas vozes expressam o saber de quem habita os lugares afetados.

4.4 A criança e as questões socioambientais

No dia 11 de janeiro de 2025, foi organizada uma caminhada junto as crianças. O objetivo era visualizar a comunidade e os principais aspectos da biodiversidade existentes nela, os quais seriam apontados pelas crianças. Esse encontro foi direcionado ao eixo crianças e questões socioambientais, pois discutir sobre os problemas enfrentados no local é extremamente importante, principalmente quando a fala está conectada com a vivência da

realidade. Por esse motivo, foi proposto às crianças a realização de uma caminhada, para coletivamente analisar aspectos encontrados na comunidade.

Antes da caminhada, foi realizada uma roda de conversa com as crianças, com o objetivo de dialogar sobre a história da comunidade Correntes. Destacou-se seu caráter marcado por vínculos familiares e pela forte presença da agricultura como principal atividade econômica. Durante a conversa, foram rememorados elementos culturais significativos que fazem parte do cotidiano e da memória coletiva da comunidade, como os festejos religiosos e as receitas tradicionais, que são transmitidas entre gerações.

*A menina I. (5 anos) falou: “- Tia, já brinquei aqui.
O menino C. (6 anos) comentou: - Eu também já vim por aqui quando estava
andando com minha mãe”
A pesquisadora respondeu: “- Quando vocês passarem por aqui, uma próxima vez,
vão ter vivido essa experiência de observar com calma cada elemento que forma a
nossa comunidade e vão perceber elementos diferentes, mudanças que irão surgir”
(Registro do diário de campo)*

Esse momento inicial buscou fortalecer o sentimento de pertencimento e a valorização da identidade local por parte das crianças, preparando-as para, posteriormente, observarem com maior atenção e sensibilidade os aspectos do território durante a caminhada.

Foi uma caminhada breve, com duração de 40 minutos, que permitiu uma ampla visualização dos acontecimentos e de suas características. Durante esse caminhar todos os achados, percepções teriam que ser das crianças. A função da pesquisadora foi definida como a escuta atenta, sem interferir nos olhares infantis. Para as crianças se conectarem com a proposta, foi dito a elas, que o ambiente poderia ser imaginado como um “laboratório natural”, onde iriam identificar problemas, pensar em como esses afetam as pessoas e posteriormente seria necessário refletir sobre possíveis soluções. Antun e Baldin (2013) fazem uma reflexão importante sobre as descobertas feitas em uma atividade, como a caminhada ecológica. Eles expõem que quando os animais estão no meio ambiente deixam marcas, que refletem o tamanho, a força e os hábitos. Assim também são os seres humanos, que vivem no meio ambiente, usufruem das riquezas naturais e deixam marcas, principalmente relacionadas a da degradação ambiental.

Figura 15 – A comunidade enquanto um laboratório natural.



Fonte: Pesquisa em campo (2025)

Foi um momento significativo, as crianças observaram a biodiversidade a qual é composta por plantas, animais, pessoas e por elementos naturais distintos que compõem o ecossistema. Acerca da situação de cada local, expuseram questionamentos o perceberem que uma árvore havia sido extraída para que o lugar fosse ocupado por uma construção civil, as crianças ficaram inquietas.

Logo A. (10 anos) questionou: “- Os adultos gostam mais de fazer casa do que da natureza?”

A pesquisadora respondeu: “- É uma relação capitalista, que visa acumular dinheiro, enquanto isso destroem a natureza” (Registro diário de campo)

Esses questionamentos abordam situações ainda fragmentadas na compreensão das crianças, mas que podem ser melhor refletidas conforme o diálogo vai acontecendo. Cada criança seguiu a caminhada respeitando o roteiro que foi planejado. Uma rota em formato circular, iniciar em um local e ao concretizar o caminho chegaria ao mesmo ponto. As crianças seguiram em seu próprio ritmo e visualizando os aspectos que mais chamaram atenção de forma subjetiva. No decorrer do caminhar o menino explicou:

L.R. (9 anos) apontou: “- Olha o lugar que eu jogava bola, está com marcas de queimada. Nem mesmo o lugar em que a gente brinca escapou” (Registro do diário de campo)

Outras observações feitas foram a respeito de resíduos sólidos que estavam em locais inadequados. Esses comentários demonstram a percepção das crianças sobre ambientes que já conheciam e sofrem com problemáticas, percebendo o quão impactantes são as ações na comunidade. Tiriba (2010) expõe que as crianças precisam vivenciar a realidade de seus lugares, sendo estimuladas a perceber os movimentos e interações que acontecem em seu contexto de vida.

A menina comentou A.C. (10 anos): “- Esses lixos deixam nosso lugar feio, não deviam jogar aqui.” (Registro do diário de campo)

Outro comentário surgiu, dessa vez da menina L. (11 anos) que enxergou cacos de vidros descartados incorretamente e imediatamente comentou:

L. (11 anos) “- Lá em casa, minha mãe e eu descartamos vidros embrulhados. Cortamos uma garrafa pet, colocamos os vidros dentro, lacramos e a gente coloca uma etiqueta assim “vidro, cuidado. A gente faz isso para as pessoas não se machucarem. Mas aqui jogaram assim, de qualquer jeito” (Registro do diário de campo).

Esse comentário sobre o descarte do vidro foi uma contribuição significativa da criança, porque a principal preocupação era evitar que as pessoas se machucassem, a exemplo de catadores e funcionários responsáveis pela limpeza pública, evidenciando uma preocupação com as pessoas. Ela entendia que aqueles resíduos estavam saindo da residência, mas que teriam outros destinos, onde outras pessoas iriam manusear.

Observações como essas deixam evidente que as crianças possuem seus valores sociais que os direcionam a julgar se uma ação é correta ou não. É uma forma de trabalhar princípios coletivos, de convivência. Antun e Baldin (2013) explanam sobre as contribuições, e que dialogar sobre essas questões com as crianças e adolescentes não é função apenas da escola, é preciso incluir as comunidades para dialogar sobre as questões locais. Antun e Baldin (2013, p. 251) explicam que “Nesse sentido, contribui para a ampliação cultural em sua diversidade de manifestações tangíveis e intangíveis, como fonte primária do conhecimento e aprendizado e, essencialmente, como instrumento de motivação individual e coletiva para a praticada cidadania.”.

Essa atividade despertou nas crianças a necessidade de estarem atentas ao que acontece no ambiente em que vivem. Foi extremamente interessante quando a criança A.C., 10 anos, falou:

A.C. (10 anos) “- Precisamos fazer igual minha mãe, colocar ordem na casa, porque aqui também é nossa casa, onde a gente vive” (Registro do diário de campo).

A ideia de colocar “ordem na casa” remeteu a resolver os problemas e orientar as pessoas, principalmente os adultos. As ações dos seres humanos foram reveladas durante a caminhada e apontadas pelas crianças. Elas perceberam as queimadas, descarte incorreto dos resíduos sólidos, desmatamento. Falaram sobre essas questões de forma concreta, demonstrando entendimento. As crianças mostraram-se sensíveis e comprometidas com a causa socioambiental. O aspecto que mais as deixou aflitas foi o porquê dessas situações e como resolver. Inclusive, alguns questionamentos surgiram a partir dessa atividade.

I. (11 anos): “- Jogar lixo na rua, fazer queimadas, desmatar as arvores tudo isso é muito errado. Maltrata a natureza e pode deixar a gente doente. A gente sabe disso porque estuda, passa na tv. Mas por que os adultos também fazem isso? Os adultos precisam ser exemplo, não é?” (Registro do diário de campo).

A partir desse questionamento, foi conduzido um diálogo explicando a todas as crianças que esses acontecimentos ocorrem em todo o Brasil. E que apenas os moradores da Comunidade Correntes não conseguem resolver todos os problemas, mas que é importante cuidarmos da comunidade para sermos exemplos e contribuir com a melhoria local. Que essa também é uma contribuição que a pesquisa, sendo realizada, poderá deixar para todos, o exemplo de uma comunidade comprometida com os cuidados ao meio ambiente.

Após esses diálogos, foi realizado o retorno para o ambiente onde seria desenvolvido o material em que cada criança iria produzir um desenho representando o que identificaram através do caminhar. O desenho produzido pela criança representa a forma como esta visualiza e compreende o seu entorno, os aspectos que ela considera importante para reflexão. Na mesma proporção influencia os sujeitos a refletirem sobre a temática. Para analisar a visão dos sujeitos, foi necessário interpretar a relação da ilustração com a realidade da comunidade, o que também foi explicado pelos autores.

Prestes e Oliveira (2023, p. 103) expõem que a análise do desenho da criança “[...] consiste em encorajar crianças a desenhar de forma livre a complexidade de um ecossistema. Esse desenho deve ser baseado em experiências pessoais e observações feitas pelas próprias crianças.” Estas representam em seus desenhos as dinâmicas que elas compreendem, essa compreensão pode ser aprofundada a partir do que a criança visualiza e como interpreta os acontecimentos em seu entorno. É importante que esses sujeitos sejam estimulados a refletir sobre as discussões pertinentes à sociedade desde a infância, como uma forma de mobilizar a criança para a participação ativa na sociedade, potencializando seus saberes.

As crianças expõem suas percepções a partir da representação de aspectos como o descarte incorreto dos resíduos, as queimadas, os desmatamentos, as relações entre sociedade e

natureza a partir da visão da criança. Estas não mencionaram situações, a exemplo do agronegócio, onde há presença de monoculturas. Mas de fato, a compreensão infantil será construída de forma gradual para associar as consequências do agronegócio e da periurbanização na comunidade.

Na figura 16, abaixo, a criança C. (6 anos) produziu e justificou o desenho através das seguintes palavras:

C. (6 anos) “- *Desenhei um carro na rua, porque as pessoas se importam é em ter carro, que solta fumaça e prejudica o meio ambiente. As árvores tão lá quietinhas no lugar delas, mas as pessoas não se importam e não cuidam das árvores, cuidam mais dos carros*” (Registro do diário de campo).

Figura 16 – Ilustração da criança representando natureza e poluição do ar



Fonte: C. (6 anos)

Uma outra criança G. (11 anos) relatou: “- O desenho que fiz mostra que as pessoas querem usar a natureza. Pegar os frutos dela, descansar na comunidade porque é um lugar tranquilo. Mas por outro lado não ajudam o meio ambiente. Não enxergam que precisam melhorar as atitudes. Os bichos estão morrendo, porque o ser humano também não ajuda eles, ao invés de cuidar, estão destruindo os bichinhos, quando a natureza é mal tratada todos são afetados, principalmente quem não tem tanto dinheiro” (Registro do diário de campo)

Figura 17 – Desenho que associa a comunidade ao descanso.



Fonte: G. (11 anos)

A ideia apresentada pelas crianças sobre esses dois desenhos forma questões que mostram a relação entre a sociedade e a natureza. Em pontos de vistas subjetivos, originados a partir da leitura que as crianças realizaram da realidade, não ilustraram as queimadas nem mesmo o descarte incorreto dos resíduos. É possível afirmar que eles foram além quando apontaram a forma como a sociedade capitalista trata e usufrui da natureza primária. Essas ilustrações representam questões estruturais que compõem a sociedade contemporânea, expondo a compreensão acerca de um sistema que está interligado. Ademais, chama atenção para a necessidade de a sociedade também preocupar-se com a natureza que tanto utiliza. E um ponto crucial é quando a criança menciona que os mais prejudicados são os que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

De acordo com Preste e Oliveira (2023) os desenhos mostram como as crianças percebem a crise ambiental e representam situações que os sujeitos podem ter dificuldades para manifestar verbalmente. Então os desenhos alcançam detalhes riquíssimos do pensamento infantil. Em concordância com as autoras fica evidente que essas ideias foram compartilhadas pelas crianças através dos desenhos, alcançaram discussões importantes sobre a forma de relacionar-se com o meio.

A comunidade Correntes, que inicialmente se formou em torno da agricultura familiar, está passando por uma transformação significativa devido ao processo de urbanização. Essa mudança, no entanto, expôs uma indiferença por parte de alguns moradores em relação aos

desafios que a comunidade enfrenta. A falta de reflexão sobre práticas que poderiam melhorar o dia a dia torna o combate a esses desafios mais frágil. Logo, as crianças mostram-se uma força vital na comunidade, buscando participar e compreender os acontecimentos, para pensar em possíveis soluções.

A criança conhecer a comunidade em que vive é algo primordial. É preciso conhecer a história do local em que vive, a forma que os moradores chegaram, as atividades que geram a renda da população, os desafios enfrentados pela comunidade e conseguir refletir como esses elementos estão presentes no cotidiano da comunidade. O aprofundamento do conhecimento também possibilita um sentimento maior acerca da realidade (Tiriba, 2010). Nesse processo, a ação de conhecer diferentes realidades também contribui para que a criança possa ampliar os conhecimentos sobre novos cenários, para assim adquirir a habilidade de refletir melhor sobre o contexto da localidade em que vive e despertar sua sensibilização acerca das situações. Diante da convicção de que o aprendizado floresce ao ter contato com novos lugares e na conexão com a diversidade cultural, um enriquecedor intercâmbio cultural foi cuidadosamente organizado, conectando as crianças do povoado Correntes ao universo do povoado Cajueiro. Essa atividade representa mais do que uma simples visita, é uma troca de saberes importante no desenvolvimento das crianças, é uma relação da criança com o meio ambiente através da interação com diferentes realidades.

Figura 18 - Placa de indicação Sítio Correntes e comunidades circunvizinhas



Fonte: Pesquisa em campo (2025)

Dessa forma, para o dia 15 de março de 2025, no turno da manhã foi planejada uma visita à Comunidade Cajueiro. Esse encontro foi combinado com a líder da comunidade, que ficou muito contente em receber os moradores da comunidade Correntes, sobretudo as crianças. As comunidades ficam próximas geograficamente, mas são diferentes na maneira de desenvolver algumas práticas agrícolas e de manejo das riquezas naturais. Visando a essas diversidades, o principal intuito desse encontro foi as crianças do povoado Correntes conhecerem a história, vivências e práticas do cotidiano que caracterizam o povoado Cajueiro. Essa experiência em outra comunidade promove uma reflexão na criança para que essa possa pensar a respeito de práticas que poderiam ser trabalhadas, conforme a necessidade, na comunidade em que residem.

A comunidade Cajueiro possui uma associação com cerca de 24 anos. Essa associação é liderada por mulheres da comunidade, em sua maioria agricultoras. Assim que os visitantes da Comunidade Correntes chegaram, as boas-vindas foram expressadas através de um belo café da manhã, composto por bolos feitos pelas moradoras do Pov. Cajueiro, frutas colhidas na própria comunidade, suco, café e sanduíches naturais que foram servidos na Associação de Desenvolvimento Comunitário Nossa Senhora Aparecida (comunidade Cajueiro).

Posterior a esse momento de acolhida, a presente pesquisadora foi convidada para explanar sobre a pesquisa desenvolvida na Comunidade Correntes. Logo, foi uma fala que abordou a importância do pertencer e valorizar a comunidade, a perspectiva socioambiental que está em construção, pautada na conservação e equilíbrio socioambiental. Ademais, foi colocado em evidência o potencial que cada criança possui, enquanto sujeitos que também cuidam do local em que vivem, os quais também são agentes de transformação da realidade. Também foi expressada a importância da troca de saberes e experiências entre as comunidades, como uma forma das comunidades se fortalecerem entre si, compartilhando das conquistas que já tiveram e também das adversidades que ainda persistem em cada realidade.

Em seguida, algumas mulheres da Associação da comunidade Cajueiro relataram a história da comunidade e também a própria história de vida, enquanto mulher lavradora, explanando a força que há no interior da mulher que trabalha nas terras férteis do povoado Cajueiro. No decorrer das falas, reflexões foram feitas, a exemplo da história da Associação no Povoado Cajueiro, que teve início nos anos 2000, através de moradores que se reuniam para pautas referente à comunidade, o local de encontro era à sombra de uma mangueira. E aos poucos foram conseguindo apoio e condições para construção física do espaço.

Essas histórias também se configuram como grandes exemplos de vida, dedicação e conquistas. Ao escutá-las, as crianças começam a compreender, desde cedo, que muitas

realizações exigem esforço, perseverança e a superação de desafios. São narrativas que inspiram, fortalecem e despertam valores humanos importantes, como a coragem, a empatia e a resiliência. Durante a escuta, as crianças se mantiveram atentas e curiosas o que demonstra não apenas o interesse pelas trajetórias compartilhadas, mas também a potência do ato de narrar como instrumento de formação sensível e ética.

Figura 19 - O partilhar de saberes e vivências entre comunidades



Fonte: Pesquisa em campo (2025)

Posterior a essas reflexões e troca de vivências e aprendizados, onde as experiências em comunidade foram compartilhadas, chegou o momento dos moradores da Comunidade Correntes conhecerem a cozinha comunitária e também a horta da comunidade Cajueiro, sendo esse o momento em que as crianças demonstraram maior curiosidade e interesse, manifestaram através de movimentos, inquietação, pois queriam o mais rápido possível ir até os espaços que seriam conhecidos. Justamente, porque a construção de espaços como uma associação, cozinha comunitária e horta na comunidade ainda são sonhos não realizados na Comunidade Correntes, devido à dificuldade de conseguir recursos. Logo a realidade do Cajueiro é um modelo inspirador.

Durante a visita pelos espaços do Cajueiro, o espanto, admiração e curiosidade para aprender ficou nítida por meio das expressões manifestadas pelas crianças.

O menino W. falou: “- Nossa que legal, aqui tem uma estufa, eu só tinha visto isso na televisão” (registro do diário de campo).

A menina L. (11 anos) disse: “- Esse lugar é diferente, tem muito verde, pássaros, seria bom se lá nas Correntes ainda fosse assim” (Registro do diário de campo).

A fala da menina L. (11 anos) sobre “se ainda fosse assim” evidenciou a percepção que ela tem sobre as mudanças na paisagem e dinâmicas que a comunidade Correntes vivencia. A atenção foi dedicada a cada detalhe para aprender o que seria necessário para construir uma estufa na comunidade em que vive. Toda explicação foi realizada por um rapaz, responsável pelos cuidados necessários para o desenvolvimento adequado das hortaliças.

Figura 20 - Horta na Comunidade Cajueiro



Fonte: Pesquisa em campo (2025)

No momento de conhecer aquele território, até então desconhecido para aquelas crianças, elas vivenciaram a necessidade do ouvir para aprender e também do tocar. Algumas frutas que encontravam pelo chão foram pegas e levadas para casa (com autorização da líder da comunidade Cajueiro). Um dos momentos que as crianças também se surpreenderam foi ao perceberem sacos cheios de cascas de ovos e um rapaz da localidade explicou que todos os ovos consumidos na comunidade pelos moradores têm as cascas separadas para a produção de fertilizantes naturais. Essa prática sustentável e educativa demonstrou que alguns hábitos

podem ser transformados através do conhecimento, uma vez que na comunidade Correntes e diversos locais as cascas de ovos são descartadas como resíduos que já não servem.

A caminhada pelo cajueiro comprovou, por meio das falas, que as crianças da Comunidade Correntes possuem muitos conhecimentos acerca de práticas como descarte de resíduos, conservação de água, prevenção de queimadas e desmatamento. Pois essas crianças participaram das reflexões, expondo as expectativas para a comunidade em que vivem. No entanto, a familiaridade com práticas a exemplo da compostagem era superficial, evidenciando a necessidade de experiências práticas e aprendizado sobre o manejo de resíduos orgânicos para a produção de adubo. Isso evidenciou a importância de trabalhar a Educação Ambiental nas comunidades para o processo formativo dos cidadãos, em que poderão aprender mais sobre a gestão dos resíduos e na mesma perspectiva contribuir para produção de alimentos saudáveis.

Figura 21 - Pequeno caju nas mãos de uma criança



Fonte: Pesquisa de campo (2025)

Ao chegarem em um ambiente novo as crianças utilizam todos os seus sentidos como uma forma de descobrir o que compõe aquela realidade. Os olhos que buscam entender cada peça que compõe o cenário, as mãos que buscam tocar aquelas texturas diferentes da própria realidade, a audição atenta aos cantos de diferentes pássaros. Os desafios criados pelas próprias crianças ao desejarem derrubar os frutos daquelas frutíferas. Todos esses momentos são memórias afetivas construídas e também uma forma de se relacionar, admirar e também de estar imerso na natureza.

Em um determinado momento, as crianças perceberam que o cajueiro estava servindo de apoio ao chuchuzeiro e um maracujazeiro estava entrelaçado nos galhos do Cajueiro. Logo,

havia uma relação de apoio entre as plantações. Esse momento foi curioso até mesmo para os adultos, pois uma líder da comunidade demonstrou surpresa e comentou que não havia percebido essa situação, até ser apontada pelas crianças. Essa experiência comprova que as crianças são sujeitos curiosos, que fazem descobertas no meio natural.

Figura 22- Crianças colhendo frutos



Fonte: Pesquisa de campo (2025)

Ao percorrerem todo território, as crianças demonstraram ânsia de aprender, partilhar conhecimentos e brincar ao máximo naquele local. Assim, levar a criança para lugares diferentes também desperta o olhar pesquisador das crianças, elas comparam a realidade em que vivem e a realidade que conheceram. Em um determinado momento, o menino C. de 6 anos comentou *“tia, no pé de caju que fica perto de casa, tem mais caju do que nesse daqui.”* Uma outra criança afirmou *“aqui tem mais mata fechada do que onde moramos”* (registro do diário de campo). Assim, fica evidente que a visão que as crianças levam para a localidade que estão conhecendo é a do local em que elas vivem, percebendo cada característica, construindo suas percepções e expressando-as seja através do toque, olhar ou palavras.

À medida que os momentos iam acontecendo, explicações sobre aquela vegetação, biodiversidade, manejo com riquezas naturais, importância da água eram discutidas. As crianças manifestavam suas compreensões sobre a necessidade de cuidar da natureza, uma vez

que os seres humanos também são natureza. A líder da comunidade relatou que todos os moradores da Comunidade Cajueiro prezam pelo cuidado com o meio ambiente e sempre buscam a execução de um manuseio equilibrado da natureza, como um aspecto essencial para a qualidade de vida coletiva. As crianças interagem, manifestando corporalmente estar compreendendo as dinâmicas discutidas, também falavam sobre explicar aos pais e irmãos sobre o descarte correto dos resíduos, sobre evitar a prática de queimadas, cuidados com a água.

Esse contato reforça a necessidade de aproximar-se da natureza, respeitando-a e agindo contra a devastação natural. Assim, as crianças vão construindo e fortalecendo o pensamento crítico e realizando questionamentos sobre ações e ideais que visam a destruição ambiental. As crianças brincam no ambiente, processam as informações e formam as próprias opiniões. Essas crianças, participantes da pesquisa demonstram o respeito e o cuidado com a natureza, entendendo que devem unir-se a essa gigante e não a destruir.

Na mesma proporção a criança vai adquirindo habilidades, como tirar uma fruta, subir em árvore, conhecer nome de plantas, como elas são usadas no cotidiano. As crianças foram convidadas pela líder da comunidade a retornar futuramente a Comunidade Cajueiro para cozinhar hortaliças que possuem diferentes formas de serem preparadas na culinária, esse convite as fez muito felizes.

Figura 23 - O trilhar no território da Comunidade Cajueiro



Fonte: Pesquisa em campo (2025)

4.5 As compreensões e expectativas das crianças para comunidade

No encontro realizado em 16 de março de 2025, promoveu-se um espaço sensível de escuta e partilha, no qual as crianças foram convidadas a relembrar as experiências vivenciadas ao longo da pesquisa na Comunidade Cajueiro. Mais do que relembrar atividades, este momento teve como foco a elaboração coletiva de sentidos, possibilitando que cada criança expressasse suas compreensões a partir das três categorias que nortearam o processo investigativo: a criança e o brincar, a criança e a natureza, e a criança e as questões socioambientais.

Algumas falas expostas foram registros do diário de campo.

O menino W. (11 anos) pediu a vez e falou: “ - La no Cajueiro eles tem uma estufa, onde eles plantam, cuidam, colhem, consomem e o que sobra vendem. Seria legal se aqui nas Correntes todos se juntassem para fazer uma estufa da comunidade.”

O menino L. (8 anos) disse: “-Eu percebi que muitas comunidades tem uma quadra, eu também queria uma quadra bem arrumada aqui para a gente poder brincar.”

A menina G. (10 anos) disse: “- O que eu quero mesmo é que cada pessoa faça sua parte, cuide da comunidade, respeite os animais, respeite as plantas. E pensem que temos que cuidar do lugar que vivemos.”

A menina L. (11 anos) disse: “- Eu penso igual G., se a gente começar jogando os resíduos no lugar certo, não fazer queimadas, respeitar o espaço dos animais, economizar água já é alguma coisa.”

O menino C. (6 anos) disse: “-Eu acho que as pessoas precisam andar mais a pé pra não poluir o meio ambiente e também dá pra fazer uma horta aqui pra todos plantarem e também terem o direito de comer. Não precisar ir na rua pra comprar.”

A menina I. (5 anos) disse: “-Tia, eu queria que fizessem uma praça com parquinho aqui pra a gente brincar.”

Essas manifestações das crianças evidenciam a perspectiva de futuro que elas possuem enquanto cidadãs, pertencentes a uma comunidade, apontando ausências e situações que consideram necessárias para a localidade. É uma comunidade de potencial agrícola, com moradores que se sentem pertencentes e uma geração de crianças com potencial para contribuir com transformações positivas, pois manifestam pensamentos críticos acerca da realidade e desejo em participar constantemente. Na pesquisa as crianças demonstram algumas ações como inadequadas à comunidade, a exemplo das queimadas, descarte incorreto de resíduos, desmatamentos, descuido com animais. E evidenciam a ausência de espaços para poderem manifestar seus pensamentos e sugestões de forma ativa. Na comunidade Correntes, a prática de escuta atenta direcionada às crianças ainda é insuficiente, necessitando de ações para seu fortalecimento.

As crianças são sujeitos questionadores acerca da realidade em que vivem, logo é importante incentivar a participação desses enquanto cidadãos ativos, na qual sua participação deve ser reconhecida como importante. Possibilitar que as relações entre a sociedade e a natureza aconteçam através do cuidado, respeito e equilíbrio. Nesse sentido Leff (2009) afirma que é preciso passar por um processo de reconstrução, em suas palavras:

[...] teremos que reconstruir nossa razão e nossa sensibilidade para deixar ser ao ser, para abrir as portas a um devir, a um porvir que não seja somente a inércia dos processos desencadeados por um mundo economizado e tecnologizado. Abrir os espaços para um diálogo de seres e saberes em que nem tudo é cognoscível e pensável de antemão; aprender uma ética para que possa surgir um mundo onde convivam em harmonia a diversidade e as diferenças. Devemos aprender a dar lugar ao não-saber e à esperança, àquilo que se constrói no encontro com o outro, com o Outro, além da objetividade e dos interesses inscritos no projeto civilizatório que nos tem dado a modernidade (Leff, 2009, p. 23-24).

As crianças expressam que o brincar é a atividade que mais apreciam na comunidade, pois possibilita a interação entre pares, o desenvolvimento de habilidades e a construção de vivências significativas no ambiente em que vivem. O brincar fortalece vínculos, promove aprendizagens e alimenta o sentimento de pertencimento ao território, sendo uma prática central na infância e uma forma de expressão e inserção das crianças no contexto social e cultural (Tonucci, 2020). Assim, “o brincar é então percebido como direito de liberdade da criança, que implica a necessidade de proteção da infância para que esse direito seja preservado e para que crianças não sejam submetidas a atividades que não sejam condizentes com suas idades e com suas necessidades” (Marques, Araújo, 2016, p.8).

A atividade que mais praticam é brincar de bola, especialmente futsal e “balêo”. Além disso, as crianças também vivenciam brincadeiras tradicionais como boca de forno, estátua, amarelinha, pedra-papel-tesoura, pega-pega e esconde-esconde. O brincar é a principal forma da criança se fazer presente na comunidade. Por meio das brincadeiras, especialmente as ao ar livre, elas estabelecem vínculos, participam ativamente da vida coletiva e afirmam sua identidade no território onde vivem.

No contexto da comunidade, as crianças mencionaram o desejo de ter uma quadra esportiva, para elas seria uma outra opção de espaço do brincar, para além dos espaços que já costumam vivenciar. O ato das crianças apontarem suas expectativas e situações que consideram necessárias para a comunidade é importante, pois estão se posicionando enquanto agentes ativos no espaço em que vivem.

Além disso, as crianças gostam de estar em contato com a natureza, que desperta nelas estímulos energizantes. Não apenas apreciam esse contato, como também demonstram uma sensibilidade especial em relação ao respeito necessário pelos elementos naturais. Nas discussões, ficou evidente que as crianças compreendem que elas mesmas são parte integrante da natureza. O vínculo que as crianças estabelecem com a natureza conecta-se diretamente com suas vivências do brincar, especialmente aquelas realizadas ao ar livre no contexto da comunidade. Essa relação sensível com a natureza também potencializa a capacidade de observação e análise das problemáticas socioambientais presentes em seu território, revelando uma sensibilidade ecológica enquanto sujeitos ativos da comunidade.

As crianças demonstraram reconhecer diversas questões ambientais que afetam a comunidade de Correntes, como as queimadas, o descarte inadequado de resíduos sólidos e o desmatamento contínuo. Tais problemáticas são observadas e identificadas por elas a partir de suas experiências cotidianas na comunidade. No que se refere a processos mais complexos, como a periurbanização e a expansão do agronegócio sobre o território da comunidade, as crianças revelam um conhecimento ainda fragmentado, em fase de construção. Diante dessas situações de impactos socioambientais, torna-se evidente a importância de processos formativos que favoreçam a escuta, a reflexão crítica e o fortalecimento de práticas que visem o cuidado ambiental desde a infância.

Ao observar a realidade da comunidade, inicialmente se pensou em um processo voltado ao aprofundamento do conhecimento das crianças sobre o território. No entanto, essas crianças evidenciaram uma postura ativa ao observarem e identificarem com atenção as situações que marcam o cotidiano local. Com participação ativa e um olhar crítico, as crianças colaboraram significativamente na construção do conhecimento acerca da própria realidade, contribuindo com percepções sobre as relações existentes na comunidade. Expondo que, embora seja evidente um modo de vida conectado com a natureza, ainda há algumas práticas que precisam ser aprimoradas para garantir uma convivência mais harmônica e sustentável com o meio ambiente, especialmente no que diz respeito ao descarte de resíduos e ao uso das riquezas naturais, as quais não devem ser degradadas.

A figura 24, localizada abaixo, foi registrada na finalização do encontro com as crianças na comunidade.

Duas crianças perceberam que o pequeno pé de feijão estava desenterrado. E elas falaram “- tiraram o pé de feijão do habitat natural dele, vamos colocar de volta para ele conseguir crescer” (Registro do diário de campo).

Naquele momento, o chão estava preenchido por destroços e pedras, então as crianças limparam um pedaço para conseguirem fixar o pé de feijão. Elas alcançaram o objetivo de colocá-lo na terra. Essa percepção e ação partiu das próprias crianças, demonstrando preocupação e empatia com a natureza e as respectivas necessidades. Esse desenlace do encontro foi primoroso, por comprovar a essência daquelas crianças, que poderiam apenas ignorar o pé de feijão ali no território, mas elas decidiram que poderiam fazer algo a mais. Analisar a situação e traçar uma solução.

Figura nº 24 – Crianças e o pé de feijão



Fonte: Pesquisa em campo

Nessa perspectiva, todas as atividades foram realizadas com atenção aos olhares, vozes e ideias infantis. Devido a centralidade das crianças nessa pesquisa científica, cada etapa foi planejada cuidadosamente e com muita atenção, desde o ambiente em que aconteceria até a atividade de encerramento. As ações foram pensadas não apenas para alcance dos objetivos científicos, mas também como espaços de acolhimento e troca de saberes. Encontros pautados no respeito e valorização dos territórios de vida. Todas as práticas intencionaram evidenciar a participação das crianças e seus saberes a respeito das questões socioambientais na comunidade. É importante ressaltar, que esse estudo não visa ensinar as crianças, mas sim ouvi-las e comunicar as ideias manifestadas por elas.

As visões das crianças são apresentadas e por conseguinte são realizadas reflexões para melhor compreender o significado de suas expressões no campo das Ciências Ambientais e consequentemente estimular o processo educativo a partir da Educação Ambiental. A Política Nacional da Educação Ambiental, na lei nº 9.795/1999, afirma a necessidade de trabalhar a Educação Ambiental, em caráter formal e não-formal (Brasil, 1999). No entanto, mensurar a efetivação dessas práticas é uma tarefa complexa, principalmente na perspectiva não-formal.

É preciso incentivar as atividades direcionadas a reflexão da realidade socioambiental. Desse modo, a pesquisa em campo foi realizada a partir do princípio da educação emancipatória, com foco na escuta atenta, com o objetivo de refletir sobre os contextos socioambientais. Identificando as problemáticas, propondo discussões contextualizadas, para a construção do pensamento crítico. Logo, para a construção do conhecimento junto as crianças, é imprescindível utilizar ferramentas que alcancem o universo infantil.

De acordo com Araújo, Anjos e Cordeiro (2023) as atividades educativas e de pesquisa que colocam as crianças na função de receptoras passivas são insuficientes. Pois a essência da pesquisa com as crianças é a construção de espaços em que esses sujeitos possam participar ativamente, demonstrando suas contribuições para a sociedade. Para isso, é imprescindível compreender que as crianças são capazes de aprender, mas também colaboram culturalmente enquanto sujeitos ativos em suas relações diárias. Nas palavras dos autores é dito que:

Nesse sentido, o professor ou pesquisador pode revelar os modos de atuação da criança no mundo em situações em que, ao mesmo tempo que se apropria da cultura historicamente elaborada, também produz uma cultura infantil. Essa cultura infantil pode se expressar de diferentes maneiras, a saber: gestos, brincadeiras, brincadeiras de papéis sociais ou faz-de-conta, jogos protagonizados e movimentos (Araújo; Anjos; Cordeiro, 2003, p. 21).

Dessa maneira, essa investigação visou alcançar as compreensões das crianças através de suas diversas formas de se expressarem. Deixando evidente que as crianças compreendem o que acontece em seu entorno, as relações socioambientais na comunidade manifestam-se de diversas formas, através do brincar, da interação dos sujeitos com o meio, das práticas desenvolvidas na terra. É preciso sensibilidade para compreender além do que está sendo dito verbalmente. De acordo com Leite e Piorski “Nesse sentido, o ponto crucial a ser zelado é o direito das crianças de serem consideradas nos processos que lhes são afins, sendo honradas em sua condição peculiar de desenvolvimento e em suas linguagens, características e formas de ver, sentir e agir no mundo” (2020, p. 37).

Vivenciar um processo de pesquisa com as crianças é permitir-se visualizar cada acontecimento com os olhos da descoberta, da curiosidade e do questionamento constante. Cada detalhe observado ganha novos significados quando mediado pela sensibilidade infantil. A criança não parte do vazio, ela é constituída por saberes significativos, construídos em suas vivências, relações e experiências com o ambiente. Reconhecer esses saberes é fundamental para valorizar a criança como sujeito ativo do conhecimento, capaz de investigar, propor soluções, expressar ideias e contribuir com a transformação do seu contexto de vida. Iniciar um processo como esse representa o plantar de uma semente. Essa semente deve continuar sendo cuidada com atenção, recebendo estímulos adequados e nutrida por vivências significativas, pois ela tem potencial para florescer e gerar frutos transformadores.

No desenvolvimento da pesquisa, o brincar foi utilizado em diferentes momentos, visto que é uma atividade lúdica a qual possibilita que as crianças manifestem suas compreensões e formas de se relacionar com seu contexto de vida. As crianças participam através do brincar, logo os adultos precisam compreender a necessidade da garantia na prática, respeitando as subjetividades e reconhecendo as potencialidades da criança (Marques; Araújo, 2016). Através do brincar as crianças, de menor idade, manifestam seus pensamentos a respeito das temáticas abordadas, evidenciando que não há neutralidade no fazer da criança. A criança brinca e comunica a racionalidade dos seus pensamentos e sentimentos, é através das vivências do brincar que essas ideias vão sendo constituídas e a criança consegue manifesta-las. Foi com o intuito de angariar novas compreensões, a partir da perspectiva infantil, que os encontros foram planejados, conforme é sintetizado no quadro 3, abaixo:

Quadro 3 -Quadro de atividades realizadas com as crianças

Categoria de análise	Atividades	Local
Criança e o brincar	Observação participante Roda de Conversas Momentos do brincar livre	Comunidade Correntes Comunidade Roça Nova (espaço de reserva)

Criança e a natureza	Observação Participante Roda de Conversa Caminhada ecológica Elaboração de desenhos Diálogos abertos	Comunidade Correntes
Criança e questões socioambientais	Observação participante Roda de Conversa Diálogos abertos	Comunidade Correntes

Fonte: Autora (2025)

A realização de cada encontro foi além da coleta de dados, inspirando a elaboração de diversos materiais que expressam as visões, vozes e vivências das crianças. As mesmas crianças que registraram fotografias, produziram desenhos, painel, poesias, compartilharam mensagens valiosas sobre a relação com a natureza. A construção dessas peças representa a participação das crianças em uma realidade pertencentes a elas, atribuindo-lhes a autoridade de manifestar-se sobre o contexto em que estão inseridas. Essa variedade de produções resultou no produto técnico. De acordo com a CAPES (Brasil, 2019) o produto técnico é um objeto concreto, resultante do processo de investigação, que deverá estar alinhado ao projeto e à linha de pesquisa. Esse produto deverá ser uma ferramenta a ser utilizada em diferentes contextos, principalmente por conter um aprofundamento do conhecimento a que se refere a pesquisa.

Sendo assim, o produto técnico correspondente a esta pesquisa é um guia de oficinas pedagógicas, composto pelas expressões autênticas e significativas das crianças com o objetivo de inspirar novas atividades que reconheçam a importância da participação infantil na manifestação sobre as questões socioambientais dos contextos que estão inseridas. Essa ferramenta apresenta uma perspectiva sensível e respeitosa de interação na natureza e, na mesma intensidade, fortalece o direito de participação e pertencimento das crianças envolvidas em sua criação.

CAPÍTULO 5 – GUIA DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire)

Esta seção é dedicada à apresentação de um guia de oficinas pedagógicas, fruto das experiências construídas coletivamente com as crianças ao longo do processo investigativo. O guia se configura como um instrumento potente de apoio à prática formativa na perspectiva socioambiental, especialmente em contextos de comunidade. Nele, são compartilhadas propostas que valorizam o protagonismo infantil, o vínculo com a natureza e a educação ambiental crítica, respeitando os saberes locais e as vivências das infâncias. Destinado a educadores, lideranças comunitárias e familiares, este material busca inspirar práticas significativas que promovam o engajamento das crianças na participação das realidades em que vivem.

5.1 O guia de oficinas pedagógicas como material de apoio e expressão do protagonismo infantil

O processo investigativo teve como objetivo compreender as percepções das crianças sobre as relações socioambientais em seu território. Essas visões, que alcançadas ao longo das atividades de campo, foram fundamentais para a construção deste produto: um guia de oficinas pedagógicas. Idealizado como instrumento de escuta e valorização das vozes infantis, o guia reúne os saberes e vivências das crianças sobre a comunidade em que vivem e sua relação com a natureza. Além disso, configura-se como um material de apoio para educadores, lideranças comunitárias e demais interessados que desejam promover práticas formativas orientadas por uma perspectiva socioambiental crítica e participativa em comunidades.

As oficinas exemplificadas no guia assumem um papel central na construção de processos formativos integrados à realidade das crianças e suas comunidades. Toda a pesquisa, assim como as oficinas de extensão, foi organizada a partir de três categorias fundamentais: a criança e o brincar, a criança e a natureza, e a criança e as questões socioambientais. Essas categorias orientaram todo o processo investigativo, o planejamento das oficinas e a construção do guia, garantindo que as compreensões das crianças fossem efetivamente captadas e que o processo científico alcançasse resultados positivos, contribuindo de forma significativa para o alcance das relações socioambientais na comunidade e fortalecendo os valores pautados no cuidado socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa percorreu um caminho para compreender as visões das crianças sobre as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes. As crianças são reconhecidas enquanto sujeitos de direito e consequentemente cidadãos que compreendem as dinâmicas que permeiam a comunidade em que vivem. Ademais, elas participaram de todo o processo enquanto sujeitos ativos, esquivando-se da ideia de objeto. Cada encontro realizado junto às crianças significou o fortalecimento desses sujeitos que se disponibilizaram para participar ativamente de um processo que teve como centro de discussão o local de suas vivências.

Os resultados alcançados manifestaram os entendimentos das crianças, enquanto sujeitos que conhecem a realidade em que vivem e também desejam contribuir para melhorias na comunidade. Além disso, são crianças que demonstraram o sentimento de harmonia em relação à natureza, satisfeitas ao brincar nos espaços naturais com comportamentos pautados no respeito biodiversidade, bem como mostraram-se cidadãos com olhares críticos e responsáveis.

Ao decorrer da investigação foi possível aprofundar os conhecimentos acerca da realidade das crianças. Ao observar as crianças se relacionando com o meio em que vivem e com seus pares ficou evidente que essas desfrutam de forma significativa dos momentos do brincar. Esse brincar que acontece em contato com o espaço natural, em que crianças moradoras da comunidade se reúnem e a partir disso vivenciam diversas brincadeiras, a exemplo de pega-pega, esconde-esconde, futsal, balêo. Esses momentos representam o principal contato das crianças com a natureza e principalmente com a comunidade onde vivem, onde as experiências são construídas e com base nessas as crianças constituem suas percepções e manifestações.

Ademais, o brincar firma-se como uma ferramenta pedagógica que provoca a criança, gerando estímulos durante toda a fase, em aspectos físicos, emocionais, cognitivos e reflexivos. Assim, os encontros realizados demonstram que as crianças ao vivenciarem a realidade investigada construíram percepções, questionamentos e opiniões, principalmente na perspectiva da relação com a natureza. As crianças compreendem que algumas formas de manusear os elementos naturais geram prejuízos e deixam transparecer que discordam com tais ações.

Nesse contexto, as crianças foram convidadas a participar do processo da pesquisa, com o intuito de manifestarem suas ideias, opiniões, expectativas relacionadas as questões socioambientais na comunidade em que vivem. E por meio das ferramentas como desenhos, textos, falas consolidaram suas críticas para as ações que degradam o meio ambiente,

manifestando a forma como visualizam a realidade em que vivem, destacando momentos vivenciados por elas, bem como expuseram as expectativas que possuem para dias futuros.

Ao produzirem manifestações, apontaram de forma crítica as queimadas, o descarte incorreto dos resíduos, o uso exacerbado de água, poluição do ar e mencionaram a agressão voltada para os animais. As crianças visualizam os danos ao meio ambiente como algo causado pelo ser humano, logo, em seu cotidiano, ao perceberem uma ação que consideram incorreta, as crianças sinalizam mencionando a forma correta de fazer. Esse aspecto comprova o perfil participativo e preocupado com o meio ambiente e também com o bem-estar coletivo.

Nesse contexto, ao buscar compreender as relações na comunidade Correntes, foi possível chegar à conclusão de que as relações dos moradores com o meio ambiente acontecem de forma significativa e marcam a identidade dos moradores, enquanto agricultores. As práticas, a exemplo das queimadas, descarte dos resíduos, uso irracional da água são decorrentes de costumes, a exemplo de queimar com o intuito de limpar o terreno, descartar sementes e cascas para adubar a terra. Essas práticas não são com a mentalidade predatória, mas sim condutas que a comunidade aprendeu tempos atrás como forma de manejar a terra. Contudo, é importante considerar que essas práticas podem passar por transformações, a partir de formações democráticas e coletivas direcionadas à comunidade, uma vez que é um novo contexto histórico.

Ao investigar os ambientes que incentivam as crianças a pensarem sobre a relação com a natureza, fica evidente que a comunidade é um espaço importante para estimular a discussão sobre a importância do cuidado com a natureza e a atuação de cada ser humano nessa. Além disso, as crianças reconhecem a natureza como aspecto vital por abarcar toda biodiversidade e permitir a manutenção de vida. Por serem crianças, moradoras do campo, possuem uma relação profunda com os aspectos naturais, reconhecendo a importância dela para o funcionamento sistêmico e atuando para conservação de toda biodiversidade.

Ademais, ao dialogar sobre a realidade da comunidade e também ao conhecer a realidade de outras comunidades, com perfil agrícola, as crianças manifestaram expectativas em relação ao futuro. Estruturas que elas gostariam que fossem construídas na comunidade, a exemplo de uma quadra esportiva, horta coletiva na comunidade e um espaço destinado a uma associação dos moradores. No entanto, ficou evidente a existência de uma lacuna sobre a compreensão por parte das crianças sobre as dinâmicas do agronegócio e processo de periurbanização, os quais provocam mudanças no modo de vida da comunidade. Assim, é compreensível que a percepção dessas nuances do agronegócio e da periurbanização sejam assimiladas para as crianças conforme o conhecimento vai sendo aprofundado.

As manifestações dessas crianças evidenciam o protagonismo e olhar crítico acerca da própria realidade. Ademais, são crianças que observam as ações dos moradores com a natureza. Consequentemente, é explícita a sensibilidade ambiental das crianças e o quanto as práticas inspiradas na educação ambiental crítica são instrumentos que fortalecem a atuação delas em suas realidades. Pois cada oficina foi vivenciada através das discussões coletivas, problematizações e sugestões de possíveis ações que pudessem contribuir com melhorias na comunidade. Consequentemente, as crianças posicionam-se com mais firmeza e maior participação na comunidade. A partir dessas crianças e das suas contribuições será possível alcançar transformações nas compreensões e práticas dos moradores da comunidade Correntes.

Construir uma pesquisa com as crianças é um espaço de privilégio e de aprendizagens constantes. Nesse processo as crianças mostraram que possuem muito a contribuir na sociedade, a infância no campo, a valorização do contexto de vida, o cuidado que dedicam ao que consideram importante. As crianças representam uma nova geração, com ações diferentes das que vivenciaram, elas encerram ciclos para iniciar novos. Embora existam dificuldades em suas realidades essas crianças, posicionam-se enquanto sujeitos resistentes.

Desse modo, o contato com as crianças e a necessidade de compreender as visões que essas possuem possibilitou o processo de realização de oficinas pedagógicas para aprofundar o processo formativo em torno das relações socioambientais. Essas oficinas pedagógicas inspiraram a elaboração de um guia de oficinas pedagógicas, o qual representa um material de apoio para todos os sujeitos que possuem interesse em desenvolver ações e práticas focadas nas questões socioambientais, desde uma ação reflexiva até uma atividade que estimule as crianças a estarem em movimento nos ambientes.

Esta pesquisa firmou-se enquanto um compromisso de promover as crianças um espaço em que elas tivessem suas percepções valorizadas, suas falas ouvidas e condições para atuação de forma ativa na realidade em que vivem. É imprescindível compreender que esta pesquisa também representa um convite para que esse movimento continue. Que as comunidades sejam palcos para discussões socioambientais e que os moradores, entre eles as crianças sejam os principais protagonistas a comunicarem o que visualizam como necessário para o bem coletivo. Para a sociedade fica a necessidade de aprofundar-se nessas discussões, para apoiar, construir condições para que mais pesquisas, processos formativos aconteçam e estejam fortalecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Núbia Régia de; CARMO, Andréia Nascimento. A construção social da infância a partir da idade média e sua representação na literatura. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará**. Belém, n.9. 2017.
- ALMEIDA, Josiane Costa *et al.* Princípios básicos da agroecologia e sua relação com a educação do campo. **Revista Contribuciones a las ciencias Sociales**. v. 18, n., p. 01-22, 2025.
- ALMEIDA, Rodrigo de Souza; ALMEIDA JÚNIOR, Márcio Antônio Bezerra. **Impactos ambientais adversos decorrentes da destinação final de resíduos sólidos na comunidade rural de trincheiras em pombal – PB**. Anais. VII Semana de Geografia, 2017.
- ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER, Aline. O brincar: linguagem da infância, língua do infantil. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.12 n.2 p.125-132, mai./ago. 2006.
- ANTUN, Alex Elias; BALDIN, Nelma. Pegada Ecológica: percepção de crianças em caminhadas na natureza. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, v. 34, n. 124, p. 245-265, jan./jun. 2013.
- ARAÚJO, Letície de Carvalho; ESCÓRCIO, Edileide Feitosa; SOUZA, Lucrécia Gomes. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: jogos e brincadeiras. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 8., 2021, Campina Grande. **Anais [do] Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize, 2021.
- ARAÚJO, Luciana Aparecida de; ANJOS, Cleriston Izidro dos; CORDEIRO, Ana Paula. Pesquisas com Crianças: notas sobre questões teóricas e metodológicas. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; ARAUJO, Luciana Aparecida de; PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Pesquisas com, sobre e para Crianças**. São Carlos: Pedro e João Editores, p. 19-38, 2023.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- ASSIS, Patrícia Angela Grisa de; MAZZARINO; Jane Márcia. A potencialidade do método vivências na natureza para a educação ambiental. **Revista brasileira de educação ambiental**. São Paulo, v.10, n.4, p. 58-78, 2015.
- BACHETI, Luciane; LOUREIRO, Armando; CRISTÓVÃO, Artur. Educação de jovens e adultos e desenvolvimento rural comunitário: um estudo em territórios quilombolas brasileiros, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2024.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças. In: KRAMER, Sônia (Org.). **Toda criança é um sujeito: crianças pequenas no Brasil contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 111–126.
- BATISTA, Rosana de Oliveira Santos. CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Uma leitura da concepção de natureza na obra “Origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens” de J. Jacques Rousseau. In: **II Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico**, Uberlândia, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENETTI, Idonézia Collodel et al. Psicomotricidade e desenvolvimento: concepções e vivências de professores da educação infantil na Amazônia setentrional. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 588-607, 2018.

BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. In: **Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, 9., 26 a 29 out. 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2009.

BERLEZE, Daniele Jacobi. **O brincar e se movimentar: a linguagem da criança**. 2016. 95 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A comunidade tradicional**. In: UDRY, Consolacion; EIDT, Jane Simoni. **Conhecimento Tradicional: Conceitos e Marco Legal**. Brasília, Embrapa, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. **Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras**. p .347-361, 2014.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório Final do Grupo de Trabalho de Avaliação da Pós-Graduação**. Brasília: CAPES, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ¹ Seção 1, p. 20782-20785, 16 out. 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988> .

BRASIL. [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990]. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1, p. 1.

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**, 2004.

CANANI, Aline Sapiezinskas Krás Borges. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 163-175, jan/jun 2005.

CARVALHO, Levindo Diniz. Infância, brincadeira e cultura. **Revista Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 37-46, jul./dez. 2009.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**: Novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar enfermagem**. v. 13. n.2. p.30-35, 2009.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Fala menino! Uma experiência de pesquisa sobre o cotidiano da creche comunitária na perspectiva da criança. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 24, v. 2, n. 44, 2002.

CUNHA, António Camilo. GONÇALVES, Sara Tiago. **A criança e o brincar como obra de arte**: analogias e sentidos. Whitibook, Santo Tirso, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

DIEGUES, Antonio Carlos et al. (org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

FAERMAM, Lindamar Alves. A pesquisa participante: Suas contribuições no âmbito das Ciências Sociais. **Revista Ciências Humanas** – Universidade de Taubaté (UNITAU). São Paulo. v. 7. n.1. p.14-56, jan./jun.2014.

FERNANDES, Themis Gomes; ARAUJO, Maria Kéllia de; SILVA, Heloíza Aline Pereira da. A educação no campo: as práticas das queimadas para a limpeza do solo e a conscientização ambiental na cidade de serra do mel-RN. **Revista Includere**. v. 3, n.1, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez Editora. 1989.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**. v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago, 2011.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: ARTMED Editora S.A., 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUCZAK, Daiane. MARCHI, Rita de Cássia. Pesquisa com crianças pequenas: questões éticas, primeiras observações e sinais de assentimento. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 59, n.62. p. 1-20, out./dez. 2021.

GOLDBERG, Luciane. FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Revista de Humanidades**. Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 172-179, jul./dez. 2017.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo; CALDART, Roseli Salete (org.). **Por uma educação do campo:** identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2002.

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização:** questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa. n. 116, p. 41-59, julho/ 2002.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capitalismo e cultura: perspectivas da crise ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2000.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, set./dez. 2009.

LIMA, George Almeida. SILVA, Maria Luciléia Gonçalves da. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar. **Revista Interfaces**. v. 9 n. 1. p. 969 – 974, 2020.

LIRA, Anna Julia Silva de; BARROS, Amailson Sandro de; GANAN, Nauali Spanhol; VENTURA, Bruna Fruet; PEREIRA, Isabel Gaião. Brincar e viver em comunidade: crianças Warao. In: **SEMINÁRIO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (SEMIEDU)**, 2024, Cuiabá. Anais [...]. Cuiabá: UFMT, 2024.

LOPO, Diana Vital; GARCIA, Edelir Salomão. Processos Formativos em Agroecologia e Educação Não Formal: Uma interação possível? **Cadernos de Agroecologia**. v.13, n.2, dez.2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Educação ambiental crítica e movimento de justiça ambiental:** perspectivas de aliança contra hegemônica na construção de uma alternativa societária. In: MACHADO, Carlos R.S.; SANTOS, Caio Floriano dos (orgs.) et al. Conflitos Ambientais e Urbanos: debates, lutas e desafios. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 2012.

MADEIRA, Rosa. A participação das crianças na esfera pública: a desigualdade social como desafio. In: SILVA, Lígia Mychelle de Melo; BORGES, Lula (Org.). **Anais do III Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire**. v. 1, n. 2. p. 61-74. Natal, 2015.

MARCHI, Julia de.; PINHEIRO, Daniel Moraes.; PAGANI, Camila. O papel das associações comunitárias na promoção da confiança do cidadão em instituições públicas. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 13, n.3, 2021.

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias.** In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARIOTTI, H. Diálogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência. Thot, n 76, p.6-22. 2001.

MARQUES, Maria Claudia da Silva; ARAUJO, Wânia Maria de. “Participação de Crianças na Gestão Social de Espaços Públicos: um desafio para a cidadania”. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**. julio-septiembre, 2016.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17. n. 3, p. 621-626, 2012.

MINEIRO, Márcia; D’ÁVILA, Cristina. Ludicidade: compreensões conceituais de pós-graduandos em educação. **Revista Educação e Pesquisa**., São Paulo, v. 45, 2019.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder**: a conformação da pedagogia moderna. 1993. 223 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

NASCIMENTO, Claudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-18, jan./jun. 2008.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 1996.

NEVES, Elen Mara da Silva; FRANCO, Zilda Gláucia Elias. A criança e a infância do Campo: as culturas infantis no contexto campesino. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar**. Amazonas, v. 8, n. 1, p. 34-51, jan./jun. 2024.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. **Revista Estudos Avançados**. v.29, n. 83, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança: Resolução 1386 (XIV) da Assembleia Geral**. Nova Iorque, 20 nov. 1959.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Nova Iorque: ONU, 1989.

PEREIRA, Meira Chaves. Cultura, infância, criança e cultura infantil: alguns conceitos. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 15, n. 1, p. 38-49, maio, 2013.

PEREIRA, Bárbara Elisa, DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**. n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010.

PEREIRA, D. C.; SILVA, D. de S. A importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 21, n. 1, p. 111-130, jan./jun. 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos; LOPES, Dilmar Luiz. Pesquisa participante e educação popular: a importância de Carlos Rodrigues Brandão em nossa vida. **Revista Relicário**, Uberlândia, v. 11, n. 21, jan./jun. 2024.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação Ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Revista Saúde e Sociedade**. v.7, n.2, p. 19-31, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139–152, dez. 2009.

PHILIPPI JR. et al. Desenvolvimento sustentável, interdisciplinaridade e Ciências Ambientais. **Revista Brasileira de Pós Graduação**. Brasília, v. 10, n. 21, p. 509-533, out. 2013.

PIORSKI, Gandhi. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. Peirópolis, 2016.

PIORSKI, Gandhi; LEITE, Ana Cláudia de Arruda. **Por um Método de Escuta Sensível das Crianças: Sumário Executivo da Pesquisa de Escuta das Crianças (2018-2020)**. São Paulo: Instituto Alana, Fundação Bernard van Leer, 2020.

POTTMEIER, Sandra et al. Reflexões acerca da história da criança: da antiguidade à modernidade. **Revista Querubim**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 40, v. 5, p. 103, fev. 2020.

PRADO, Rosangela Lisboa. Reflexões sobre práticas educativas inovadoras. **Revista Educação Continuada**. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 136-142, out. 2023.

PRESTES, Zoia. A brincadeira de faz de conta e a infância. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 7, n.2, 2016.

PRESTES, Dirce Coronado; OLIVEIRA, Rejane Barbosa de. Desenhos infantis como ferramenta de análise da percepção sobre o meio ambiente. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 40, n. 1, p. 96-119, jan./abr. 2023.

PROFICE, Christiana Cabicieri; SANTOS, Gabriel Henrique Moreira dos. De grumetes a kunumys - estilos de infâncias brasileiras. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 307-325, set./dez. 2017.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, v.16, n. 34, 169-179, 2006.

ROCHA, Nádia Araújo. CONTENTE, Ariadne da Costa Peres. Os saberes da tradição da comunidade segredinho na percepção das crianças. **Nova Revista Amazônica**. v. 9, n. 1, p. 101-110, mar. 2021.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**. Fortaleza, v. 23. n. 2, p. 176 – 180, jul/dez., 2008.

RODRIGUES; BORGES; SILVA. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SÁ, Isabel dos Guimarães. As crianças e as idades da vida. In: MATTOSO, José (Dir.); MONTEIRO, Nuno Gonçalo (Coord.). **História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p. 72-95.

SANCHEZ, Celso; PELACANI, Bárbara; ACCIOLY, Inny. Educação Ambiental: Insurgências, re-existências e esperanças. **Ensino, Saúde e Ambiente**. Jun., 2020.

SANTANA, José Valdir Jesus de; OLIVEIRA, Camila Silva de. Modos indígenas de produção e transmissão de conhecimento: reflexões introdutórias a partir do povo indígena Kiriri/BA. **APRENDER – Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, n. 21, p. 122-140, jan./jun. 2019.

SANTANA, Josiene de Carvalho. **A relação criança e natureza na educação infantil a partir da pedagogia Waldorf: aproximações na formação inicial em pedagogia da UFS – campus Itabaiana**. 2023. 200f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SANTOS, Laurita Christina Bonfim; SOUZA, Luciana Gonçalves de; COSTA, Luana Estephany Gomes; LIMA, Mariel Wágner Holanda; LOPES, Eloísa Karine Braga. Cultura digital na Educação Infantil: Ferramentas, desafios e perspectivas para uma prática pedagógica inclusiva. **LUMEN ET VIRTUS, [S. l.]**, v. 15, n. 39, p. 2382–2407, 2024. DOI: [10.56238/levv15n39-060](https://doi.org/10.56238/levv15n39-060).

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**”, In: M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), **As Crianças: Contextos e Identidades**. (9–30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

SARRIERA, J. C., MOURA Jr., J. F., XIMENES, V. M., e RODRIGUES, A. L. Sentido de comunidade como promotor de bem-estar em crianças brasileiras. **Revista Interamericana de Psicologia**, 50(1), 12-20. 2016.

SEVERO, Marconi. O conceito de camponês no Brasil: usos e críticas. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 39 n. 1 de 2024.

SCHIRMANN, Jeisy Keli; MIRANDA, Neiva Guimarães; GOMES, Valdilea Fabricio; ZARTH, Evani Luiza Fiori. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. in: **Anais do VI Congresso de Educação Nacional**, 2019.

SILVA, Barbara Martins Corrêa da. et.al. Dificuldades encontradas no cuidado ao idoso com demência: enfrentamento baseado na pesquisa participativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, v.21.n.1.p.35-44, 2018.

SILVA, Lúgia Mychelle de Melo. In: BORGES, Lula (org.). **Revista Festim: Experiências Educacionais**. Edição especial – Anais do III Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire, v. 1, n. 2. Natal, RN: Lula Borges, 2015.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da; SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes. As crianças do campo e suas vivências: o que mostram suas brincadeiras e brinquedos. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 37, n. 103, p. 361-376, set.-dez., 2017.

SILVA, Mikael Jurandir da. Estudo de caso sobre o analfabetismo em uma comunidade do campo. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, v. 2, n. 4, nov. 2020.

SIQUEIRA, Romilson Martins. **Do silêncio ao protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e de criança**. 2011. 222f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SOUZA, Elaine Cristina Silva de Siqueira. Atividades artísticas na escola. **Revista Educação Continuada**. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 16-24, out. 2023.

SPINK, Mary Jane. MENEGON, Vera Mincoff. Oficinas como estratégias de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia e Sociedade**. v.26.n.1.p. 32-43, 2014.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. Uma prática de pesquisa participante: análise da dimensão social, política e pedagógica. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 481-497, set./dez. 2011.

STRÖHER, Carlos Eduardo; KREMER, Cássia Simone. A infância na Idade Média (séc. XIV ao XVI): discussões pertinentes. **Travessias**. Cascavel, v. 1, n. 1, 2007.

TASSINARI, Antonella. Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 141-172, jul./dez. 2015.

TEIXEIRA, Mylene Nogueira. O sertão semiárido: Uma relação de sociedade e natureza numa dinâmica de organização social do espaço. **Revista Sociedade e Estado**. v.31 n. 3 Set./Dez. 2016.

TEXEIRA, Barbara Eleonora Santos; TERRA, Ademir; HERRERA, José Antonio. As dinâmicas territoriais do capital agrícola na Amazônia e resistência campestre: os diferentes usos do território na comunidade açai em Santarém – Pará. **Geosul**, Florianópolis, v. 33, n. 69, p.165-188, dez. 2018.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, Léa. Diálogos entre a arquitetura e a pedagogia: educação e vivência do espaço. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 37-47, jun./2008.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Desemparedar infâncias: contracolônialidades para reencontrar a vida. **O Social em Questão**. nº 56. Mai./Ago.2023.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típicas ideais. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. **Práxis Educacional**. vol. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020.

VANNUCCHI, Elaine Cristina Rodrigues. Brincando também se aprende. **Revista Educação Continuada**. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 122-135, out. 2023.

VIEIRA, Marle Aparecida Fideles de Oliveira; CÔCO, Valdete. Desafios impostos ao trabalho com as crianças Sem Terrinha no contexto da Educação Infantil do Campo. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, e88346, 2024.

VIÉGAS, Aline; GUIMARÃES, Mauro. Crianças e educação ambiental na escola: associação necessária para um mundo melhor? **Revista brasileira de educação ambiental**. 2004.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. 135 p. (Ensaio Comentado).

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro**. In: PETERSEN, PAULO (org.); Agricultura familiar camponesa na construção do futuro, Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 21, p. 42-61, Out., 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE (UFS)**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA COMUNIDADE SÍTIO CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)

Pesquisador: ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81941924.3.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.092.880

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos ¿Apresentação do Projeto¿, ¿Objetivo da Pesquisa¿ e ¿Avaliação dos Riscos e Benefícios¿ foram retiradas do documento

¿Informações Básicas da Pesquisa¿ (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2348292.pdf) postado em 31/07/2024

Introdução:

O Brasil possui raízes firmes na agricultura, essas foram constituídas durante o processo de colonização, onde os portugueses perceberam a riqueza originada das atividades agrícolas a partir de ciclos como o da cana de açúcar, tabaco e café. Nessas etapas havia sempre a mão de obra que ali estava para o cultivo da terra. E em outra posição estavam os senhores que tinham como preocupação o lucro que os produtos agrícolas dariam. Com o decorrer do tempo muitas transformações aconteceram e direitos foram conquistados, mas alguns aspectos do sistema prevalecem. É possível reconhecer o perfil tradicional do agricultor, um sujeito que conhece as características da terra, possui calos nas mãos causados pelo excessivo manejo da enxada e outras ferramentas manuais, essas características marcam fortemente a identidade do Brasil agrícola. Esse agricultor familiar realiza o trabalho com cuidado e um certo apreço, ele

Endereço: Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório ¿ Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.092.880

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa inicial.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2348292.pdf	31/07/2024 17:35:33		Aceito
Outros	ImagemEDepoimento_Estefany.pdf	31/07/2024 17:34:34	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Outros	CompromissoEConfidencialidade_Estefany.pdf	31/07/2024 17:33:50	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Outros	TCUD_Estefany.pdf	31/07/2024 17:33:05	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Infraestrutura_Estefany.pdf	31/07/2024 17:32:35	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AssentimentoInfantil_Estefany.pdf	31/07/2024 17:30:06	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estefany.pdf	31/07/2024 17:29:56	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura_Estefany.pdf	31/07/2024 17:29:25	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_Estefany.pdf	31/07/2024 17:05:31	ESTEFANY GABRIELE PEREIRA DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório, Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.092.880

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 23 de Setembro de 2024

Assinado por:
ROBELIUS DE BORTOLI
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório ç Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



ANEXO - B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS
(PROFCIAMB)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Estefany Gabriele Pereira de Souza e Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar (orientadora), do projeto de pesquisa intitulado de: **O olhar das crianças sobre as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes – Paripiranga (BA)** a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. O pesquisador responsável e sua equipe comprometem-se em cumprir as Res. 466/2012 e 510/2016 CNS. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Paripiranga (BA), em ____/____/____

 Entrevistado

 Responsável Legal CPF (Caso o entrevistado seja menor – incapaz)

 Pesquisador responsável pela entrevista



ANEXO - C
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Olá, meu nome é Estefany Gabriele Pereira de Souza e estou realizando uma pesquisa intitulada: **O olhar das crianças sobre as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes – Paripiranga (BA)**. Através desse Termo quero passar algumas informações para vocês: criança e devido responsável familiar.

A criança, moradora da comunidade Sítio Correntes, possui extrema importância nas decisões a serem tomadas em prol de melhorias na comunidade. Por isso, convido-a a participar deste projeto, enquanto voluntário. Sua contribuição é muito importante, mas não deve participar contra a sua vontade.

Esta pesquisa será realizada porque é visível que a comunidade e os moradores, em especial as crianças, possuem grandes potencialidades. Ademais, é um local que está passando por situações socioambientais que devem ser visíveis aos olhos dos moradores para que possa ser possível construir um diálogo e optar por ações que melhorem o modo de vida da comunidade. Logo, uma das formas mais convidativas é trabalhar questões socioambientais através das vivências na infância, que possui como principal atividade o brincar.

Os objetivos dessa pesquisa são: como objetivo geral analisar as visões das crianças a respeito das questões socioambientais da comunidade Sítio Correntes, tendo o brincar como atividade educativa central.

E enquanto objetivos específicos:

- Discutir a importância do brincar para o desenvolvimento infantil desde uma perspectiva individual e social, e sua relação socioambiental;
- Caracterizar as atividades de brincar na natureza das crianças na comunidade;
- Vivenciar atividades do brincar com as crianças da comunidade, com foco na Educação Ambiental;
- Construir com as crianças um livro de ilustrações a partir das suas visões socioambientais

Os participantes da pesquisa são uma média de 15 crianças, previstas para ser 7 meninas e 8 meninos, com idade de 5 a 11 anos. Pois a criança do campo acompanha a rotina da vida adulta, constrói suas interpretações e opiniões. Bem como se relacionam com o meio ambiente do campo através do brincar, criando uma relação.

Antes de decidir, é importante que entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma. Caso você já esteja em tratamento e não queira participar, você não será penalizado por isso.

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



ANEXO - C
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Estefany Gabriele Pereira de Souza, nos telefones (79) 9 9802-0976, celular (75) 9 9988-3137 e e-mail estefany.historia@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe. “O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS nº 466/2012, VII. 2).

Caso você tenha dúvidas sobre a aprovação do estudo, seus direitos ou se estiver insatisfeito com este estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato– Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h.

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome jamais será divulgado) e utilizadas apenas para esta pesquisa. Somente nós, o pesquisador responsável e/ou equipe de pesquisa, teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo.

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa** elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site:

http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf

Caso você concorde e aceite participar desta pesquisa, deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, o pesquisador responsável, farei a mesma coisa, ou seja, rubricarei todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER:

✓ **DE QUE FORMA VOCÊ VAI PARTICIPAR DESTA PESQUISA:** O sujeito central dessa pesquisa é a criança, pois essa será um sujeito ativo. A princípio as crianças serão observadas em seus momentos de contato com o meio ambiente, principalmente ao brincar na comunidade. No mais, essas crianças serão convidadas a participar de oficinas semanais, previstas para acontecer aos sábados e responder uma entrevista semi-estruturada sobre a vivência no campo. Como um dos resultados dessas oficinas, será produzido um livro de ilustrações, que explane o protagonismo infantil, a educação ambiental através das crianças, bem como outras competências e habilidades que serão trabalhadas. O responsável familiar da criança será convidado a acompanhar momentos e também responder uma entrevista semiestruturada para apresentar o olhar adulto sobre as questões socioambientais da comunidade.

✓ **RISCOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** A princípio o sujeito participante pode sentir-se tímido ou inseguro para participar da pesquisa, bem como pode ser exposto ao sol, a chuva ou poeira durante a realização das oficinas. As atividades realizadas aos sábados podem gerar um cansaço nas crianças ao fim do dia, devida a interação com outras crianças e concentração em uma atividade.

✓ **BENEFÍCIOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** Os sujeitos participantes irão adquirir aprendizagens e percepções coletivas acerca do local em que vivem, bem como experiências positivas durante o

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



ANEXO - C
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

processo da pesquisa. Principalmente as crianças irão estimular autonomia, auto confiança, coletividade, protagonismo. E os adultos, enquanto responsáveis pelas crianças também irão passar pela sensibilização de situações que ocorrem na própria comunidade.

✓ **FORMA DE ACOMPANHAMENTO DO TRATAMENTO:** O presente pesquisador estará sempre junto, no processo de pesquisa, para estar ciente de todas as situações.

✓ **MÉTODOS ALTERNATIVOS DE TRATAMENTO E/OU TRATAMENTO PADRÃO:** Para amenizar as chances dos riscos acontecerem, todos os encontros serão planejado pensando no bem-estar e segurança dos sujeitos. Serão organizados em espaços seguros, com local adequado para sentir-se confortável. Em relação a sentir-se tímido nos encontros essas questões serão trabalhadas para que comecem a sentir-se a vontade, sem inseguranças.

✓ **PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE:** A participação de cada sujeito é algo confidencial, não será exposto rostos nem mesmo nomes. Para que o sujeito participante sinta-se confortável, ademais as informações serão utilizadas apenas na perspectiva científica, mantendo sempre o sigilo em relação a identificação dos participantes.

✓ **ACESSO A RESULTADOS DA PESQUISA:** Na condição de concluída, essa pesquisa será representada através de uma dissertação e também terá o produto didático. Os sujeitos da pesquisa terão acesso a esses materiais assim que estejam prontos, por meios digital ou impresso.

✓ **CUSTOS ENVOLVIDOS PELA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA:** you will not have costs to participate in this research; se você tiver gastos com exames, transporte e alimentação, inclusive de seu acompanhante (se necessário), eles serão reembolsados pelo pesquisador. A pesquisa também não envolve compensações financeiras, ou seja, você não poderá receber pagamento para participar.

✓ **DANOS E INDENIZAÇÕES:** Se lhe ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante a pesquisa, lhe será garantido o direito à assistência médica imediata, integral e gratuita, às custas do pesquisador responsável, com possibilidade de indenização caso o dano for decorrente da pesquisa (através de vias judiciais Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954).

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada.

Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ local e data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas

Página 3/ 4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



ANEXO - C
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha quando aplicável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____



Assinatura Datiloscópica (quando não alfabetizado)

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa

Termo de Assentimento

OLÁ!

Meu nome é Estefany.
Assim como você, eu também estudo. O nome do local em que estudo é Universidade Federal de Sergipe.

Com ajuda dos meus professores tive a ideia de desenvolver um projeto na comunidade Sítio Correntes. Para realizar o projeto vou precisar da participação de vocês em algumas atividades...

Então, eu venho CONVIDAR você para fazer parte desse projeto, que é uma pesquisa.

O nome da pesquisa é
**O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES
SOCIOAMBIENTAIS NA COMUNIDADE SÍTIO
CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)**

Nessa pesquisa iremos estudar sobre ser criança,
brincar e natureza.

Vou te contar mais algumas informações sobre as
atividades, para que você junto com seu
responsável possam decidir se irá participar ou
não.

Qualquer dúvida pode perguntar.
Estou aqui para responder tudo o que for
necessário.

CASO VOCÊ ACEITE PARTICIPAR, IREMOS REALIZAR ALGUMAS ATIVIDADES:

Observação

Eu, enquanto pesquisadora irei observar você e as demais crianças... Observar vocês brincando e as atividades que realizam na comunidade.

Diálogos

Também irei realizar diálogos com vocês. Para entender mais sobre como é ser criança na comunidade

Oficinas

Iremos realizar juntos oficinas do brincar socioambiental. Na qual foi pensado em atividades como uma caminhada ecológica, visita a outras comunidades agrícolas

Guia de Oficinas

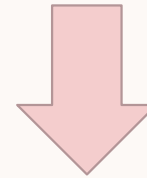
E tudo o que vivenciarmos Nas oficinas, iremos produzir desenhos, maquetes, fotografias... Esses materiais irão ser utilizados para juntos construirmos um guia de oficinas.

SOBRE A PESQUISA

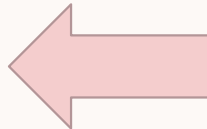
O objetivo geral da pesquisa é: analisar as visões das crianças a respeito das questões socioambientais da comunidade Sítio Correntes, tendo o brincar como atividade educativa central.



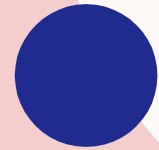
Através dessa pesquisa será possível ter uma relação mais saudável com o meio ambiente.



A pesquisa será realizada em um prazo médio de 4 meses.



As atividades serão realizadas na comunidade Correntes, se for necessário o deslocamento a outro local, será informado com antecedência.



COISAS PARA LEMBRAR

RISCOS

Pode ser que você
sinta-se tímido nos
momentos de
diálogos.
Algo natural em
ciclos de pesquisa.

PARA RESOLVER

Serão organizados
momentos
acolhedores de
reflexão e respeito a
todos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA

Adquirir
aprendizagens;
Entender mais sobre
coletividade;
Estimular autonomia e
opinião crítico-
reflexiva

É IMPORTANTE REFORÇAR

A DECISÃO DEVE SER TOMADA PELA CRIANÇA E POR SEUS RESPONSÁVEIS.

A CRIANÇA SÓ PODERÁ PARTICIPAR SE TIVER AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL FAMILIAR.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DA PESQUISA NÃO PRECISARÁ PAGAR.
TODAS AS DESPESAS SERÃO ARCADAS PELA PESQUISADORA.

E SERÁ MANTIDO SIGILO SOBRE SUA IDENTIDADE NA PESQUISA.
QUANDO O ESTUDO FOR CONCLUÍDO IREMOS PARTILHAR COM VOCÊS
OS RESULTADOS ALCANÇADOS.

CONVERSE COM SEU RESPONSÁVEL E ME DIGA:

Eu QUERO
participar

Assinatura da criança convidada

Eu NÃO quero
participar

Assinatura da criança convidada

Testemunha _____

Pesquisador(a) responsável _____



ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARIPIRANGA
Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Turismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Eu, **Mayk do Nascimento Silva, Secretário Municipal de Agricultura, Meio Ambiente e Turismo, Portaria 09/2017**, autorizo a realização do projeto intitulado **O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA COMUNIDADE SÍTIO CORRENTES – PARIPIRANGA (BA)** pela pesquisadora Estefany Gabriele Pereira de Souza, orientada pela Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar, que envolverá a realização de entrevistas e oficinas no ambiente da comunidade que será pesquisado e será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS).

Estamos ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas as crianças ou ao responsável familiar que não desejarem ou desistirem de participar do projeto.

Declaro, outrossim, na condição de representante desta Instituição, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nºs 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016 e Norma Operacional nº 001/2013, pelo CNS.

Paripiranga, 10 de julho de 2024.

MAYK DO NASCIMENTO SILVA
Secretário Municipal de Agricultura, Meio Ambiente e Turismo

Estefany Gabriele Pereira de Souza
Joelma Carvalho Vilar

GUIA DE OFICINAS PEDAGÓGICAS: O BRINCAR SOCIOAMBIENTAL



São Cristóvão (SE)
2025



GUIA DE OFICINAS PEDAGÓGICAS: O BRINCAR SOCIOAMBIENTAL

Estefany Gabriele Pereira de Souza
Joelma Carvalho Vilar

**São Cristóvão (SE)
2025**

FICHA TÉCNICA

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**Programa de Pós Graduação em Rede Nacional
Para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB)**

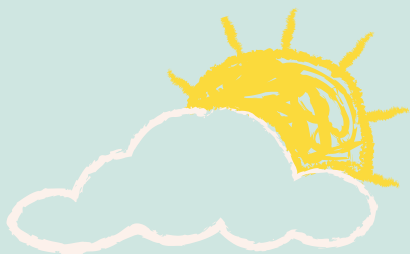
Produto Educacional: Guia de Oficinas pedagógicas

Autoria

Estefany Gabriele Pereira de Souza

Prof^a Dr^a Joelma Carvalho Vilar





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
ORIENTAÇÕES GERAIS PARA REALIZAÇÃO DE OFICINAS.....	9
OFICINA 1 – A CRIANÇA E O BRINCAR.....	10
OFICINA 2 –A CRIANÇA E A NATUREZA.....	22
OFICINA 3 – A CRIANÇA E AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46



APRESENTAÇÃO



Este guia de oficinas pedagógicas resulta de uma pesquisa de mestrado desenvolvida por Estefany Gabriele Pereira de Souza, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar. A dissertação intitulada: O olhar das crianças sobre as relações socioambientais na comunidade Sítio Correntes – Paripiranga (BA). A qual foi realizada no contexto do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A pesquisa teve como objetivo analisar as expressões das crianças sobre as questões socioambientais vivenciadas na comunidade Sítio Correntes, localizada em Paripiranga (BA).

A partir desta pesquisa, foram desenvolvidas oficinas com as crianças da comunidade, com o propósito de promover vivências contextualizadas sob a perspectiva socioambiental, favorecendo a construção de saberes significativos por meio da interação com a realidade local. Cada oficina foi organizada em torno de um eixo temático, são esses: **criança e o brincar; criança e a natureza; criança e as questões socioambientais**. Esses eixos temáticos conduzem o guia pedagógico.

Nesse sentido, este guia é apresentado como um material de apoio destinado a você (educador, familiar, liderança comunitária ou pessoa interessada nesta temática) que deseja desenvolver com crianças oficinas pedagógicas com foco em temáticas socioambientais. Dessa forma, o presente material possibilita que você visualize caminhos para planejar e desenvolver oficinas, de maneira criativa e sensível às realidades locais, contribuindo para a formação de sujeitos sensibilizados e comprometidos com o meio em que vivem.

As oficinas apresentadas nesse guia são fundamentadas em princípios pedagógicos que orientam a prática e fortalecem a construção do conhecimento coletivo.

O **diálogo** é um princípio indispensável, pois busca promover a construção do conhecimento por meio da troca de saberes, sustentada no respeito mútuo. Desse modo, o diálogo é a base da interação humana, pois possibilita a manifestação, a escuta, o reconhecimento do outro e aprendizado compartilhado. Freire (1996) afirma que a construção do conhecimento deve estar fundamentada na relação dialógica, pois é na abertura para ouvir e respeitar o outro que o sujeito se forma, constrói sua identidade e estabelece relações significativas com o mundo.

Ademais, no processo de conhecer a si mesmo e ao outro, institui-se o princípio do **conhecimento da realidade**, pois é por meio dessas relações que o sujeito se reconhece como parte do mundo e passa a compreendê-lo de forma crítica. Nesse sentido, é primordial que a prática pedagógica para construção do conhecimento aconteça a partir da realidade dos sujeitos envolvidos, para que esses se visualizem nos contextos, atribuindo significados, para atuarem ativamente. Conforme Freire (1996, p. 35) “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir.”

Por conseguinte, as oficinas realizadas também são fundamentadas no princípio da **cultura da criança**, o qual reconhece o universo cultural das crianças, valorizando seus conhecimentos prévios e reconhecendo-os como sujeitos ativos nos contextos de vida que estão inseridos. Kramer (2006) afirma que a sociedade enfrenta o desafio de incluir as crianças enquanto sujeitos culturais, sociais e históricos, as quais também são produtoras de conhecimento. Nessa perspectiva, as oficinas sugeridas são pautadas no respeito às crianças e suas manifestações culturais, valorizando suas realidades e promovendo ambientes que favorecem a expressão, a participação e o reconhecimento de suas identidades.

Desse modo, este guia de oficinas pedagógicas estabelece um diálogo efetivo entre teoria e prática, promovendo o aprofundamento dos conhecimentos de maneira significativa e contextualizada.

Para cada eixo temático, é apresentada uma oficina específica. A primeira oficina aborda *a criança e o brincar*, explorando diversos momentos de brincar livre vivenciados como uma forma essencial de interação da criança com a realidade. Sendo o brincar uma atividade essencial para a criança construir suas compreensões acerca do mundo e também para seu desenvolvimento integral.

O eixo temático *a criança e a natureza* aborda uma oficina que reflete o contato direto da criança com a natureza. Estimula a observação, o respeito e o cuidado com os seres vivos e os ecossistemas, valorizando experiências sensoriais e práticas que despertam a sensibilidade socioambiental desde a infância.

O eixo temático *a criança e as questões socioambientais* corresponde a uma oficina que estimula as crianças, enquanto sujeitos ativos e protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem, a desenvolver uma capacidade significativa para perceber e compreender as dinâmicas presentes em seu entorno social e ambiental. Nessa oficina, as crianças são incentivadas não apenas a identificar situações de desequilíbrio, degradação ou injustiça socioambiental em seu cotidiano, mas também a refletir criticamente sobre essas problemáticas.

As oficinas pedagógicas são estratégias metodológicas que possibilitam a aprendizagem de forma significativa, contextualizada, coletiva e dialógica, promovendo o desenvolvimento integral das crianças. Assim os sujeitos aprofundam seus conhecimentos de forma ativa. Freire (1970) afirma que é preciso dialogar para construir uma prática libertadora. Pois através do diálogo, ações e reflexões coletivas é possível construir o conhecimento a partir da realidade vivenciada.

Sendo assim, este guia potencializa a realização de atividades pedagógicas que visam à compreensão crítica da realidade por parte das crianças, incentivando o pensamento reflexivo, a leitura do mundo e o reconhecimento de suas próprias vivências como ponto de partida para a construção do conhecimento.

Nesse contexto, Sarmento e Pinto (1997) afirmam que as crianças são sujeitos sociais ativos, capazes de interagir com o meio e de atribuir significados às experiências que vivenciam. Reconhecê-las dessa forma implica compreender que suas ações, pensamentos e percepções não são meras reproduções do mundo adulto, mas expressões legítimas de quem também constrói e transforma a realidade social. Assim, ao estimulá-las a participar de ações pedagógicas como as oficinas, promove-se sua inserção em espaços de discussão e decisão que impactam diretamente suas vidas, valorizando suas vozes e perspectivas sobre os contextos em que estão inseridas.

Assim, quando as crianças participam ativamente da vida em sua comunidade e passam a perceber as relações sociais e ambientais que nela se estabelecem, elas constroem significados próprios e desenvolvem novas formas de pensar e agir, baseadas em suas vivências concretas. Nesse sentido, a realização de oficinas pedagógicas revela-se como uma estratégia privilegiada para favorecer esse processo, pois propicia espaços de escuta, investigação, diálogo e criação coletiva.

PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

DIÁLOGO

Construção de conhecimento por meio da troca de saberes

CONHECIMENTO DA REALIDADE

A realidade da criança é o ponto de partida

CULTURA DA CRIANÇA

É importante valorizar os aspectos do universo infantil

Orientações gerais para realização de oficinas

1º PASSO – CONHECER A REALIDADE DOS SUJEITOS

Para realizar uma oficina significativa, é essencial conhecer previamente a realidade dos sujeitos envolvidos. No caso das crianças, isso implica compreender o universo infantil, constituído por múltiplas culturas, vivências e formas de expressão. Esse olhar atento possibilita reconhecer a singularidade de cada criança, respeitar suas especificidades e propor atividades que dialoguem com suas realidades, tornando a oficina mais rica e acolhedora.

2º PASSO – PLANEJAR A OFICINA

O planejamento é uma etapa fundamental para a realização de uma oficina. Ele envolve a definição do tema, dos objetivos, das atividades propostas, dos materiais necessários, do local onde ocorrerá, bem como do dia e horário, sempre considerando a disponibilidade do grupo participante.

3º PASSO – REALIZAR A OFICINA

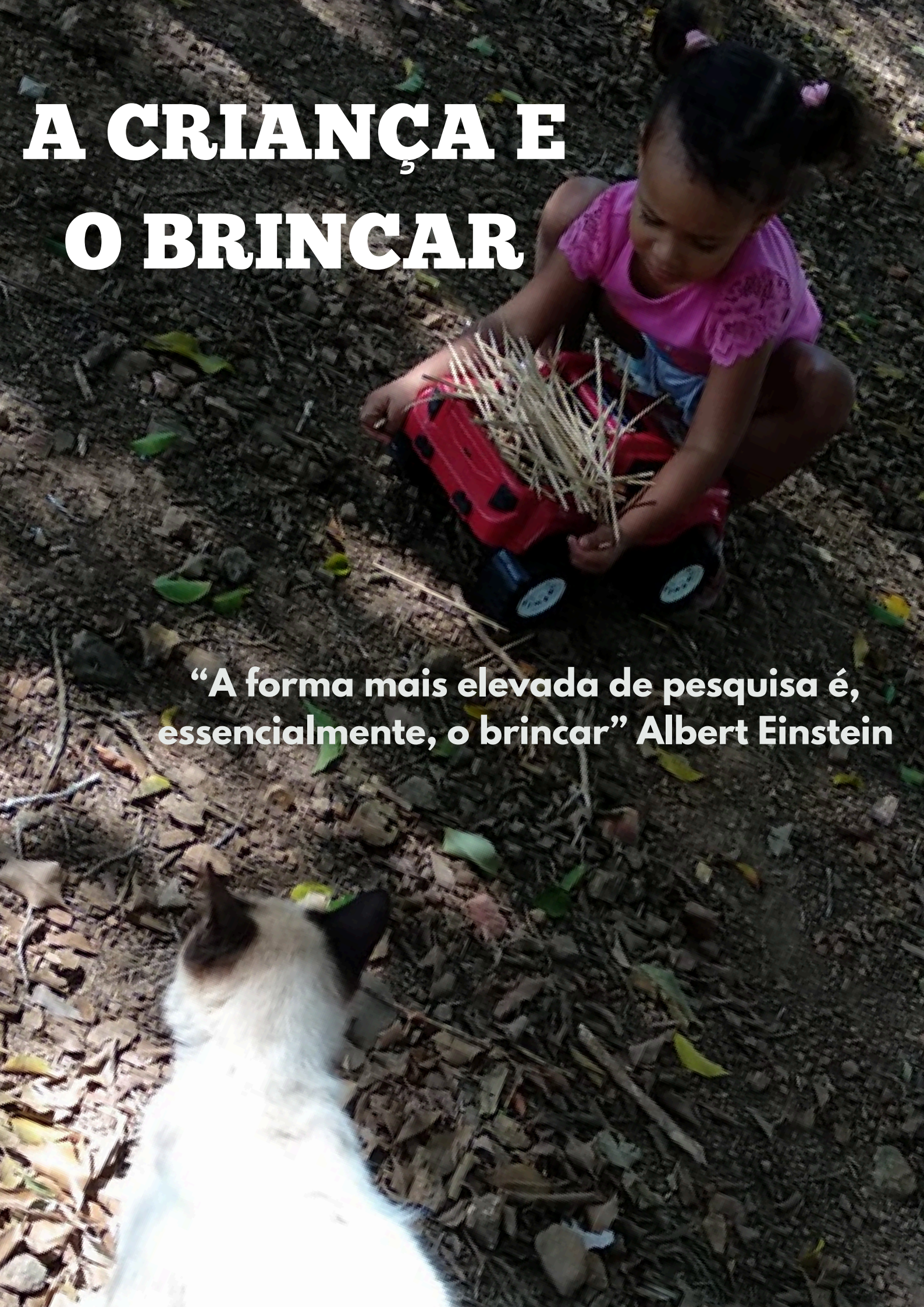
Chegado o momento da realização da oficina, é a oportunidade de colocar em prática tudo o que foi cuidadosamente planejado. Esse é o tempo de interação direta com os participantes, onde as propostas ganham vida por meio das experiências vividas. É importante manter uma postura flexível, respeitando o processo, saberes e participação de cada sujeito.

4º PASSO – AVALIAR

Após a realização da oficina, é imprescindível promover momentos de avaliação que provoquem a reflexão sobre os processos vivenciados. A avaliação não deve se limitar à verificação de resultados, mas deve alcançar a análise da participação, aprendizagem e das emoções mobilizadas durante a atividade.

A CRIANÇA E O BRINCAR

**“A forma mais elevada de pesquisa é,
essencialmente, o brincar” Albert Einstein**



A criança e o brincar

As crianças são sujeitos ativos que constroem suas relações por meio da interação com o ambiente. Nesse processo, o brincar assume um papel fundamental, pois é através dele que a criança explora, experimenta e se movimenta, contribuindo também para seu desenvolvimento. Esse processo do brincar faz-se ainda mais intenso quando em contato com os elementos da natureza, os quais estimulam a imaginação e criatividade para as crianças. Machado e Ourique (2018) expõem que as crianças interagem com a natureza e a transforma por meio da imaginação e criatividade, então uma árvore pode tornar-se um castelo. Assim, as crianças vão percebendo cada elemento que constitui seu contexto de vida.

Tiriba (2010, p. 6) afirma que “[...] a natureza é a vida que se expressa em todos os seres, coisas e fenômenos.” Assim, as crianças gostam de estar ao ar livre, brincando, tocando os elementos naturais, interagindo e alcançando descobertas, porque essas também são natureza. Dessa forma, a natureza é vida, é movimento, é criação. Esse contato da criança com a natureza, através do brincar constrói uma percepção afetiva da criança sobre a natureza, fortalecendo a ideia do cuidar direcionado aos elementos que constituem o ecossistema.

Desse modo, a infância possui como principal atividade o brincar. E quando esse brincar é em contato com o mundo natural, torna-se ainda mais marcante. Esta seção é marcada por momentos em que a criança se entrega ao brincar imersa na natureza, explorando, inventando e se conectando com o ambiente ao seu redor de forma espontânea e autêntica. As fotografias capturam esses momentos únicos, revelando o olhar curioso e a alegria genuína das crianças enquanto exploram, tocam e interagem com a natureza em seu entorno.

1. A CRIANÇA E O BRINCAR

1.1 Objetivos

- Promover vivências do brincar livre em um ambiente com elementos naturais marcantes.

1.2 Escolha do local

- Vivenciar a oficina do brincar em um ambiente diferente é extremamente favorável, pois gera novos estímulos sensoriais, afetivos e sociais para os sujeitos. Um espaço com áreas abertas, onde possam correr e interagir com o ambiente amplia as possibilidades do brincar e favorece experiências significativas de conexão com o ambiente.

1.3 Materiais

- Transporte para deslocamento (se considerar necessário);
- Água, alimentos saudáveis;
- Tapete/Forros para o chão;
- Brinquedos, a exemplo de uma bola;
- Papel e caneta para anotações;
- Celular ou câmera para registros.

É essencial que você analise cuidadosamente o planejamento da oficina para verificar a necessidade de recursos adicionais, como transporte, alimentação, autorizações ou apoio de equipe.

1.4 Desenvolvimento da Oficina

A oficina acontece através de 3 momentos: acolhimento através de roda de conversa, piquenique coletivo e momentos do brincar livre.

- **Acolhimento**

O acolhimento é realizado por meio de uma roda de conversa, promovendo uma sensibilização inicial que favorece a vivência do momento de forma harmoniosa, permitindo a conexão dos participantes com o espaço e com seus pares.

Nessa Roda de Conversa deverá ser feita uma breve apresentação do espaço e refletir sobre as atividades que serão desenvolvidas.

- Ao chegar no ambiente, convide as crianças para formarem uma roda ;
- Realize uma reflexão sobre o espaço em que estão, as características visíveis;
- Apresente as atividades que serão realizadas;
- Estimule as crianças para expressarem as expectativas que elas possuem referente aquele momento;
- Realize uma dinâmica corporal, exemplo: esticar os braços, realizar pequenos pulinhos, balançar pernas.

Possíveis adaptações:

Para iniciar a oficina, podem ser realizadas atividades sensoriais, como meditação guiada e exploração de texturas e sons da natureza, que ajudam a acalmar e conectar as crianças ao momento e ao ambiente. Além disso, a contação de histórias com temas socioambientais estimula a imaginação

- **Piquenique**

Após a roda de conversa, é o momento de realizar o piquenique com o intuito de fortalecer o momento coletivo proporcionando uma vivência significativa de convivência e partilha entre os participantes. Esse momento convida as crianças a se reunirem em um espaço ao ar livre, sentadas em círculo sobre toalhas, esteiras ou mantas, apreciando alimentos saudáveis.

Como exemplo da realização do piquenique é possível mencionar a vivência na comunidade Roça Nova, Paripiranga (BA).

Figura 1 –Piquenique na comunidade Roça Nova



Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2024)

Trata-se de um instante simbólico e ecossistêmico, que favorece a conexão com a biodiversidade ao redor. Além de fortalecer as relações coletivas, esse tempo de partilha é conectado ao universo do brincar, pois amplia as possibilidades de interação entre as crianças, preparando-as de forma sensível e afetuosa para as vivências lúdicas que virão.

Realização do Piquenique

- Prepare o espaço com toalhas ou esteiras, cestos, potes, alimentos ; (Convide as crianças para ajudar a montar a estrutura)
- Sentem-se em formando um círculo;
- Apresente os alimentos para as crianças, as características naturais, textura, cores. (Caso seja um lanche partilhado, peça que cada criança apresente o alimento que levou);
- Momento de saborear os alimentos;
- Importante refletir sobre o descarte correto dos resíduos no ambiente;

Possíveis adaptações:

Nesse momento, podem ser realizadas diferentes atividades conectadas ao piquenique, como a contação de histórias, rodas musicais ou um piquenique sensorial com alimentos de cores, formas e texturas variadas.

- **O brincar livre**

Após o piquenique, é chegado o momento das crianças explorarem o ambiente de forma livre. Essa vivência permite o surgimento espontâneo do brincar, com momentos de descobertas, como o encontro com frutas nativas, o contato com animais do local e o despertar de curiosidades. O brincar livre, nesse contexto, foi potencializado pela diversidade do espaço natural, favorecendo a autonomia, a imaginação e a conexão com a natureza.

Para a realização do brincar livre:

- 1) Solicite que a partir do diálogo e consenso as crianças decidam uma brincadeira para todos vivenciarem;
- 2) Vivenciem a brincadeira juntos;
- 3) Posterior a alguns minutos, permita que cada criança se direcione ao que tem interesse no momento (contato com uma árvore, brincar com gravetos, sentar-se, correr)
- 4) Após observar esses momentos, escolham brincadeiras coletivas a gosto das crianças (passa anel, bola, estátua) para vivenciarem

Como exemplo de alguns momentos do brincar livre é possível mencionar os momentos na comunidade Roça Nova, Paripiranga (BA), onde essa oficina foi realizada.

Figura 2 - Crianças brincando de estatua



Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2024)

Figura 3 - Crianças brincando de passa-anel



Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2024)

O Brincar nas palavras da criança

“Eu gosto mesmo é de brincar
eu não ligo pra celular
meu irmão não gosta de sair de casa
só fica lá na televisão ou no celular
eu mesmo prefiro ficar aqui fora
brincar de estátua, brincar de bola
gosto de morar aqui porque tenho liberdade
mas sei que pra viver no planeta
também é preciso cuidar
cuidar agora enquanto crianças
e no futuro quando adultos”

(G. 11 anos)



Planejamento da oficina

LOCAL	MOTIVO DA ESCOLHA DO LOCAL
Área livre para atividades do brincar	Proporcionar vivências em um espaço com função social diferente.
Atividade	Objetivo
Roda de conversa	Promover a escuta, o diálogo e a sensibilização ambiental
Piquenique coletivo	Construir vivências naquele espaço.
Momentos do brincar livre	Fortalecer vínculos entre as crianças e vivências significativas através do brincar

Possibilidades para avaliação

Para avaliar a oficina *A Criança e o Brincar*, é fundamental escutar as crianças: perguntar sobre as sensações que vivenciaram, os momentos de que mais gostaram e o que despertou seu interesse. Isso porque a proposta da oficina vai além da aquisição de conhecimentos, ela se baseia nas vivências do brincar, no sentir, no experimentar e no estar presente. Por isso, a principal forma de avaliação é por meio das expressões das próprias crianças, sejam falas, gestos, desenhos ou outras formas espontâneas de manifestação.

A importância da oficina está nas vivências que ela proporciona às crianças e nos estímulos positivos que favorecem seu desenvolvimento integral. Por meio do brincar, do contato com a natureza e da convivência com outras pessoas, a criança experimenta sensações, amplia percepções e constrói aprendizagens significativas. Cada gesto, descoberta ou interação contribui para fortalecer sua autonomia, criatividade, autoestima e vínculo com o mundo ao seu redor.

A photograph of three children playing in a natural, outdoor setting. In the foreground, a young girl with blonde hair, wearing a purple t-shirt and a purple skirt, is running barefoot on a dirt path. She is holding a small blue object in her right hand. In the background, two other children are visible: a boy in a grey t-shirt and patterned shorts, and a girl in a pink t-shirt and red shorts, both also running. They are surrounded by lush greenery, including a large tree with thick branches and many green leaves on the right side of the frame. The ground is dirt and there are some rocks. The overall scene is bright and sunny, suggesting a warm day.

A CRIANÇA E A NATUREZA

**“Não se esqueça de que a terra
gosta de sentir seus pés descalços
e os ventos anseiam por brincar
com seus cabelos” Khalil Gibran**

A criança e a natureza

O contato da criança com a natureza proporciona a essas experiências únicas. O olhar infantil revela uma percepção sensível e imaginativa dos elementos naturais. Para a criança, a natureza não é um espaço externo, mas sim um espaço com o qual se estabelece uma relação de pertencimento, afeto e constante vivências, principalmente quando é uma criança moradora do campo. O contato da criança com a natureza remete a construção de conhecimento (Tiriba; Profice, 2019).

Os momentos da criança na natureza vão além do brincar, alcançando também o modo como tratam os animais, as plantas. Nessa convivência, aprendem a respeitar, cuidar e compreender que fazem parte de um ecossistema vivo, no qual cada ser tem seu valor e importância. A convivência em meio a natureza desperta a reflexão sobre a conduta que deve-se ter com esses elementos, contribuindo para uma sensibilização ecológica, responsabilidade coletiva e formação humana.

Esta seção irá mostrar que a percepção das crianças sobre o mundo natural, através de ilustrações. Essas imagens revelam não apenas o que as crianças veem, mas, sobretudo, o que percebem, valorizam e sentem em relação à natureza. Os desenhos são narrativas, que demonstram as experiências individuais e coletivas vivenciadas e internalizadas pelas crianças. Desse modo, Prestes e Oliveira (2023) expõem que os desenhos são ferramentas amigáveis ao universo infantil, sendo possível analisar conceitos e ideias manifestadas pelas crianças.

2. A CRIANÇA E A NATUREZA

1.1 Objetivos

Analisar os diversos elementos naturais presentes na comunidade identificando suas características, funções ecológicas e relações com o modo de vida local.

1.2 Escolha do local

Para a realização de uma oficina com foco na análise dos elementos naturais é importante dispor de um espaço dentro da própria comunidade que permita a realização de uma análise direta, possibilitando a observação e reflexão sobre os diversos aspectos da natureza presentes no cotidiano local. Esse ambiente deve favorecer o contato com elementos naturais e socioambientais, como plantas, animais, terrenos, resíduos e construções, para uma compreensão integrada da realidade vivida.

1.3 Materiais

- Água;
- Tapete/Forros para o chão;
- Papel e lápis coloridos
- Celular ou câmera para registros.

É essencial que você analise cuidadosamente o planejamento da oficina para verificar a necessidade de recursos adicionais, como transporte, alimentação, autorizações ou apoio de equipe.

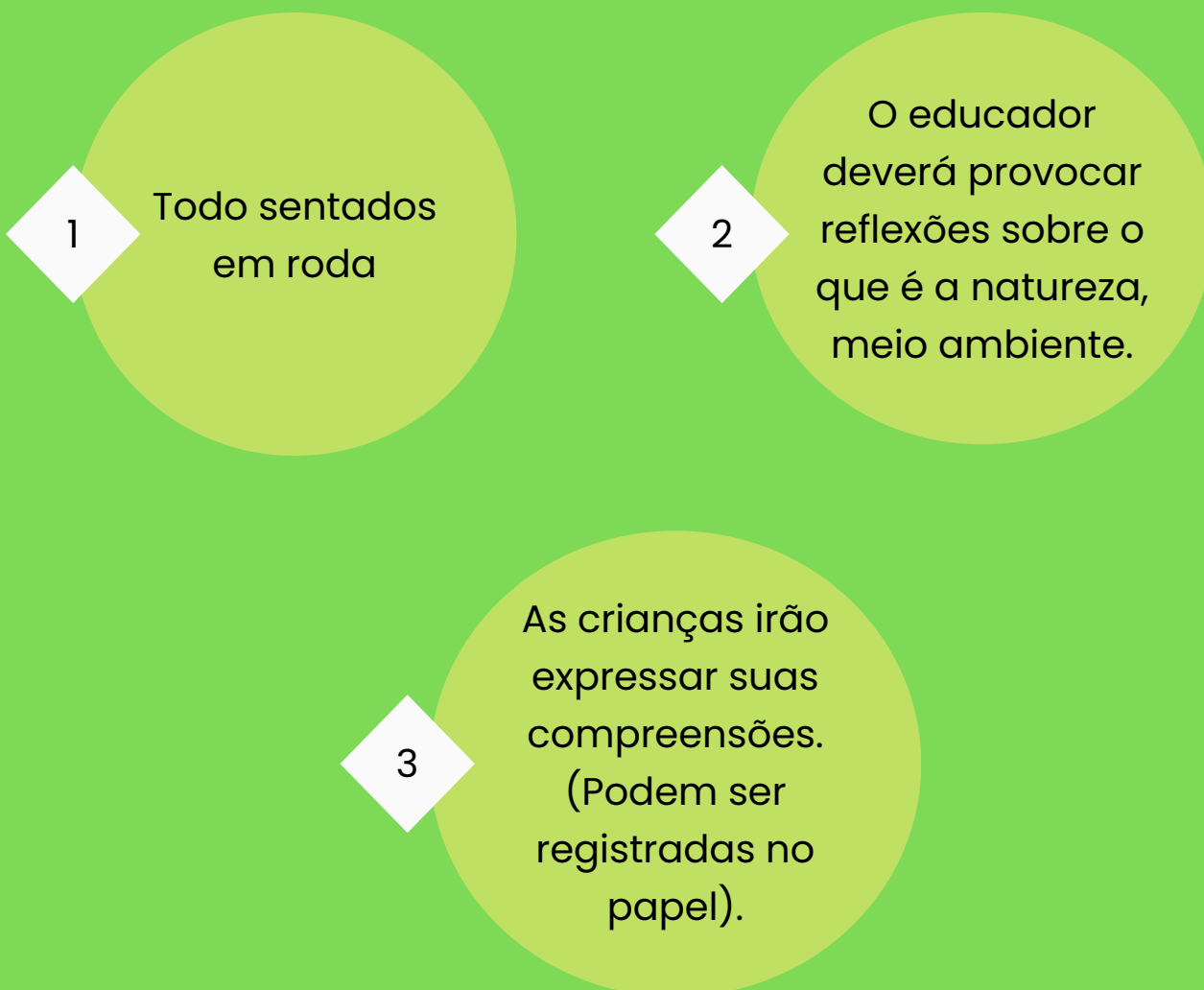
1.4 Desenvolvimento da oficina

A oficina é organizada em 3 momento: Sensibilização sobre a temática socioambiental através da roda de conversa, caminhada pela comunidade para identificar os elementos naturais e produção de ilustrações representando as compreensões dos sujeitos.

- **Sensibilização: roda de conversa**

Para realizar uma oficina para aprofundar o conhecimento sobre os aspectos naturais de uma comunidade, é fundamental promover reflexões prévias sobre o tema. Esse processo de sensibilização prepara os participantes para uma observação mais profunda e sensível dos elementos naturais, possibilitando uma análise crítica e significativa da realidade local. Também é uma forma de acessar as compreensões dos sujeitos sobre conceitos como natureza. Logo, uma das possibilidades pertinentes é a realização da roda de conversa.

Passo a Passo para realização da Roda de Conversa:



Possíveis adaptações:

Para realizar a sensibilização inicial é possível utilizar ferramentas como músicas, jogos, vídeos, imagens sobre a temática.

Como exemplo da realização de roda de conversa segue uma vivência na comunidade Sítio Correntes, Paripiranga (BA), na qual foi realizada a oficina A criança e a Natureza.

Figura 4- Roda de conversa sobre conceito de natureza



Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2024)

- **Caminhada ecológica pela comunidade**

Posterior a roda de conversa, é o momento da caminhada ecológica. Espera-se que ao realizar uma caminhada ecológica, os elementos naturais deixam de ser apenas parte da paisagem e passam a ser percebidos com mais atenção e curiosidade. As crianças, ao estarem imersas no ambiente, desenvolvem uma escuta e um olhar atento para detalhes, como o formato das folhas, o som dos pássaros, o cheiro da terra ou aos movimentos de uma formiga. Esse processo favorece não apenas o contato direto com a natureza, mas também a ampliação da percepção ambiental, despertando uma compreensão profunda sobre a interdependência entre os seres vivos e o espaço em que vivem.

Antes da realização da caminhada, é importante realizar um estudo prévio do percurso, com o objetivo de garantir a segurança dos participantes e evitar a exposição a riscos elevados. Esse reconhecimento também permite identificar os principais elementos naturais presentes na rota, facilitando a elaboração de estratégias pedagógicas para potencializar a observação e a interação durante a atividade.

Passo a Passo para realização da caminhada ecológica:



Realizar um planejamento para o percurso (Definir objetivo, elaborar uma rota, se possível ir até o local para analisar os (riscos.);



Explicar ao grupo o significado da caminhada ecológica, combinar a forma que será realizado o percurso;



Realize a caminhada, lembre-se de fazer pausas em pontos estratégicos para observar os elementos da natureza;

Possíveis adaptações:

Durante a caminhada pode ser solicitado que os sujeitos participantes recolham elementos da natureza encontrados no chão. (folhas secas, sementes, pedrinhas) para observar, tocar, sentir e refletir sobre as funções de cada elemento no ecossistema.

O olhar se torna mais atento, curioso e sensível. Ao tocar o solo, escutar os sons da mata, sentir o cheiro das folhas ou observar o voo de um inseto, a criança constrói uma conexão viva com o ambiente. Esse contato desperta sentidos, ativa a imaginação e favorece aprendizagens profundas e a sensibilização para uma postura responsável com a natureza.

Como exemplo da realização de uma caminhada ecológica segue representação da experiência na comunidade Sítio Correntes, Paripiranga (BA).

Figura 5 – Caminhada ecológica na comunidade Sítio Correntes.



Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2025)

O olhar da criança sobre a comunidade

“Moro no povoado Correntes
esse nome ainda não sei de onde vem
mas por aqui tem muitas coisas
tem mangueira, jaqueira
e junto com minha vó até feijão já plantei.
só não gosto quando jogam lixo no chão
quando vejo eu já grito:
lugar de lixo é na lixeira
cuidado com a natureza.”

(K. 10 anos)



Planejamento da oficina

LOCAL	MOTIVO DA ESCOLHA DO LOCAL
Comunidade/Local do estudo	Analisar os elementos naturais que compõem a comunidade/local
ATIVIDADE	OBJETIVO
Roda de Conversa	Dialogar sobre o conceito de natureza
Caminhada ecológica na comunidade Correntes	Identificar e analisar os elementos naturais que compõem o ecossistema da comunidade Correntes
Construção de desenhos sobre as compreensões acerca da comunidade	Alcançar as compreensões dos sujeitos sobre os elementos naturais da comunidade em que vivem
Obs.: Também foram utilizados diário de campo, caneta para anotações e celular para registros fotográficos.	

Possibilidades para avaliação

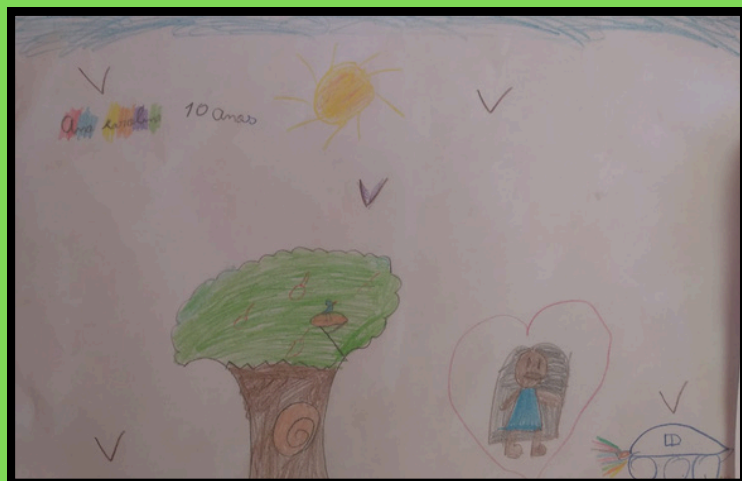
Após a realização caminhada ecológica, torna-se imprescindível avaliar as percepções das crianças em relação à experiência vivenciada. Uma estratégia eficaz é convidá-las a realizar ilustrações que representem os elementos que mais chamaram sua atenção durante o percurso. Através do desenho, as crianças expressam suas observações, sentimentos e aprendizados de forma simbólica, possibilitando ao educador identificar o que foi significativo para cada uma.

Essa atividade revela-se uma valiosa ferramenta de expressão infantil, pois os desenhos permitem acessar dimensões subjetivas, simbólicas e afetivas das experiências vividas. Por meio deles, é possível compreender não apenas o que foi observado pelas crianças, mas também como elas se conectaram emocionalmente com o ambiente e com os aprendizados proporcionados ao longo do percurso.

Esta proposta de oficina tem como propósito promover o contato das crianças com os elementos naturais que compõem sua comunidade. A partir destas orientações, espera-se que você identifique as dinâmicas que melhor se ajustam ao seu contexto e as adapte conforme as características e necessidades locais.

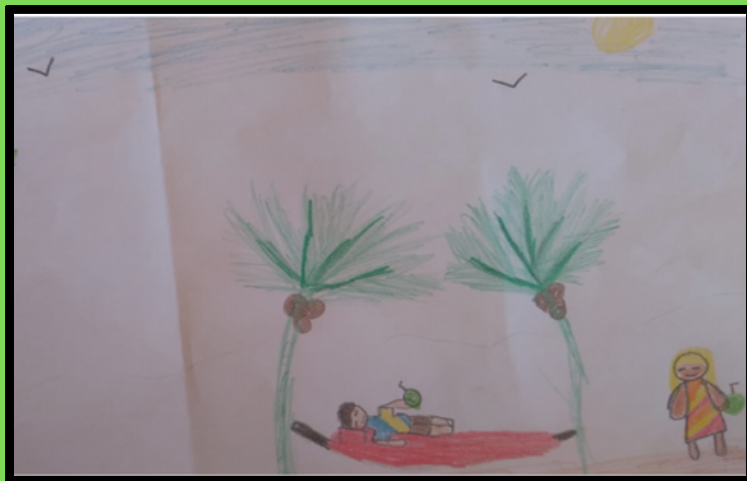
Ilustrações construídas pelas crianças da comunidade
Correntes, Paripiranga(BA) para representar as percepções
sobre a caminhada ecológica

Figura 6- A natureza



Autora: A. (10 anos)

Figura 7 - O campo enquanto local de descanso



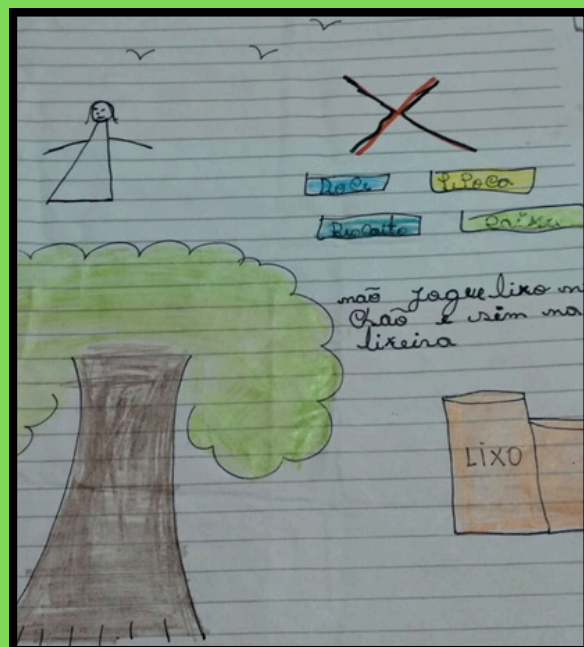
Autora: G. (11 anos)

Figura 8 - A poluição



Autor: C. (6 anos)

Figura 9 - Descarte de resíduos



Autora: L. (11 anos)



AS CRIANÇAS E AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

**“Atualmente a maior modernidade é
voltar às essências.” Léa Tiriba**

AS CRIANÇAS E AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

Para compreender o olhar da criança acerca da realidade em que vivem, é fundamental reconhecer que suas percepções vão além de observações superficiais. As crianças, ao expressarem suas vivências e entendimentos, revelam uma compreensão sensível e muitas vezes profunda das dinâmicas socioambientais que permeiam seu cotidiano. Na comunidade Correntes, esse olhar se manifesta como uma voz significativa, que alcança transformações e desafios locais, refletindo tanto as problemáticas enfrentadas quanto as expectativas para a localidade.

As manifestações escritas das crianças sobre questões socioambientais evidenciam as reflexões acerca dos impactos ambientais provocados pela ação humana, assim como das desigualdades sociais que influenciam a qualidade de vida da comunidade. Elas identificam, por exemplo, a degradação dos recursos naturais, mostrando que compreendem a importância do meio ambiente para a qualidade de vida.

Esta seção tem como objetivo revelar os olhares autênticos das crianças sobre a realidade em que vivem. Por meio de suas próprias palavras, essas crianças expressam suas percepções, sentimentos e interpretações da própria realidade, oferecendo um retrato sincero e revelador da sua experiência cotidiana.

3. A CRIANÇA E AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

1.1 Objetivo

Potencializar, por meio de vivências participativas, as compreensões das crianças sobre as relações entre comunidade e meio ambiente, fortalecendo o pertencimento, a valorização e o cuidado com a natureza e os saberes locais.

1.2 Escolha do local

Para promover experiências práticas sobre as relações entre comunidade e meio ambiente, é fundamental a escolha de locais que favoreçam vivências significativas. Esses espaços devem possibilitar o diálogo, o contato direto com práticas de conservação e a compreensão de realidades ligadas à gestão comunitária do território, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento e para a ampliação das interações com diferentes contextos do campo.

Possíveis adaptações:

Analise a possibilidade de realizar esta oficina em uma comunidade que pratique cuidados socioambientais, consultando previamente a liderança local para alinhar combinados e objetivos dessa atividade pedagógica.

1.3 Materiais

- Transporte para descolamento (se necessário);
- Papel e caneta para anotações;
- Celular para registros fotográficos;

1.4 Desenvolvimento da oficina

A oficina “Criança e Questões Socioambientais” está estruturada em três etapas: acolhimento, roda de conversa e caminhada exploratória.

- **Acolhimento – Roda de Apresentação**

Por se tratar de uma atividade realizada em uma comunidade diferente, é recomendável articular com a comunidade anfitriã a realização de uma Roda de Apresentação como forma de acolhimento, fortalecendo o encontro entre os sujeitos e promovendo uma aproximação inicial respeitosa e significativa. Para realizar a Roda de Apresentação, siga as etapas descritas abaixo:

- 1) Formar uma roda com as pessoas;
- 2) Peça para cada pessoa dizer seu nome, de onde vem, e o que espera aprender ou conhecer, pode adaptar com outras perguntas.

Possíveis adaptações:

É possível realizar também uma roda cantada para acolher e partilhar aspectos da cultura local.

- **Roda de conversa:**

Após o acolhimento, dá-se início à roda de conversa, um momento importante para aprofundar as discussões sobre a vida em comunidade. Este espaço de escuta e fala é dedicado à troca de saberes, onde os participantes compartilham experiências sobre os modos de viver coletivamente, os papéis sociais que exercem e as práticas cotidianas de cuidado com o meio ambiente.



Para realizar uma roda de conversa:

01

**ORGANIZE UM ESPAÇO
TRANQUILO:
UM ESPAÇO AO AR LIVRE
OU
UM ESPAÇO DA ASSOCIAÇÃO
NA COMUNIDADE VISITADA,
ONDE TODOS POSSAM FICAR
SENTADOS E EM CÍRCULO**

02

**REALIZE O ACOLHIMENTO DOS
SUJEITOS ATRAVÉS DE UMA
MÚSICA, CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS OU DINÂMICA
RELACIONADA A TEMÁTICA
SOCIOAMBIENTAL**

03

**APRESENTE A TEMÁTICA E
ESTIMULE A PARTICIPAÇÃO DOS
SUJEITOS ATRAVÉS DE
PERGUNTAS ABERTAS**

- **Percurso de vivências socioambientais**

Após a roda de conversa, realiza-se o *percurso de vivências socioambientais*, momento em que os participantes conhecem práticas concretas da comunidade relacionadas ao cuidado com o meio ambiente. Podem ser visitados espaços como hortas, sistemas de captação de água da chuva ou áreas de reservas naturais. Esse percurso tem como objetivo permitir que as crianças e demais participantes visualizem, compreendam e se conectem com as ações concretas de cuidado com a natureza e de organização da comunidade.

Como exemplo desse momento prático, destaca-se a experiência vivenciada na comunidade Cajueiro.

Figura 10 – Percurso de vivências socioambientais na Comunidade Cajueiro



Fonte: Souza, Estefany Gabriele Pereira (2025)

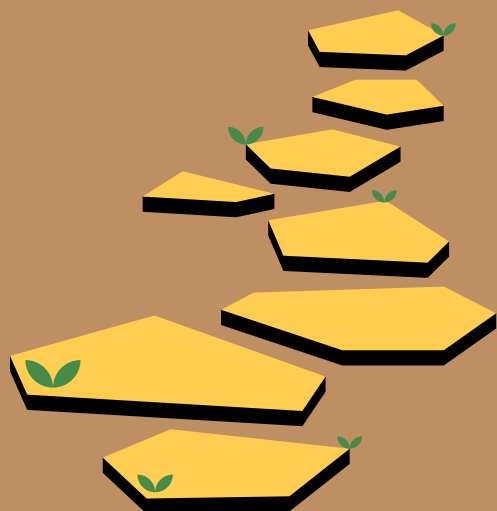
Realize o Percurso de Vivências Socioambientais através dos seguintes passos:

1 Escolha dos espaços a serem visitados a partir da articulação com membros da comunidade anfitriã

2 Explicar o objetivo do percurso para os sujeitos, retomando pontos discutidos na roda de conversa e estimulando uma observação atenta

3 Realização do percurso com paradas em pontos-chave (horta, sistema de captação de água, quintais produtivos), com falas de moradores e interação com o ambiente.

4 Fechamento da atividade através de reflexões sobre a experiência para fortalecer aprendizagens e retomar a importância das ações socioambientais.



Planejamento da oficina

LOCAL	MOTIVO DE ESCOLHA DO LOCAL
Comunidade do campo, com práticas de conservação socioambiental	Apresentar aos sujeitos uma comunidade agrícola que pratica a conservação ambiental por meio da organização coletiva e saberes tradicionais, ampliando sua visão sobre formas sustentáveis de viver e cuidar da natureza.
ATIVIDADE	OBJETIVO
Acolhimento – Roda de Apresentação	Acolher os sujeitos para o processo de imersão na comunidade
Roda de Conversa	Diálogos sobre situações que permeiam as comunidades
Percurso de vivências socioambientais	Conhecer de forma aprofundada as práticas da comunidade e os saberes socioambientais
Obs.: Também foram utilizados diário de campo, caneta para anotações e celular para registros fotográficos.	

Fonte: SOUZA, Estefany Gabriele Pereira (2025)

A visão socioambiental da criança

“Acho triste quando queimam
quando jogam lixo na rua
e quando matam os animais
não sei o que fazer
a gente criança aprende
mas esses adultos parece que
não aprendem mais”

(W. 11 anos)



Possibilidades para avaliação

A oficina está organizada através de 3 etapas: Acolhimento por meio da Roda de Apresentação ou respectiva atividade que deseje realizar, Roda de Conversa e Percurso de Vivências Socioambientais. Posterior a execução da oficina é importante realizar o processo de avaliação das percepções e compreensões dos sujeitos participantes, logo é sugerido a realização de uma “Roda de impressões”, mas você pode refletir sobre os processos de avaliação que mais se adequa a sua realidade e atende seus objetivos.

Sobre a Roda de Impressões

Objetivo: Coletar as percepções e sentimentos de cada um sobre as vivências a partir da oficina;

Formas de avaliação: Avaliar as expressões verbais e corporais das crianças sobre os momentos vivenciados na oficina;

Para realizar a avaliação:

- As crianças deverão ser organizadas em um círculo;
- É importante instigar as crianças a falarem o que descobriram, sentiram e as expectativas que construíram a partir da oficina. (Pode utilizar questionamentos para instiga-las)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material constitui um guia de oficinas pedagógicas, uma ferramenta que inspira práticas educativas que abordam de forma crítica e sensível as temáticas socioambientais. A proposta fundamenta-se na valorização da participação ativa das crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, capazes de observar, refletir e agir sobre a realidade em que vivem.

As oficinas aqui apresentadas são concebidas a partir de valores como o diálogo, a escuta atenta, a coletividade e o respeito à diversidade de saberes, buscando integrar teoria e prática de maneira significativa. Cada criança foi convidada a escrever um trecho, revelando por meio de suas palavras aquilo que observaram, sentiram e compreenderam ao longo das vivências, essas produções estão presentes na composição desse material, representando as compreensões significativas que as crianças possuem. Ao promover experiências que relacionam as crianças ao ambiente e à comunidade, este guia pretende contribuir para a construção de práticas e a formação de sujeitos sensíveis às questões socioambientais.

Fica para você, leitor, a oportunidade de se inspirar nessas práticas vivenciadas e refletidas ao longo deste guia, adaptando-as de forma criativa e sensível à sua realidade. Mais do que reproduzir ações, trata-se de construir um diálogo ativo com os saberes locais, valorizando a diversidade cultural e ambiental que permeia cada comunidade. Ao promover discussões socioambientais especialmente no âmbito da educação não formal, você contribui para formar sujeitos críticos, sensibilizados e comprometidos com a conservação do meio ambiente e a justiça social. Que essas experiências sirvam como sementes para fortalecer vínculos entre pessoas, territórios e modos de viver, estimulando a construção de uma sociedade que respeita vida em suas múltiplas expressões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KRAMER, Sonia. Democracia em risco: o lugar da educação, da infância e da experiência. In: **38ª Reunião Anual da ANPED**, 2017, São Luís, MA. Sessão Especial. São Luís, MA: ANPED, outubro 2017.

MACHADO, A. M.; OURIQUE, M. C. **A. Educação infantil: políticas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

OLIVEIRA, R. B.; PRESTES, D. C.. Desenhos infantis como ferramenta de análise da percepção sobre o meio ambiente. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 40(1), p. 96–119, 2023.

SARMENTO, Maria Isabel; PINTO, Teresa. **A construção do conhecimento na infância**: perspectivas e práticas educativas. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. Texto elaborado por solicitação da Coordenação de Educação Infantil/COEDI/SEF/MEC. Brasília: MEC, 2010.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.

TONUCCI, Francesco. **O direito de brincar**: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 234–257, jul. 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i40.6897.



